



"GRAFISMO E ILUSTRAÇÃO NOS ANOS 20"

VOL. II

APÊNDICE FOTOGRÁFICO

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
BIBLIOTECA



26172

Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

29-VIII-85



Maria Helena Gomes de Freitas

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA



12.1.1920

LEAL DA CÂMARA

14.6.1920





ANTÓNIO SOARES
4.10.1920



GEORGES LEPAPE
15.10.1921



ROCHA VIEIRA
1.1.1921



MARTINS BARATA
26.2.1921



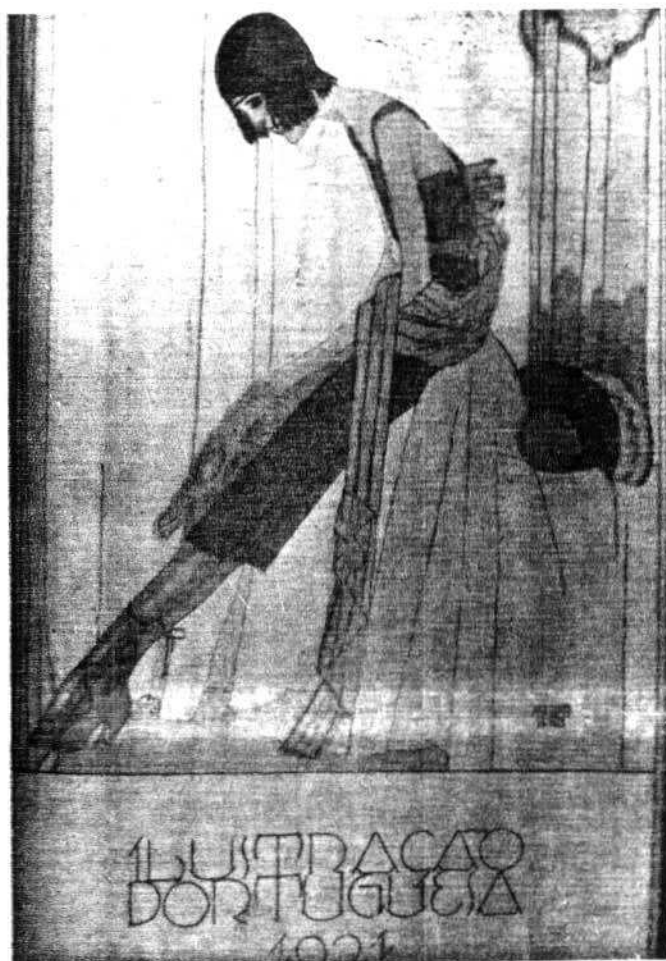
ANTONIO SOARES
29.1.1921



ANTONIO SOARES
15.11.1920



ANTÓNIO SOARES
15.1.1921



ANTÓNIO SOARES
5.11.1921



ANTÓNIO SOARES
27.11.1920



ANTÓNIO SOARES
29.4.1922



ANTÔNIO SOARES
1.4.1922



ANTÔNIO SOARES
3.12.1921



Mily POSSOZ
11.3.1922



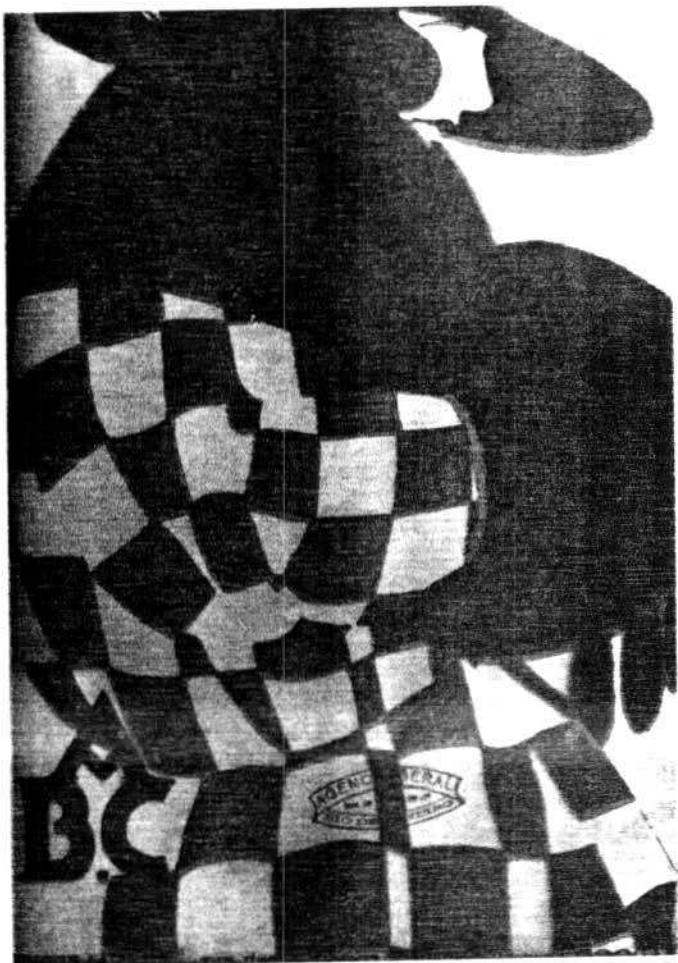
JORGE BARRADAS
7-12-1922



JORGE BARRADAS
25-11-1920



JORGE BARRADAS
18.11.1920



JORGE BARRADAS
27.1.1921



JORGE BARRADAS
16.2.1922

ABC



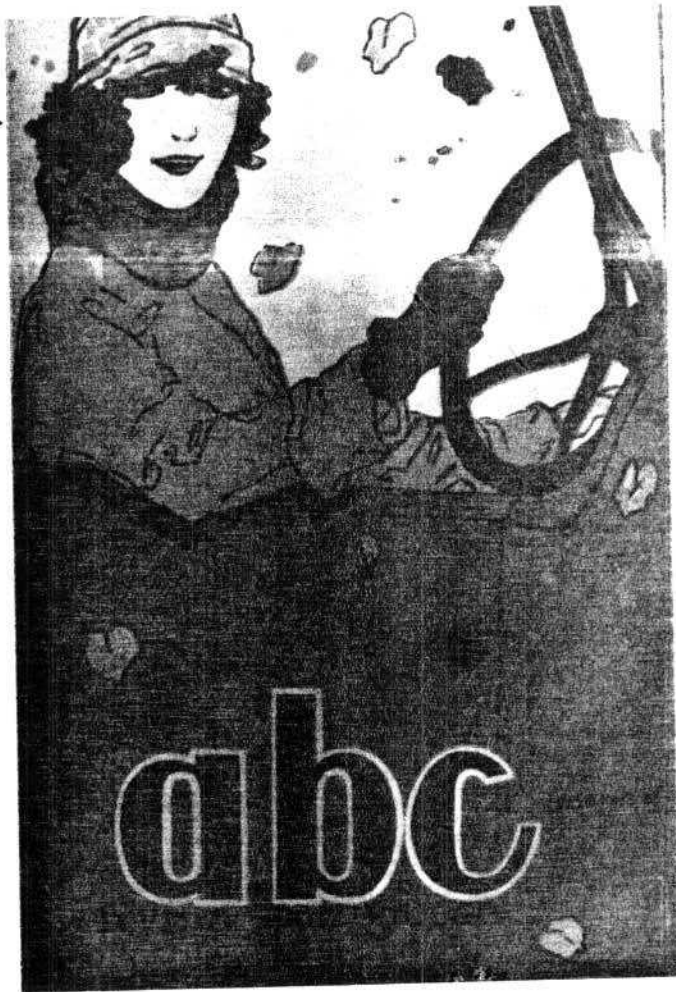
STUART
5.8.1920



STUART
23.9.1920



STUART
28.7.1921



STUART
14.10.1920



STUART
11.11.1920



STUART
10.2.1921



EMERICO
3.2.1921



EHMÉRICO
11.5.1922



EHMÉRICO
31.3.21



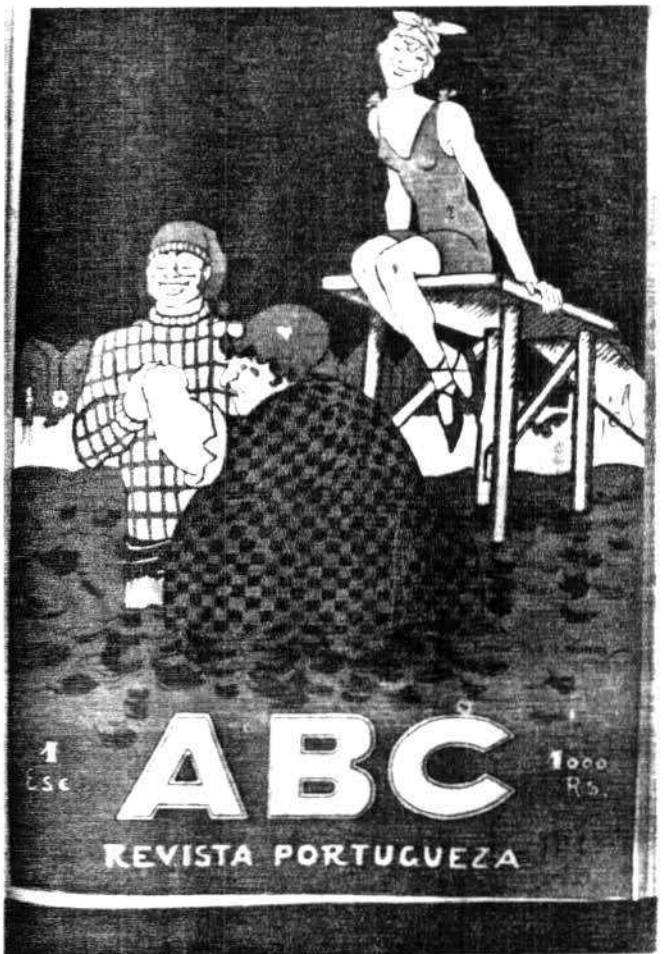
EHMÉRICO
9.8.1923



EHMÉRICO
23.8.1923



EMMÉRICO
6.9.1923



EMMÉRICO
11.10.23

AMÉRICO
14.6.1923



JORGE BARRADAS
17.7.1924



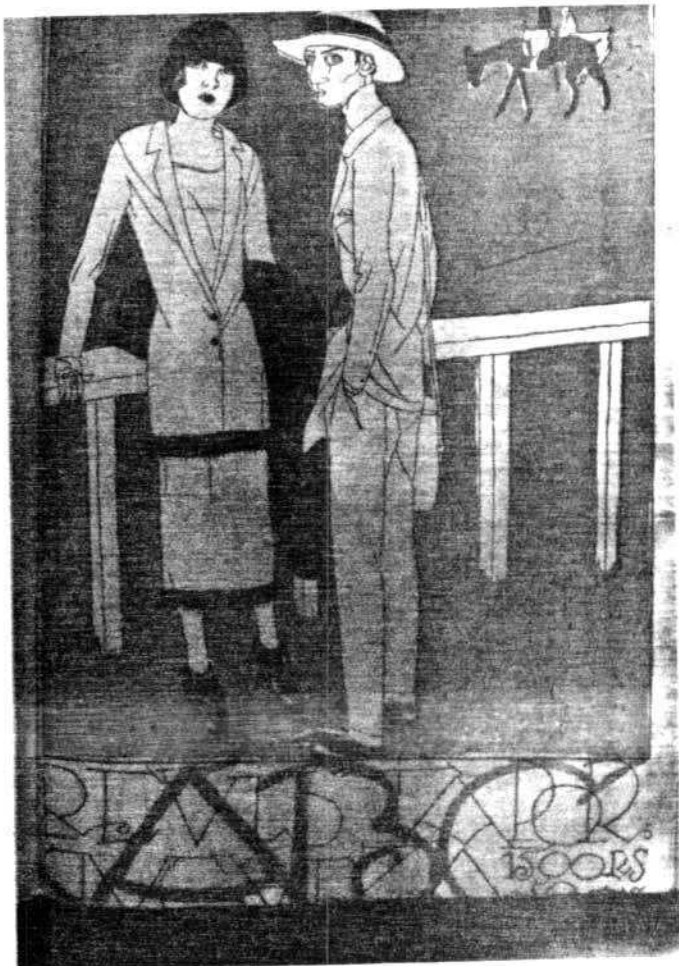
JORGE BARRADAS
5.7.1923



JORGE BARRADAS
7.5.1925



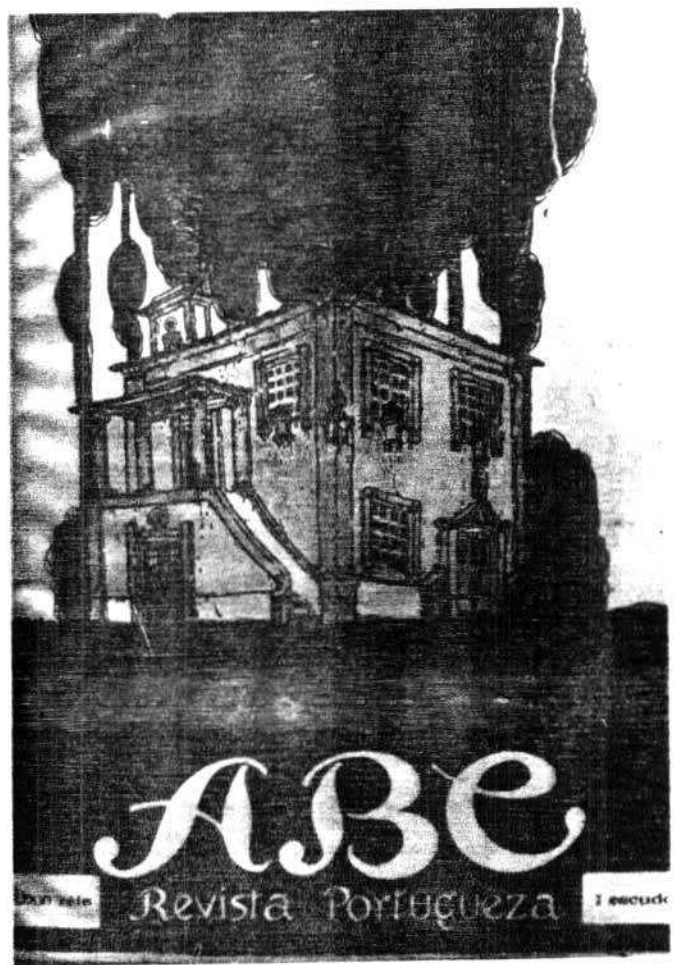
JORGE BARRADAS
16.7.1925



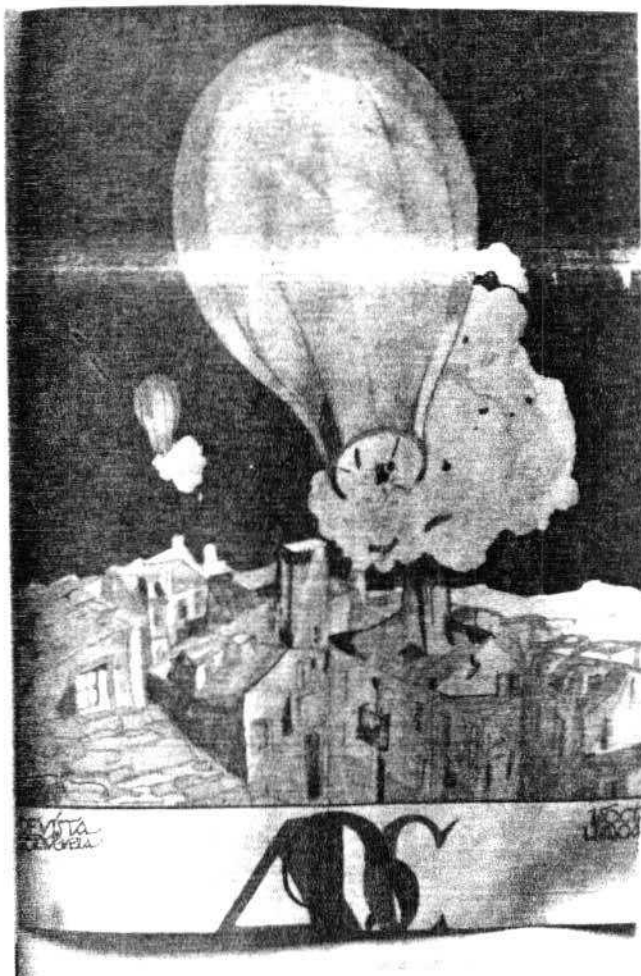
JORGE BARRADAS
16.10.1924



JORGE BARRADAS
8-5-1924



JORGE BARRADAS
4-1-1923



JORGE BARRADAS
17.6.1926



JORGE BARRADAS
8.11.1923



JORGE BARRADAS
12-6-1924



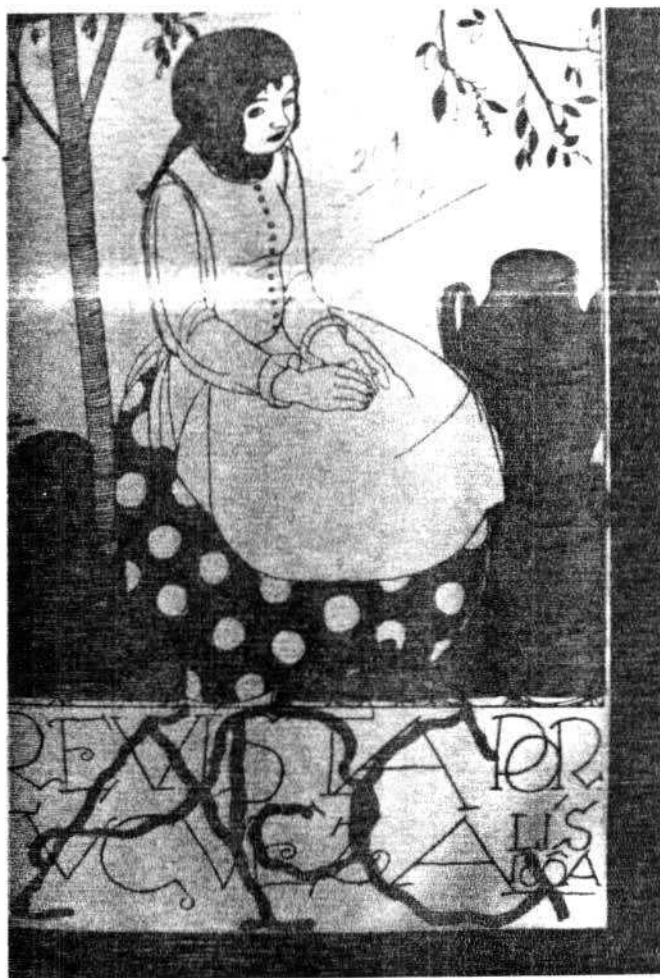
JORGE BARRADAS
26-2-1925



JORGE BARRADAS
11-12-1924



JORGE BARRADAS
28-10-1926



JORGE BARRADAS
17.9.1925



EHMÉRICO
16.12.1926



ROBERTO NOBRE

4-6-1925



ROBERTO NOBRE

11.3.1926



EHMÉRICO
3.2.1927



JORGE BARCADAS
28.4.1927



JORGE BARRADAS
21-7-1927



JORGE BARRADAS
10-3-1927



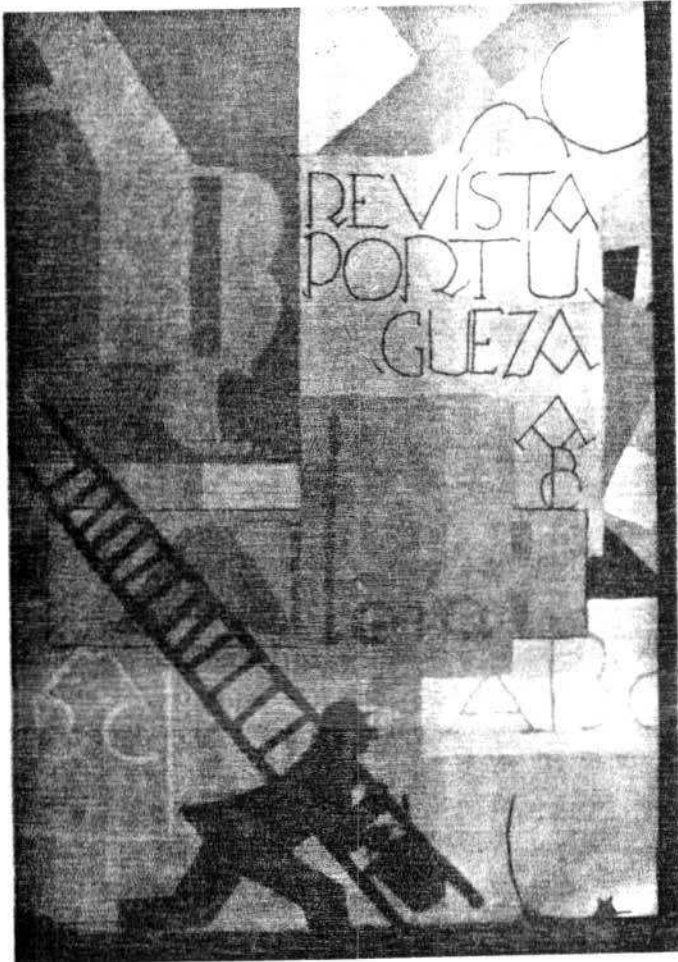
JORGE BARRADAS
23-6-1927



JORGE BARRADAS
31-5-1928



JORGE BARRADAS
30.8.1928



JORGE BARRADAS
10.5.1928



JORGE BARRADAS
27.9.1928



JORGE BARRADAS
27.10.1927



TOM
30.5.1929



ILBERINO DOS SANTOS
14.11.1929



AUGUSTO SILVA
29.8.1929



ILBERINO DOS SANTOS
17.10.1929



JULIO DE SOUSA
12.12.1929



BOTELHO
18.4.1929



TOM
1.8.1929



JORGE BARRADAS
ABRIL/1925



BERNARDO MARQUES
MAIO/1925

ILUSTRAÇÃO



ALFREDO MORAES
1-5-1926



JORGE BARRADAS
1-12-1926

ILUSTRAÇÃO



JORGE BARRADAS
1.7.1927

2.º ANO
N.º 100

1.º de Julho de 1927

7.ª FEIRA DE MAIOR TRAFEGAM A EMANSAÇÃO

PREÇO
400

ILUSTRAÇÃO



JORGE BARRADAS
1.9.1927

ILUSTRAÇÃO



JORGE BARRADAS
16.10.1927

2º ANO
NÚMERO 11

Quinta-feira de Outubro de 1927

28

ILUSTRAÇÃO



JORGE BARRADAS
16.4.1928

ILUSTRAÇÃO



JORGE BARRADAS
16.6.1928

1928 Junho de 1928



JORGE BARRADAS
16.1.1929



EMHÉRICO
1-3-1927



STUART
1-10-1929

NUM. 100 1 de Outubro de 1929 PREÇO 400



BERNARDO HARGUES
16.5.1926



ANTÓNIO LINO
1.9.1930



ROBERTO NOBRE

16.2.1928



ROBERTO NOBRE

1.5.1928

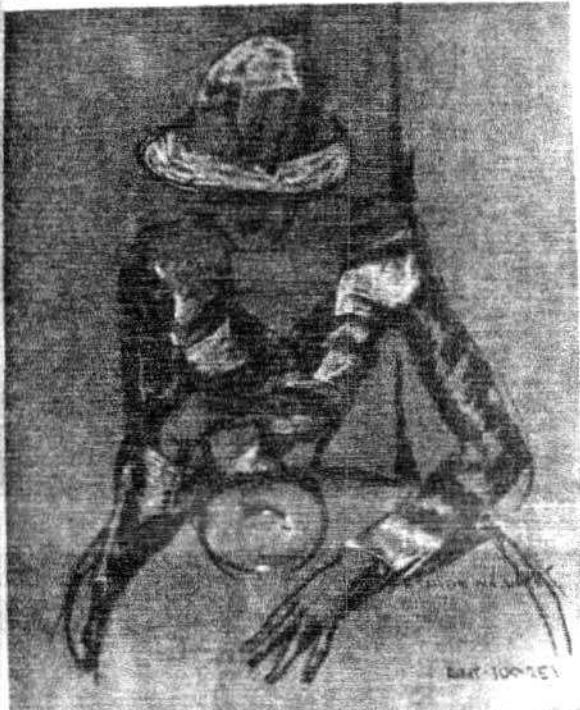
ILUSTRAÇÃO



ALMADA NEGREIROS
16.2.1929

PREÇO

LUSTRACÃO



ANTÓNIO SOARES
1-12-1930

A N O Lisboa, 1 de Dezembro de 1930 Numero
 - 5.º - PREÇO - 4500 - 119 -
 A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E ENFANCO



ANTÓNIO SOARES
1.12.1929

ILUSTRAÇÃO



ANTÓNIO SOARES
1-2-1930

ILUSTRAÇÃO



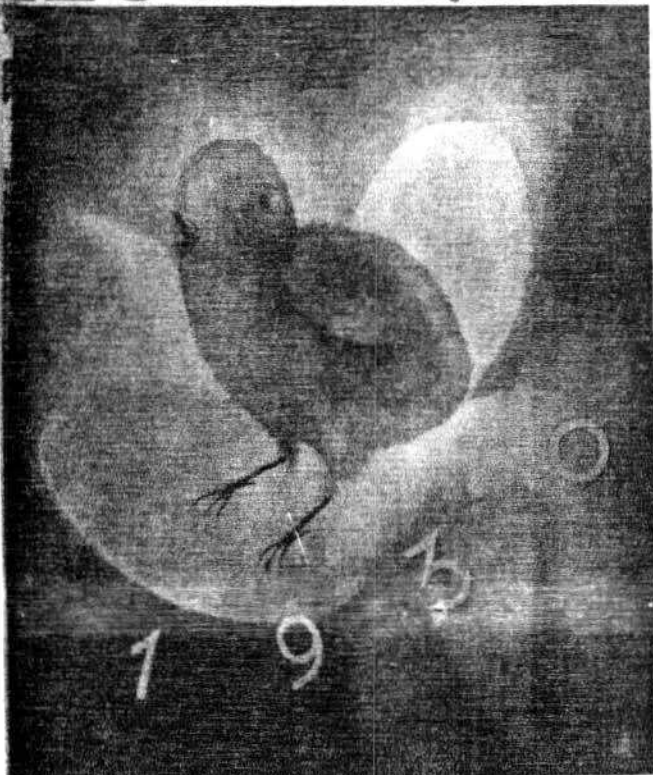
ANNO
N.º MCMXXIX

Lisboa, 1.º de Fevereiro de 1929

PREÇO
48.00

ANTÓNIO SOARES
1.2.1929

ILUSTRAÇÃO



5.º ANO
N.º MCMXXX

Lisboa, 1.º de Janeiro de 1930

PREÇO
48.00

A REVISTA ILLUSTRADA DE BARRIS, TEBEAS E JARDINS

KRADOLFER
1.1.1930

MAGAZINE BERTRAND

MAGAZINE BERTRAND



ANTÓNIO SOARES
NOV./1930

2. Série - Ano IV Novembro de 1930 N. 47 Esc. 5500
O "MAGAZINE" MAIS LIDO DA LÍNGUA PORTUGUESA

MAGAZINE BERTRAND



ANTÓNIO SOARES
JUL/1930

Julho de 1930 N. 41 Esc. 5500
MÁS LIDO DA LÍNGUA PORTUGUESA

MAGAZINE

BERTRAND



ILBERIVO DOS SANTOS
AGO/1930

2.ª Série - Ano IV

Agosto de 1930

N.º 44 - Esc. 5800

O "MAGAZINE" MAIS LIDO DA LÍNGUA PORTUGUESA

MAGAZINE

BERTRAND

LEITURA PARA TODOS



ALMADA NEGREIROS
JAN/1929

1.ª Série - Ano III

Janeiro de 1929



JORGE BARRADAS
NOV./1929

MAGAZINE
BERTRAND
LEITURA PARA TODOS

JORGE BARRADAS
JUN/1927



MAGAZINE
BERTRAND
LEITURA PARA TODOS



EMMÉRICO
JUN./1929

Junho de 1929 N.º 30 - Esc. 120
O ANIMAL DO BOM LADO DA LÍNGUA PORTUGUESA

MAGAZINE
BERTRAND
LEITURA PARA TODOS



RODOLFO
JUL./1927

1.ª Edição - 1.º Ano

Julho de 1927
LIVRARIAS ATLANTIC E BERTRAND



704
AGO./1929



JOSÉ ROCHA
SET./1929



JOÃO CARLOS
SET./1950

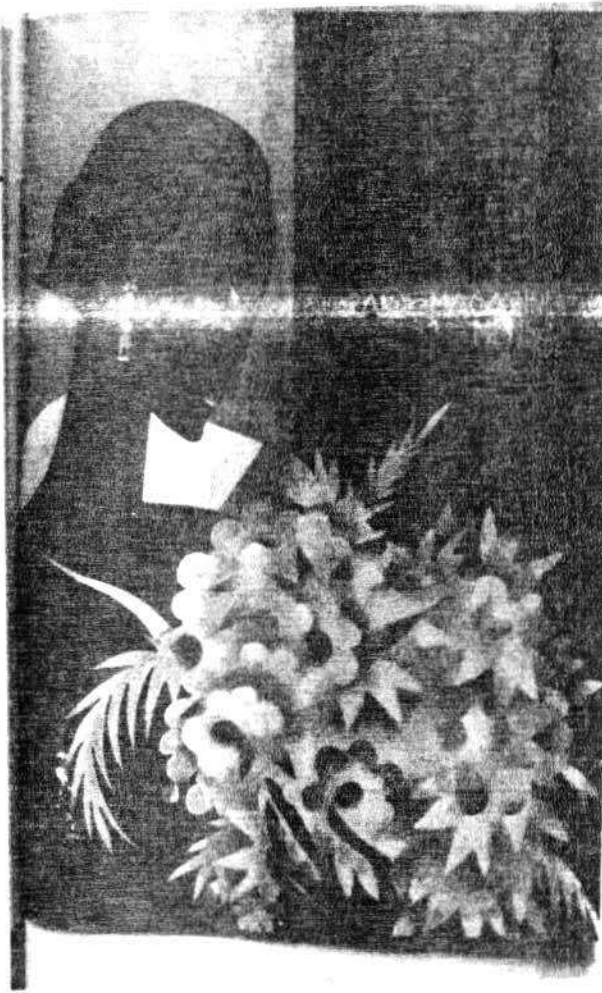
CIVILIZAÇÃO



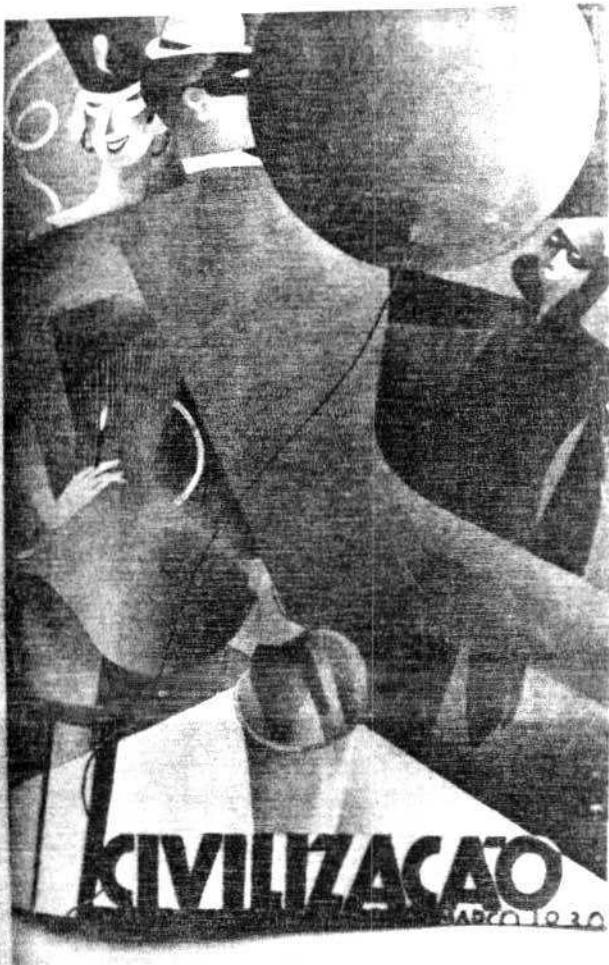
BERNARDO MARQUES
1.7.1928



BERNARDO MARQUES
JAN. / 1929



BERNARDO MARQUES
ABR./1929



BERNARDO MARQUES
MAR./1930



LINO ANTÔNIO
SET./1928



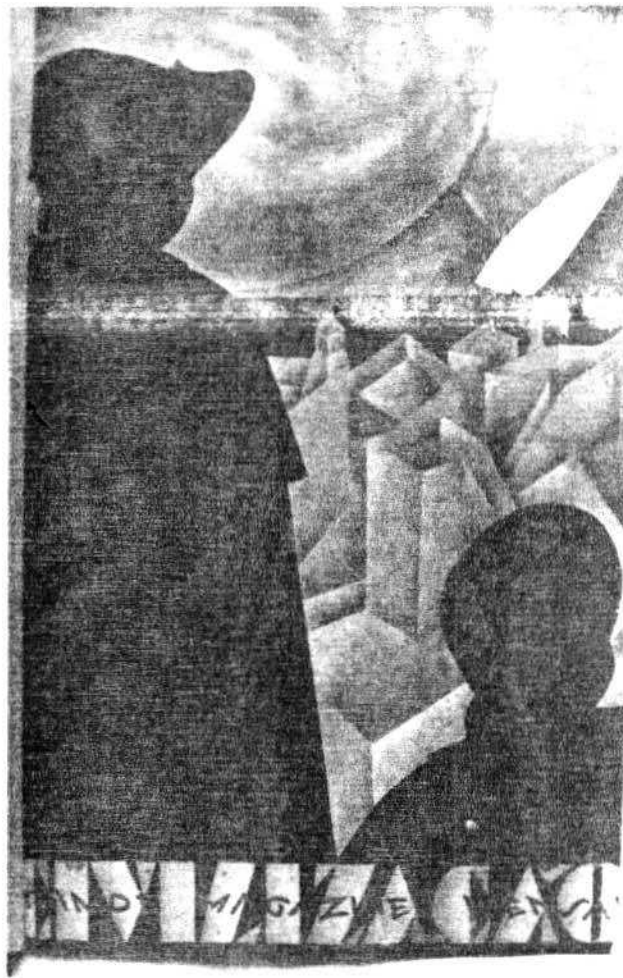
BERNARDO MARQUES
AGO/1929



BERNARDO MARQUES
AGO. / 1930



ROBERTO NOBRE



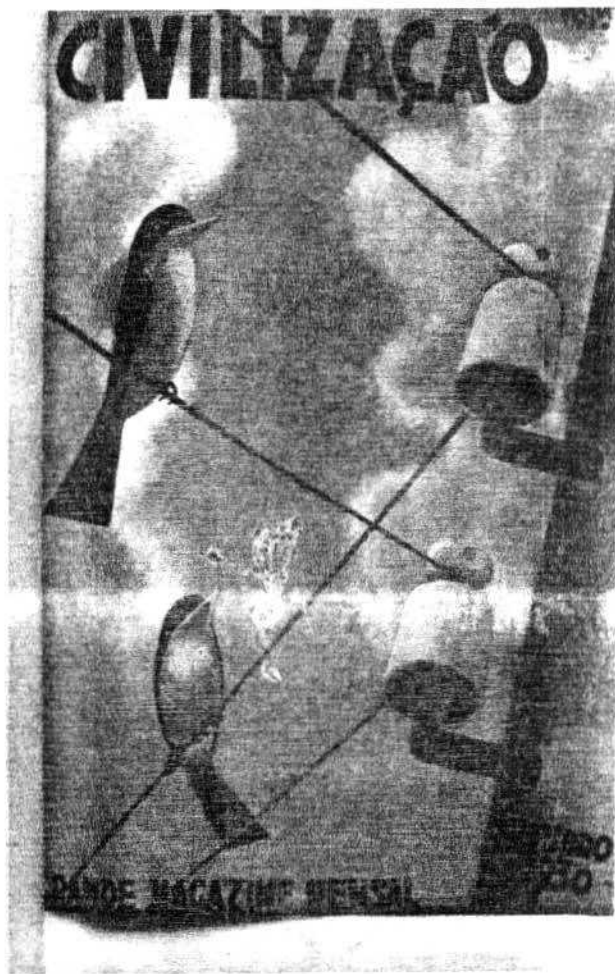
ROBERTO NOBRE
JUL./1930



ROBERTO NOBRE
NOV./1929



LAZARO
JUN./1930



JOSÉ ROCHA
OUT./1930



MARIA ADELAIDE
MAIO/1929



A
DESCOBERTA
DE
LISBOA
No Ano de 1921
II - O BARRIO DA MOURARIA



A rua dos Vinagres

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA
22.10.1921

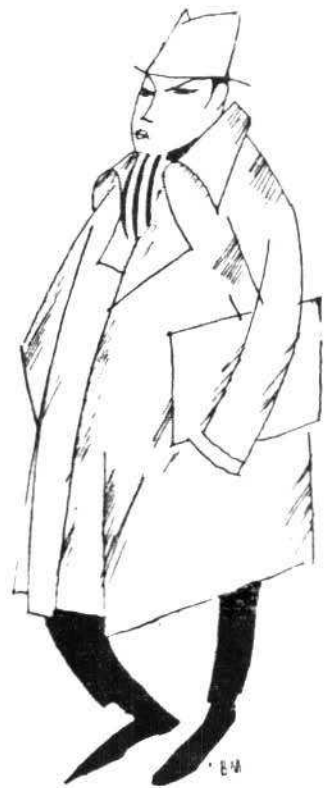
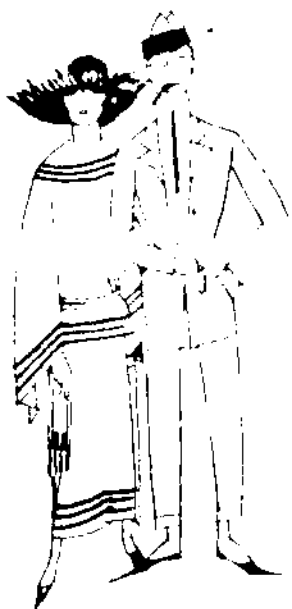


ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA
25.2.1922



A toda da semana, agora, são os refrescos das pastelarias. Ha varias categorias de refrescos como, na villa, ha varias categorias de pessoas. O servico é a alta-rodada, a aristocracia, o grande mundo orgulhoso. A carapinhada é burguezia, pacata, banal, com a sua palhinha preconceito, a sua palhinha rogar-comum... As agroselless, as salsas, são a multidão, a multidão anonima, que não é abile frequendar, que se torna entre as bobitas, uma bolchevista de cores berrantes como estandartes...

A tradição chamou a Lisboa cidade de mármore... E afinal Lisboa está sendo, antes, nesta primeira quinzena de maio, deitada e festiva, lúbrica de claridades e do "toilettes", nesta primeira quinzena de maio, onde surgiu a inauguração de Sua Magestade o calor, não a cidade de mármore da lenda, mas a cidade das mesas de mármore dos cafes...



O Chiado é a vitrine onde as mulheres vem exhibir-se, como amostras. Ha as morenas que passam, olhos largos, pele lúva, atitudes molles, a vê se os homens preferem, na coléa do Amor, os amarelos que se chamam "shells", papais chatas, ou amarelos que nascem de pluma, a procurar vencer, derbidamente, com a cumplidade do sol que lhe passa nas cubecas como uma grande asa dum passaro de fogo...



DEBAIXO do sol que vibra, lá no alto, com um brazeiro, os encontros no Chiado, tornam-se mais pagãos e mais intensos. Elles e elas são aureolados dum clarão tremulo e perigoso. Os olhos não tem a audacia de se fixar, com medo de se queimarem uns aos outros. Os corpos parecem ter gestos que ballam, como se estivessem desnudos e estultos, na antiga Bellade sensual...

100



Os homens são sempre iguais, durante o ano inteiro, nos seus vestuários neurasténicos, monótonos, pesados. As mulheres é que mudam todas as estações. São, no inverno, delicias e carnes, com entaladas, com te São, na primavera, as lullulas e as corolas perfumadas. São, no outono, nuas românticas de olhar em crepusculo. E são, no esido, agéis e frescos, trêscos e agéis, como galydas linguas.



ILUSTRAÇÃO
FORTUGUESA
12.11.1921



O CHIA DO

NABOS EM SACO

por BERNARDO MARQUES

61

Chic



— Decididamente não há mulheres feias... de inverno...

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA
3.2. 1923

O CARNAVAL DE TODOS OS DIAS

Por BERNARDO MARQUES



Esta obra é propriedade da publicação de todos os direitos, reservados, e não pode ser reproduzida, total ou parcialmente, sem a autorização expressa do autor. A reprodução total ou parcial desta obra sem a autorização expressa do autor constitui crime de contrafeição e é punida com prisão e multa. O autor não se responsabiliza por danos materiais ou morais decorrentes do uso indevido desta obra.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA
10-2-1923



"ELOGIO DAS HORAS"
(ANTÓNIO FERRO)

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA
18-2-1922

A Benta do Adro

Ao baterem à porta correspondeu a senhora Vicência, como se nela tivessem batido, intimando:

— Entre quem é...

— Sômos os de Espinho... Com sua licença...

É os de Espinho tinham transposto a soleira acabada a sua anunciação. Eram eles três pessoas distintas, um homem e duas mulheres, estas na palidez escorrida de tripas vazias, os olhos alinhavados de vermelho, com nós de ramelas aos cantos, os chales em capucha pela cabeça, os pés em tamancos esbotenados. Ele, o varão, em ar de pastor daquelas ovêlhas, trazia a sua vestia curta dos domingos, os seus sapatos cardados de atanado e o bordão defensivo das sortidas para além do termo natalício.

— Venham em boa hora, senhor Francisco e mais a companhia — saudou a senhora Vicência, velha coruja de nariz à moda de ganchinho de candeia, de olhos pequeninos e vivos que nem frestas alumiadas, as farripas do cabelo franjando o lenço azul.





ABC 10.2.1921



ABAT-JOUR

*Meu abat-jour, redoma de paisagens,
Jardim onde os meus olhos são meninos,
Robe-Chambre da luz todo em ramagens,
Touca dos meus minutos femininos...*

*Meu abat-jour, minha rosa impossível,
Que a minha casa pôs na botteira,
Sobre um corpo esgalgado de estrangeira
És um chapéu duma largura inerte!*

*Lembras Paris... Ha Boulevards nas côres,
Lampada ao centro para que se veja
Que também tens a praça da Etoile...*

*Ceu onde em vez de estrelas brilham flores
Dizem do meu olhar onde me beija,
A luz esguia, eléctrica, sensual...*

(Desenho de Bernardo Marques)

ANTONIO FERRO



INTRUSAS

PARTI! Não mais canteis á minha porta,
doces lembranças de um viver feliz;
toda a ventura que esse canto diz
para mim hoje é uma ventura morta

Porque á minh'alma nada já importa!
De quanto outr'ora mais amei e quiz
triste rosario de lembranças fiz,
que á noute reso, mas me não conforta.

Deixae-me; que eu bem sei que n'algun dia,
(bem sei... mas eu não quero recordar,)
era por outros olhos só que eu via,

e me sorria Deus em outro olhar;
mas hoje que perdi toda a alegria,
não quero á minha porta ouvir cantar.

PALMYRA DE SANTA RITA.

Traduzido da Vicomtesse de Rougé

(Desenho de Bernardo Marques)

BM

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA
13.5.1922

Suicídio

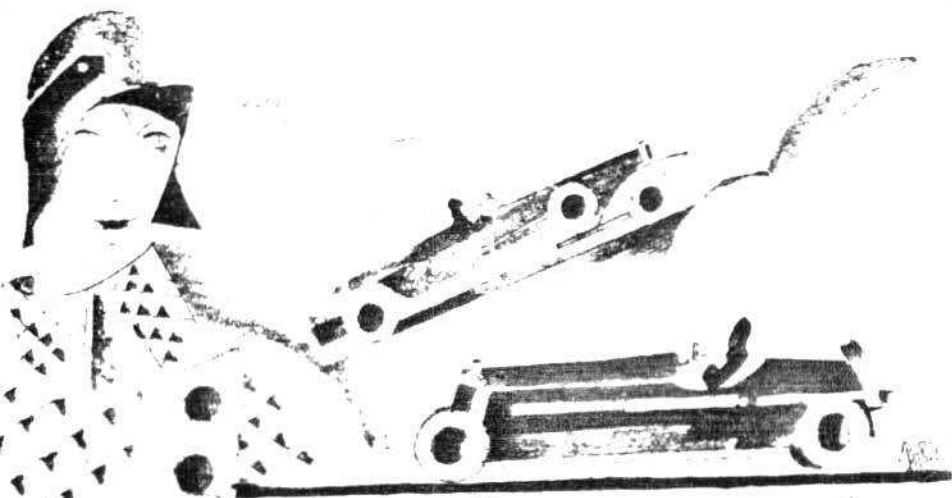
novela por
Antonio Ferro

A FINAL era verdade. A morte não possuía de uma simples viagem. A urna de mogno — uma cabine do *Sud-express*. Luís Afonso, agonisante, consciente do seu estado, com a sua velha mania das viagens, voluptuoso de fronteiras, resolveu assistir, como o espectador duma *première*, à tragi-comédia da sua morte. Na sua cama fofa, confortável como um *fautuil* de orquestra, sentia-se feliz, bem disposto, com um excelente bom humor e com uma lucidez milagrosa. Pós-se à espreita do seu passamento, do

seu último suspiro, como algumas vezes a espreita — com a ingenuidade dos que querem ver, forçosamente das lentes dum binóculo, a equador... Sua mulher, arcaica, segurava-lhe nas mãos amargamente. Não se Maria Leonor — estava ceder bastante com a sua morte, com o amor de que ela tivera irmãos, nem filhos mal conhecera o pai e a mãe. Afonso era seu marido, seu pai e seu irmão. Não p

quecê-lo facilmente. Algu
atrás, em
maior
Berna
grandi

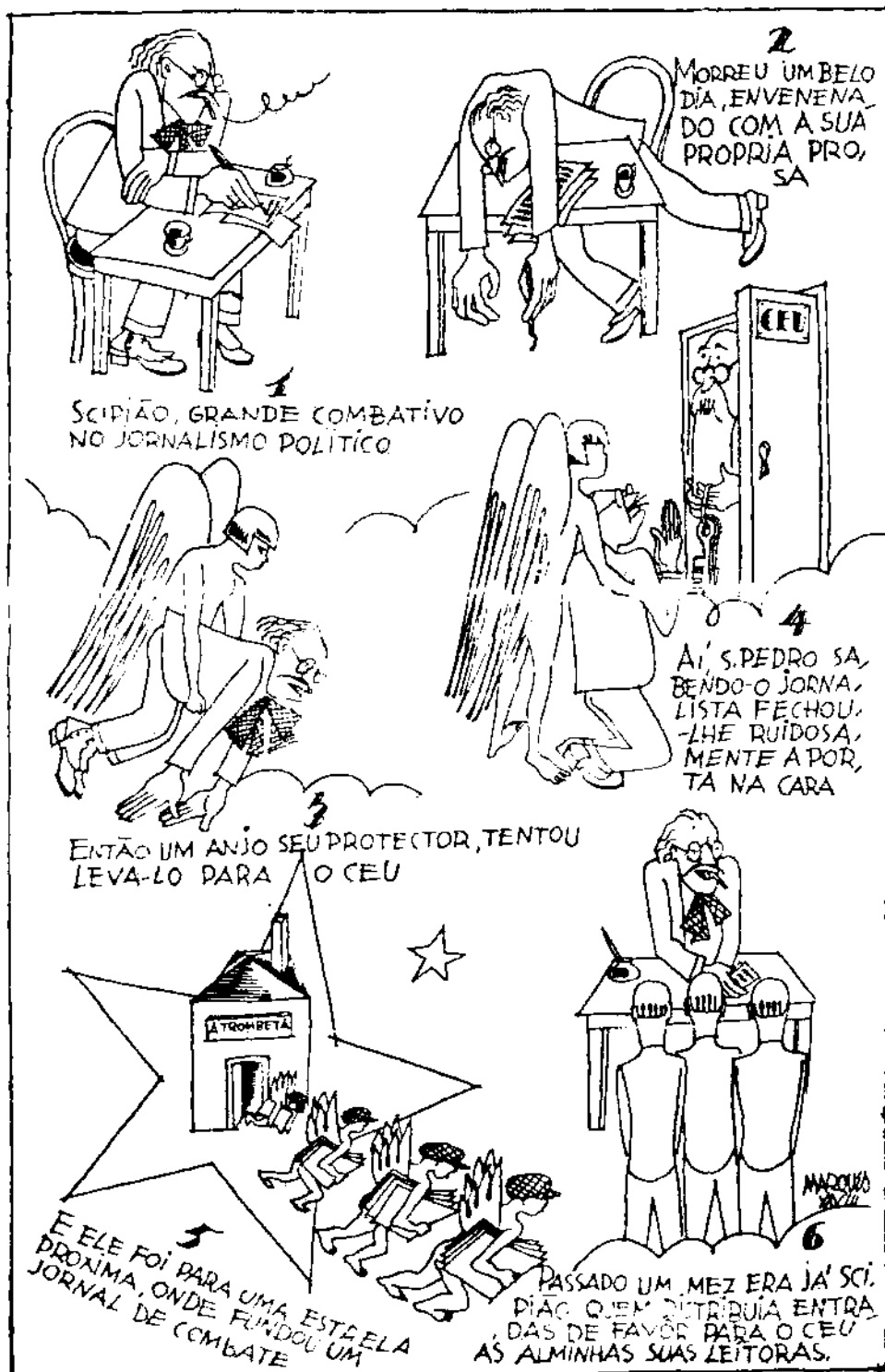
CIVILIZAÇÃO
FEV. / 1929



Duelo de morte

novela por Antonio Ferro

CIVILIZAÇÃO
OUT. / 1928



A entrada no céu POR BERNARDO MARQUES

HOJAS DE

SCIAL



ANDRÉ
XXIV

LISBOA
TRAVESSA DO CORPOSANTO

ABC

27.12.1928

C I V I L I Z A Ç Ã O



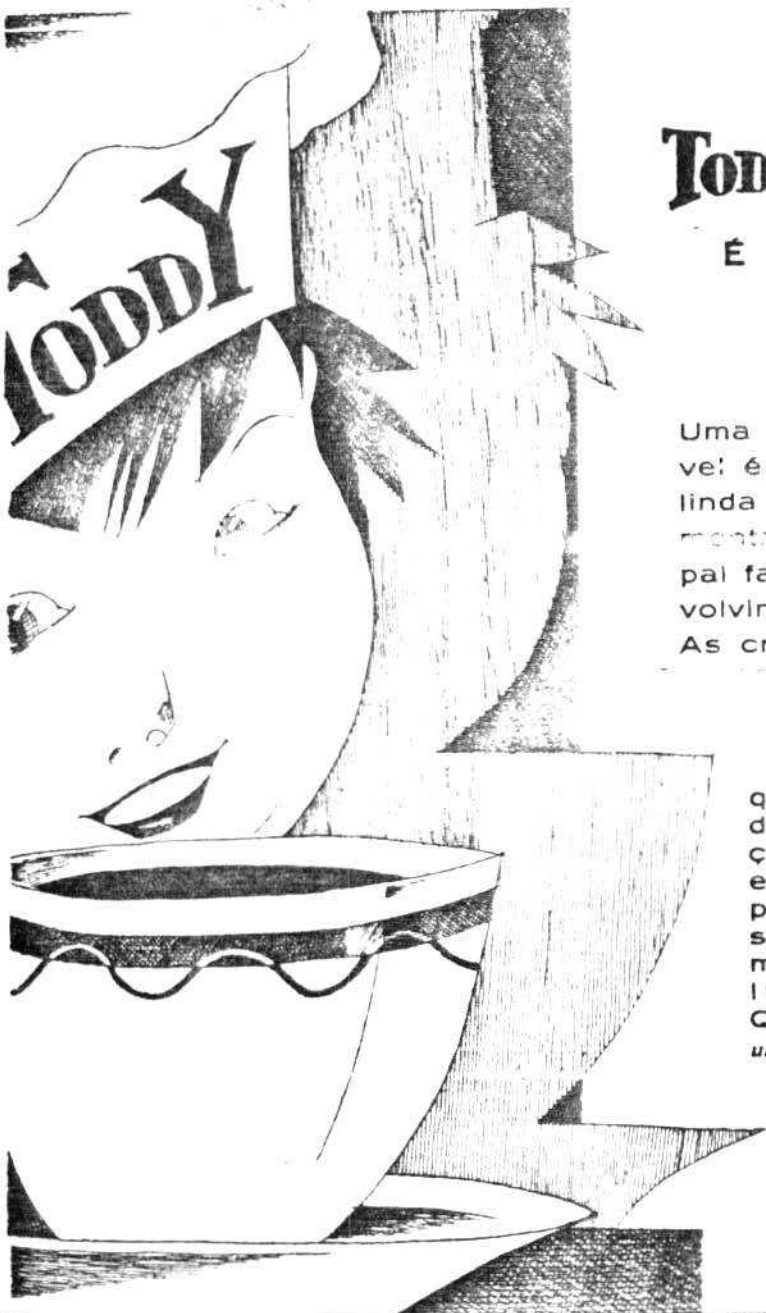
calcado
ELITE

PUB
C
L
I
Z
A
Ç
Ã
O

O MELHOR
 ATESTADO DE
 BOM GOSTO
 E ELEGANCIA
 FEMENINA



C I V I L I Z A Ç Ã O



**TODDY SAÚDE
É BELEZA!**



Uma criança saudá-
vel é sempre uma
linda criança. A ali-
mentação é o princi-
pal factor do desen-
volvimento infantil. —
As crianças adoram

TODDY, por-
que contém, nas
devidas propor-
ções, todos os
elementos indis-
pensáveis à sua
saúde. É o ali-
mento que me-
lhor convem.
Quente ou frio é
uma refeição deliciosa.



À VENDA EM TODA A PARTE
AGENTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLONIAS
Mantua, Lda
29 CALÇADA DE S. FRANCISCO 37 - TEL. C 3167 - LISBOA

António Soares



O pintor Antonio Soares



Quadro pertencente a madame V. S.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA
1.4.1922



ANTONIO SOARES

Tambem os novos valem e com eles se deve contar
Hoje é Antonio Soares quem na nossa pagina artistica
diz de sua justiça, interpretando elegancias.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

4.10.1920



ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA
28.1.1922



ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA
15.4.1922

A ETERNA CUBIÇADA

«A B C» publica hoje um trecho duma novela do distinto escritor e jornalista cubano sr. Eduino de Mora, uma das figuras mais representativas da nova geração literaria do seu paiz e grande amigo das letras portuguezas, que lhe devem já algumas traduções para castelhano. Como os nossos leitores poderão apreciar, Eduino de Mora tem um estilo rico de imagens, plasticidade e ritmo.

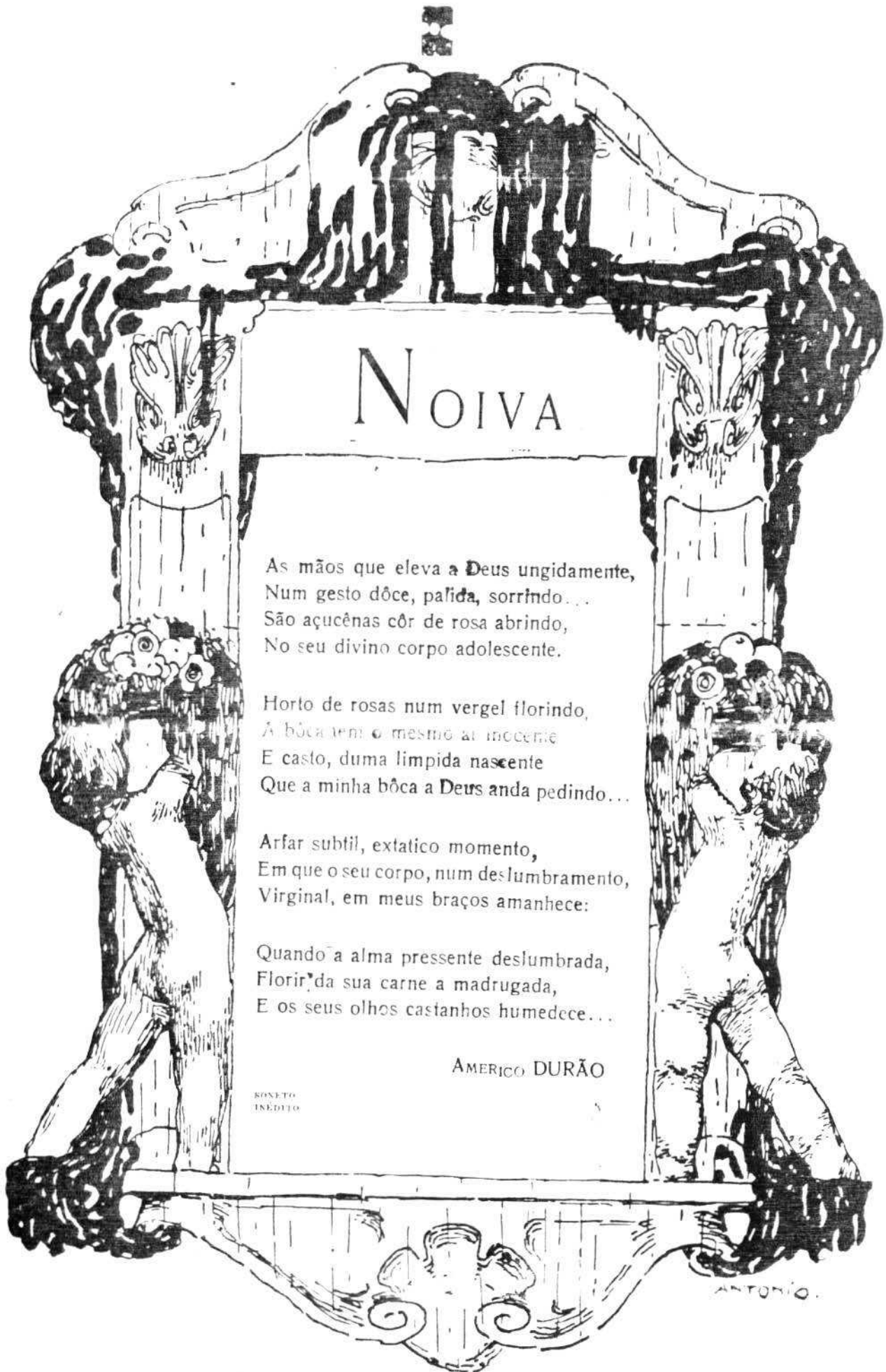
Mais do que um «boudoir», parecia um estojo forrado de seda malva. Os moveis, de exotica talha, rimam com a decoração alucinada: almofadas policromas, colocadas aqui e ali, revelam uma estudada desordem; porcelanas de bucólicas teorias, erguem suas linhas proceres; vasos com relevos, bordoados de flores, espargem incisiva fragrancia; vaga penumbra de templo pagão estilisa a intimidade capitosa do ambiente.

Ante um espelho oval ladeado de quimeras, cujas fauces sorridentes projectam luminosos halos brancos, Ela enrijece com «rimmel» as suaves e aureas pestanas. Ela é uma das mais deliciosas figuras modernas, aromadas de perverso encanto sensual, quasi androginas, de linhas simultaneamente grossas e precisas, traçadas pelo exercicio violento e agitação continua, que geraram um novo tipo de mulher. Um tipo de beleza inédita, cujo poder sedutor, aumenta quando ela rompe com a audaciosa sinceridade, que escandalisa aos espiritos



ABC

3.3.1927



NOIVA

As mãos que eleva a Deus ungidamente,
 Num gesto doce, paída, sorrindo...
 São açucênas cõr de rosa abrindo,
 No seu divino corpo adolescente.

Horto de rosas num vergel florindo,
 A bõca tem o mesmo ar inocente
 E casto, duma limpida nascente
 Que a minha bõca a Deus anda pedindo...

Arfar subtil, extatico momento,
 Em que o seu corpo, num deslumbramento,
 Virginal, em meus braços amanhece:

Quando a alma pressente deslumbrada,
 Florir da sua carne a madrugada,
 E os seus olhos castanhos humedece...

AMÉRICO DURÃO

SONETO
 INÉDITO

ANTONIO.

meida, que provem d'uma velha estirpe de artífices do ferro, é um admirável lavrante e imaginário d'este metal duro e rebelde, que em suas mãos — pois que d'estas obras, como peças únicas e verdadeiras peças de arte, está naturalmente excluído o emprego de qualquer modo de transformação em rendilhada e monumental ourivesaria.

O magnífico sucesso d'esta exposição, n'um meio onde quasi se desconhece a nobre «arte aplicada», é uma boa compensação ao talento, a fé e ao estado de Lourenço de Almeida, bom descendente dos grandes artistas da Renascença, e glorioso discípulo do benemerito professor Gonçalves e a cidade de Coimbra.

INSTANTANEOS



Ainda alguns instantaneos da nossa sociedade elegante no «Concurso Hípico Internacional»
(«Clichés» Serra Ribeiro) (Desenhos de Jorge Barradas e João da Silva)



GOMES LEAL

(COMO VIVE ATUALMENTE
O GRANDE POETA)

por

Maria O'Neill

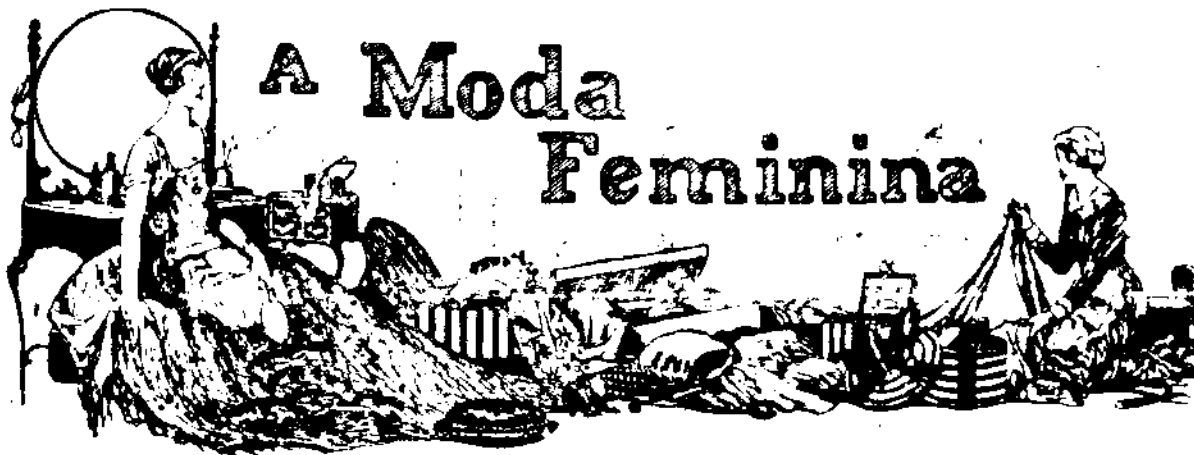
DESENHOS DE JORGE BARRADA



ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA 19.1.1920



ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA 15.1.1921



A Moda Feminina



O SEGREDO DO CHIC

por D. HELENA DE ARAÚJO
e (Ilustrações de Jorge Barrad)

FORTIFICADA no seu inexpugnável reducto de fantasia, a Moda, essa filha dilecta do Capricho e da Validade, vem, desde tempos imemoriaes, colaborando na evolução humana, suscitando com a versatilidade das suas manifestações e com as modalidades encantadoras do seu prestígio, as manchas sombrias e confrangedoras que as convulsões sociais e

linha geral adoptada,—que na realidade é actualmen-
graciosissima e favoravel á mulher—e que na nota
originalidade discreta, imprescindivel para a obtençã
do realce de «silbonette», sob o ponto de vista da ver
deira elegancia, não transpareça o intuito «tapagen-
o mais temido inimigo da distincão e do «chic».

Como nota characteristics da moda actual, os bor-
dos, em todos os generos, mas principalmente inspi-
dos no gosto do oriente apparecem, n'uma profusão est-
teante em todas as «toilettes», desde as mais simples.
cobrem os chapens, transformam em admiraveis mín
d'arte, os sacos de mão, as luvas, os vens, tudo em fim,
que a paciencia, a pericia e a fertilidade imaginat
da mulher possam evidenciar-se.

Mas, para seguir a Moda e ser-se elegante, não ha
recamar a «toilette» de desenhos capricho-oz. Na escol-
d'esses bordados, na combinação original, mas intelli-
te, das cores e dos modelos, na sua adaptação ao prop-
fisico, depois d'um exame detido e imparcial das va-
tagens e defeitos com que a Natureza nos distingue,
adopção d'esses pequeninos mada, na apparencia linte
inconfundivel, é que reside o «chic» por que tantos
mejam e que tão poucos sabem afirmar.

«Vestir bem» é arte requintada e difficil que ra-
conseguem interpretar...



as hecatombes resultantes tem deixado impressas nas
paginas da historia dos povos.

Nunca o seu poder falliu; nunca nenhum espirito,
por mais independente e avesso a coquetismos que se
orgulhasse de ser, pôde subtrair-se, em absoluto, á sua
influencia mágica de soberana portentosa, nãzando-se
de ter atravessado a vida inteira sem lhe sacrificar um
momento—embora ligeiro—de atençãõ.

Perante a gracilidade seductora dos seus caprichos,
nem sempre consentaneos com as normas da racõ, in-
fringindo mesmo, por vezes, n'um supremo desdenha pela
sistematisaçãõ de principios e convencionalismos, as re-
gras da estetica, mas sempre dominadores, sempre irre-
sistiveis, as preoccupações curvam-se em fraguas mo-
mentaneas.

Alongando o olhar pelas belas avenidas do «Bols»,
esse «écran» imponente onde perpassam, sem cessar, as
mais requintadas elegancias parisienas, o nosso espirito
queda-se maravilhado pela multiplicidade de manifesta-
ções em que a Moda afirma o existismo que preside ás
suas creações mais recentes.

Todo se nãz, tudo é «chic», desde que se observe a



Chiado às 5



6/2/21
R. 274.048
92

Desenhá-las é difícil. Elas são quasi desenhos. Mas nem o tuipe de Leonora, nem o de Prejelan, nem o de Fabiano, nem o de nenhum dos desenhadores do papel couché da Vie Parisiense, nos deviam este tipo--a elegante do Chiado. É certo que, como as elegantes de todo o mundo elas genuflectem ante Madame Paquin, tem lampada acesa chez Francis, assinam o Vogue. Mas al-



nas, na corte do Chiado, e é já conhecida e disputada e célebre--mas sempre misteriosa?

Não se sabe. São croquis de Barradas. São elas todas. Lindas? Feias? Não se sabe. Vestidos... Vestidos...

A mulher é, cada vez mais,--o pretexto para um vestido.



6/2/21
R. 274.048
92

guma coisa fica de sui generis e a elegante do Chiado é inconfundível.

Jorge Barradas conseguiu fixá-las, nuns croquis onde quasi se adivinham rostos, al-lures conhecidas. Madame X? Mademoiselle Z? Aquela que às 5 horas, pontualmente, entre inclinações respeitosas de cabeças, desde o Chiado? Ou aquela que surgiu há dias ape-



6/2/21
R. 274.048
92

DIRECTOR
 ROCHA MARTINS
 EDITOR
 FAUSTO VILLAR
 REDACÇÃO
 Rua do Alecrim, 65
 TEL. 2440-C.



SALAS
 ESCRITORIOS
 OFICINAS
 Rua do Alecrim, 65
 CASA DAS MACHINAS
 72, Rua da Alameda, 74
 LISBOA—PORTUGAL

As quintas feiras leitura ilustrada para todos - Revista Portuguesa



REVEILLON DO ANNO NOVO NO AVENIDA PALACE

Notas de elegância e de encanto colhidas em flagrante nessa festa, pelo representante do A B C Jorge Berradas



DR. AUGUSTO KAWAJEN
- CELLO -

DR. LAMPIDO SERRA MAIOR

O VIOLINISTA RENÉ BONET.

S. CARLOS - PRIMEIRA DA 'THAIS'

Partis da sociedade elegante e artistas na sala de S. Carlos. (Apointamentos de Jorge BARRAAS, especialmente para o A B C

HUMORISMO

A B C inaugura hoje a sua secção de Humorismo, que foi entregue a Jorge Barradas, cuja reputação está feita como a dum habilíssimo caricaturista. O seu lápis



Novo dólares diários!
(Do Life de New-York)

rêm, apenas as caricaturas portuguesas que terão lugar nesta página, onde o novo director da mais moderna secção do A B C começou por se referir, com o seu habitual espírito, a dois acontecimentos permanentes da vida nacional: a greve dos electricos e a greve dos bons pratos succulentos. Como de momento para momento se espera que se paralitem os carros, numa constante preocupação de aumento de salários ou de agitações do pessoal que tomou largos fôros de mando, ante as victórias faceis, aquele janota da caricatura apêla para a cadeirinha do século XVIII, não como para um objecto de arte, mas sentindo-o uma utilidade destinada às suas viagens, em que não gastará mais do que o calçado dos conductores. Uma exorbitância só comparável à fraqueza que de toda a gente se apossa ante a redução forçada da comida, do qual o caricaturista trata evocando o jejum de dois mezes consecutivos daquele eterno lord de Cork que, naturalmente, vai conseguir—apezar de inimigo da Inglaterra—o mesmo que o célebre cavalo do inglês, que morreu de

fome quando já estava deshabitado da bem o espirito estrangeiro tem lugar na marcar-se a preguiça do operariado em N resto, em todo o mundo—criando também habitos de lords—excepto de lord de Cork—ao insta-

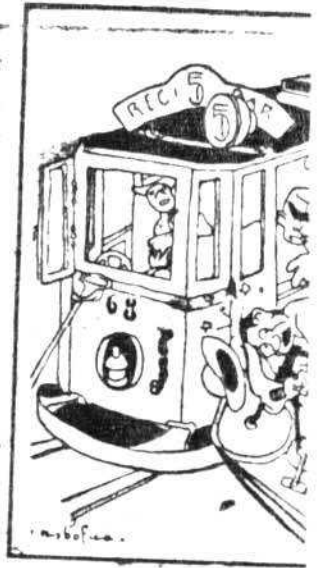


—Agore coleccionas antiguidades.
—Não, compre esta cadeirinha para sair nela na proxima greve dos electricos.
(Jorge Barradas).



—Faz favor de dizer à sua patria para me aumentar as refeições. Eu não posso ter hábitos de Lord!
(Jorge Barradas).

fome quando já estava deshabitado da bem o espirito estrangeiro tem lugar na marcar-se a preguiça do operariado em N resto, em todo o mundo—criando também habitos de lords—excepto de lord de Cork—ao insta-



O conductor: Olhe que é proit a bicicleta para o electrico.
(Do Bistofico)

talar-se com pingües fér das obras de que o enc mesmo tempo que tem d'ordre "o mundo mai l seria ser "o mundo mai que o paralizámos", no paradoxos, no que, de rece com as outras classes, galgando a vi gem dos automoveis. Enquanto a meios de

prova-se que o e gou tambem aos dos electricos, com caricatura italiana, qual se esbarronde ante a serenidade gado, que lhe faz nica advertência.

A B C vai come rir essas notas scin espirito universal turistas, cuja amos como mais um mel da revista, cujo sobrepassado as m das das expectave catura, que nasceu dade humana de ric tornou-se uma arte davel que atemoris que não abdicou e reito de critica, d mais ter de se ser nova secção a não ser cejar e fazer sorrir



O NOVO PAPÃO

Agora é que a minha mãe manda
chamar o tal bolchevista!...

ABC 22.12.1921

Rest



CARNAVAL D
VENEZA
A CAUSARIA MAS
ELEGANTE
DE LISBOA

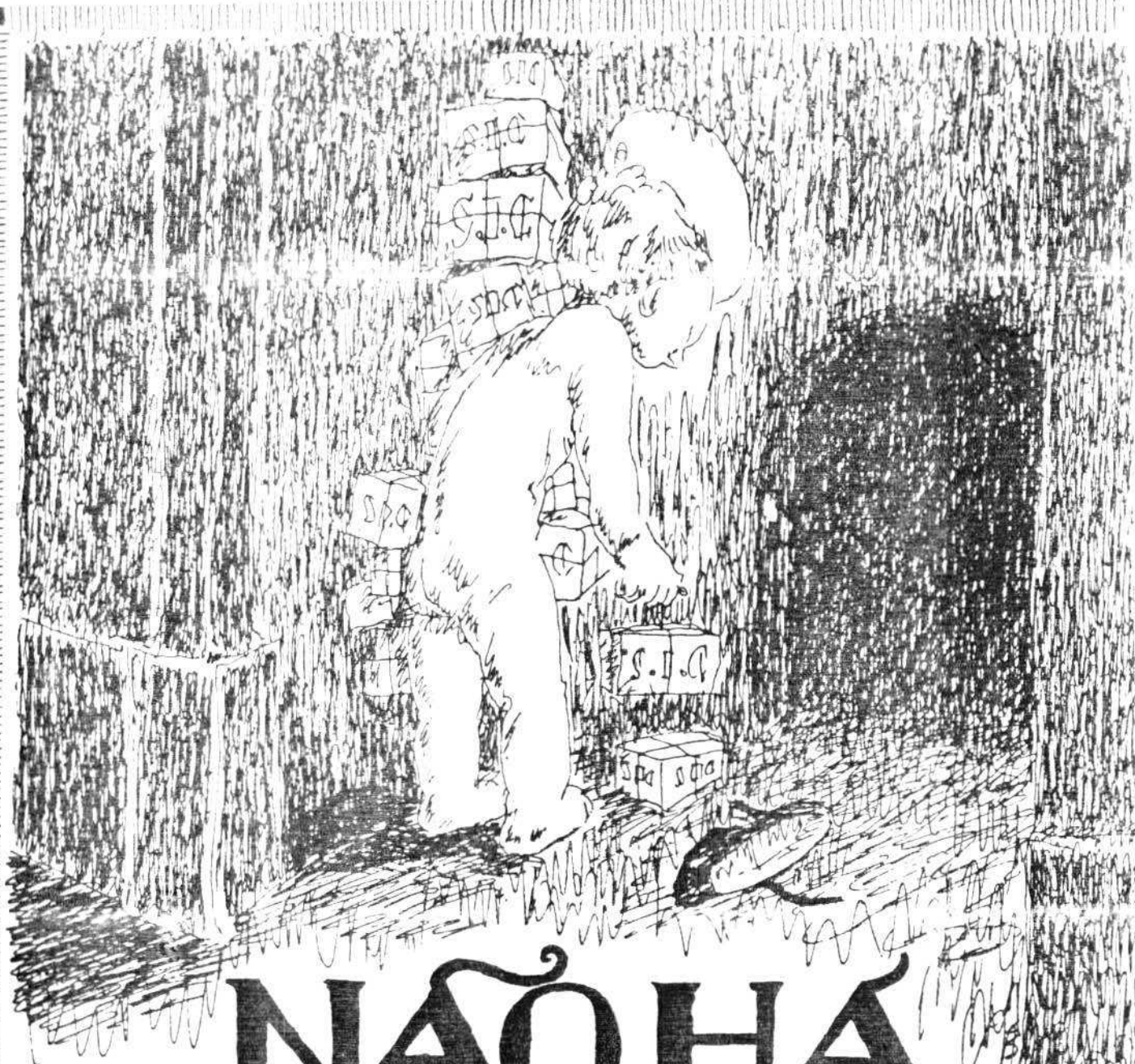
R. AUREA 107 T. C. 4287

ABC 23.12.1926



TODOS OS DONHBONS
SAO BONS MAS ME
:LHOIRES QUE OS
BONS SAO OS
DONHBONS DA

S.I.C.



**NAO HA
FESTAS ALEGRES SEM
BOMBONS DA
UNIÃO**

S.I.C.

ABC 2.12.1920



Penso. Verbo, sou uma voz sonora...
Abalo os mundos, pelo céu alastro...
Aza e fogo. Crepito e subo, astro
A arder, errante, pela noite fóra...

Transcendo ao infinito, Zoroastro,
Jesus ou Budha, a procurar a aurora
Dum dia eterno enquanto a dôr clamora:
—“Deus passou por aqui: segue-lhe o rastro...”

O soluço imortal!... O grito amargo,
Vare embora os abismos, não me assombra,
E arremesso-me além! mais alto! e ao largo!

E Deus? Como atingi-lo? Dilacero
A sombra onde se oculta, e — ó desespero,
O' vôo inútil! — não se acaba a sombra...



M V L H R ...

O EXPATRIADO

DIR-SE-IAM soluços, longínquos lamentos, aquelas oito badaladas que o sino da pequena ermida alirou para a espessura da treva,—para a quietude do vale...

... e essas badaladas chegaram até á estrada por onde Afrânio se arrastava como um apêlo da própria noite ás suas lôrças esgotadas,—chegaram até Afrânio como um estímulo á dolorosa jornada por êle empreendida.

Ante o incitamento lamentoso do sino distante, Afrânio quiz apressar a marcha,—mas suas pernas trôpegas recusavam-se a obedecer,—e pela estrada em trevas êle parecia um mendigo que conduzisse atrás de si invisíveis grilhões.

Era tam grande o seu extenuamento que dir-se-ia que viera a pé da Africa até ali:—da Africa para onde se expatriara há 20 anos.—á conquista duma fortuna que nunca biviara ante a sua ambição,—que sempre se distanciara dêle, como

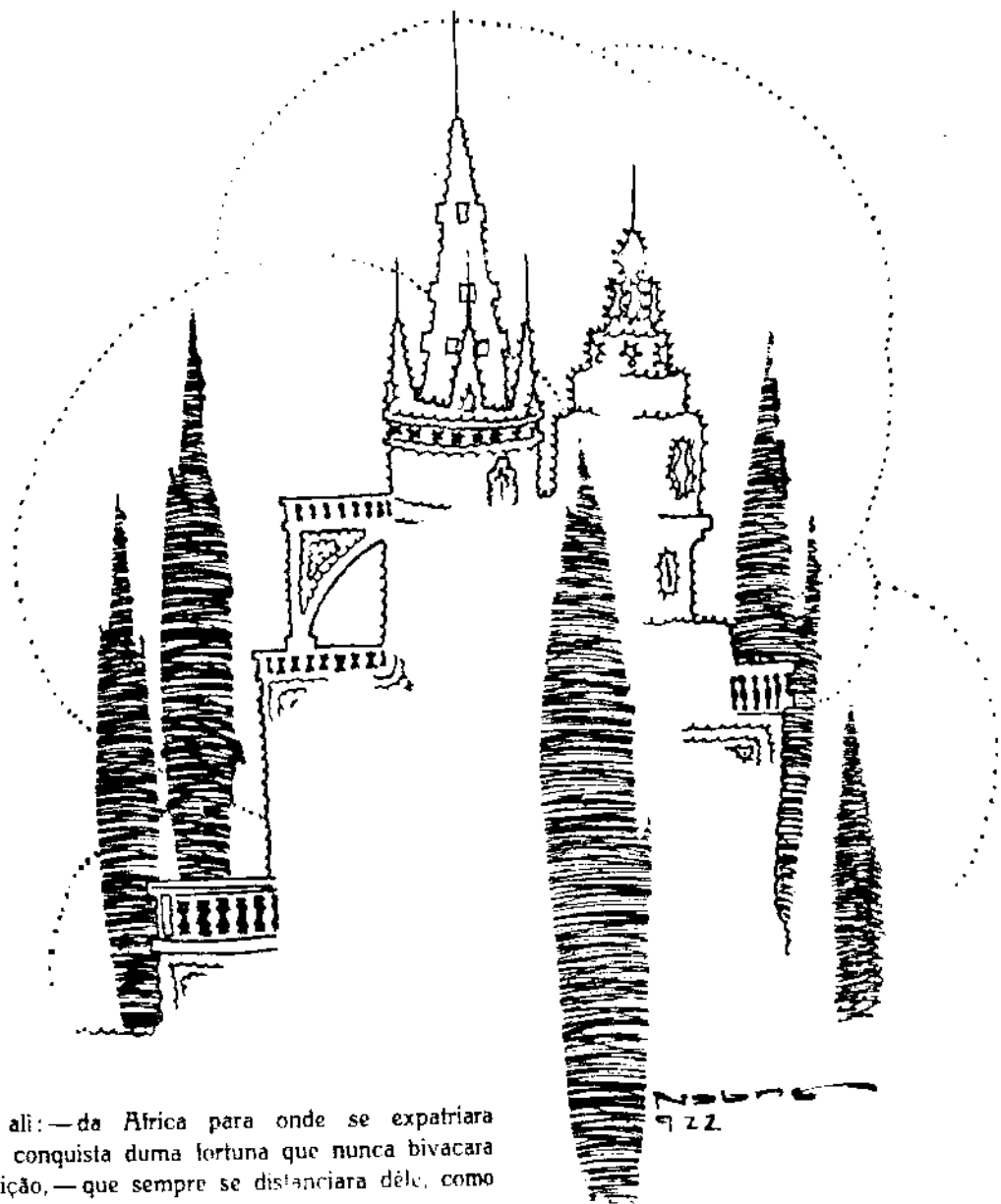
ma casa em que êle morara,—essa casa que o atraia com um tabernáculo da sua alma,—da alma agonizante do passado.

E foi por idolatria á casa que lhe serviu de berço,—e

êle queria se prender á noite de Natal que reúne a Lisboa, e bando as estomago e vestuário miserável

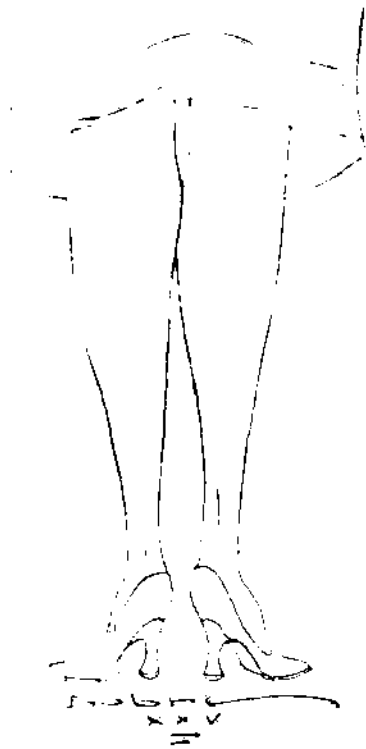
comboio que conduziu á estação em sua terra sua alma cravada em duas serras que distam estação em ou seis leg

Mas é sentir-se compasso de todos os crificios—sua muerha lora e a da ponte conseguiu entrar na r em que e cera,—e come um e digno e não se pun la a idemal —cert r gata de



ABC 21.12.1922

AS PERNAS



DO CHIADO

As pernas são ao cabo e ao fim femininas — e só as pernas femininas são pernas sortilégas. No homem nota-se apenas a perfeição do rosto e a galhardia do todo. Na mulher, além de sua beleza geral, há a beleza do detalhe. A mulher divide-se em zonas de belezas; todos os músculos têm encanto próprio, sortilegio especial.

Pode-se adorar apenas uma mulher por suas mãos, por seus olhos, por seus lábios, por seus seios, por seu cabelo...

Pode-se amar o rosto e odiar o resto do corpo, e vice-versa.

Pode-se lá saber quantos homens terão casado, apenas porque a esposa tinha umas mãos esguias, palidas, indolentes, ou uns pés pequeninos, subtis, ligeiros?

Ha mulheres cujos olhos seduzem e cujos lábios irritam fortemente. Quando a mulher é Perfeita em todas as zonas de seu corpo, conseguiu-se a maior harmonia feminina.

E para essa harmonia muito concorrem as pernas. As pernas das mulheres deviam ter uma historia especial, uma pormenorizada biografia. Mas nenhum historiador quiz ainda fazer tal historia, por temer que surgisse o picaresco, com seu sorriso canalha, a uma das esquinas da prosa. Todavia, nada de mais ingenuo existe que as pernas femininas.

Cada uma tem a sua expressão e só à verruma duma idea feia pode meter no cerebro a idea lamentavel de que as pernas são picarescas.

Temos passado muitas tardes a contemplar-las no Chiado — e nunca descobrimos pernas dessa especie.

E contudo no Chiado passam todas as pernas de Portugal. O Chiado é um verdadeiro museu de pernas vivas. Falta-lhes, porém, as etiquetas. É um museu sem etiquetas é um caos. Vou tentar fazê-las, para orientação dos visitantes.

As mais características são as das varinas. São pernas de comboio — rap, rap, rap... As vezes parecem essas compridas linguas que os cães deitam fora da

boca, quando estão cansados. As pernas das senhoras estas parecem querer levar agarradas à sola dos sapatos as pedrinhas dos passeios.

As pernas das mulheres esguias dir-se-ão feitas para corridas pedestres — e vão contrariadas no passo miudinho e que as obrigam os vestidos.

Ha pernas que parecem levar um imã debaixo da mesa. São aquelas que todos os olhos seguem, cubitosamente.

As pernas da illustre actriz C..., dão-nos a ilusão de que anda a sobre uns patins. Quando via pouco no Chiado todos invejam a sorte dos rings, onde aquelas pernas poderiam patinar...

Ha sapatos que pisam o Chiado, como se quizessem meter com o salto um pequeno parasita.

Ha pernas que jogam, como se tivessem um jogo de moedas.

Quando passam muitas mulheres e as pernas formam bosque, verifica-se que também na mulher ha um belo matinho militar. Todos os passos se acertam.

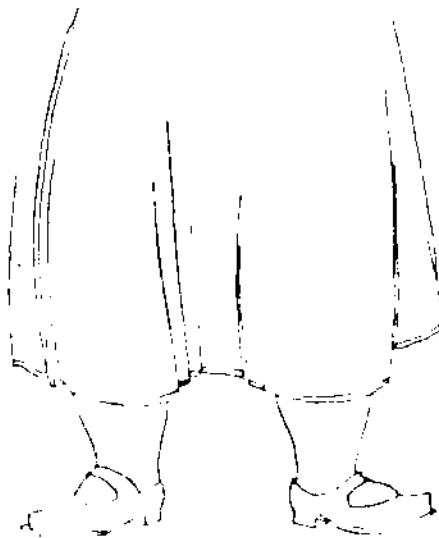
Os sapatos de salto baixo tornam as pernas ilantís, ingenuas, carinhosas. Pela qualidade das meias se conhece a cor das ligas. Quando passa uma inglesa, é certo que não se pôde pensar na existencia das ligas. As meias das inglesas dir-se-ha que sobem sempre, sempre, que sobem até ao pescoço. Não devem ser meias — devem ser inteiras, devem ser um maillot.

As ligas de laço vermelho é um attributo latino — e muito especialmente franco-espanhol.

Todos os olhos do Chiado parecem esperar desde ha muito que ali passem umas pernas sem meia: — como essas que se usam nos cabarets.

Ha meias que tem alimentado essa ilusão — são as meias cor de carne, as meias cor de carne morena.

Se as mulheres soubessem que as vezes levam meias e que todavia dão o



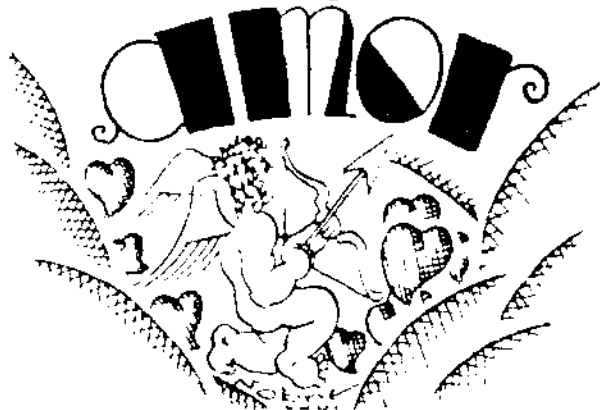
Pernas que arrancam as pedrinhas da calçada...

Depois da revolução o culto do amor voltou a

MUITO se tem dito já sobre as consequências do último movimento militar.

Mas nem tudo está dito... Os homens que desde o norte ao sul do país pegaram em armas para moralisar os nossos costumes, não modificaram somente o xadrez da politica, não deram apenas novas esperanças a Portugal... Foram mais longe... Alteraram o ritmo dos corações femininos — como se juntamente com a carabina tivessem empunhado um arco e uma flecha...

Vamos ver como eles puderam dar à psicologia da mulher portuguesa um dinamismo que dir-se-ia já instinto...



da revolução francesa, são ainda os militares que despertam todos os impulsos do coração feminino.

Dir-se-ha que renascem os velhos mosqueteiros — e uma farda e uma espada constituem as novas atracções e as novas armas do senhor Cupido...

As mulheres, como as suas antepassadas, idolatram os novos Sigfrieds — e até Don Juan não se pode compreender sem o prestígio duma espada...

Mas no meio do século passado, em que já são poucos os guerreiros extraordinários, os militares começam a perder a sua fascinação...

Em todos os tempos o guerreiro foi sempre o deus das hostes femininas.

Foi assim entre as tribus errantes da velha Europa — foi assim entre os gregos e os troianos, foi assim na antiga Roma, onde aquele que regressava das conquistas tinha a esperança de milhares de labios rubros, prestes a abrirem-se para o amor, como rosas desabrochando para os beijos do sol.

Foi assim na idade media, foi assim no tempo das cavalarias, quando todos os feitos heroicos eram levados a cabo sob esta simples legenda:

«Por minha dama.»

É ainda de couraça e lança que Don Quixote, o ergenhoso fidalgo de La Mancha, vai colher os triunfos que o devem tornar digno da sua Dulcinea.

Mas não é só na Europa que os guerreiros se sobrepõem a todos os outros homens no culto do amor.

Na America, entre os peles vermelhas, entre as tribus dos indios selvagens, o mesmo culto existe: as virgens são guardadas, como oferenda rara, para o maior guerreiro, para aquele que melhor maneja a flecha e o arco — armas de Cupido, simbolo do Amor.

Por que se atribuiu tal fascinação, tal importância, com a tradição milenar?

Certamente que a principal causa foram as ideias antimilitaristas que caracterisaram o século XIX.

Mas se essa causa foi a principal, não foi a unica.

A perda da influencia que os militares exerciam sobre a mulher, deve-se à propria mulher.

Até ali quem vestia uma farda e tinha insignias de guerreiro, era adorado por condessas e marquezas — pela beleza aristocratica daqueles tempos — e os gatinhos. Mas a aristocracia entrou em decadencia e os militares passaram a ser amados pelas mulheres do povo — e a época de Gervasio Lobato é já tradicional o amor das soneiras pelos recrutas... Em cada esquina e em cada porta, uma mulher com um cabaz e um soldado e murmurar-lhe mysticas palavras de amor...

Ante aquela predilecção das mulheres de baixo, as de cima, as das classes privilegiadas, já não acham interessante o amor dos militares.

E assim, enquanto os soldados encontram sempre uma Maria apaixonada, os officiaes raramente encontram olhos civilizados contemplando-os com amor...

Depois até isso se modifica e logo que termina a guerra, a campanha levada contra o militarismo, lêz com que



Rodem os séculos, transmudem-se as perspectivas: no tempo das hordas napoleonicas, mais grada as doutrinas

«Club»
tem tra-
ção social,
egante e li-
aria — está
ado à ideia
uma casaca
às paginas

FIGURAS de



muitos romances. O «club», não em Portugal, evi-
ntemente, é um verdadeiro centro de mundanismo
não se é verdadeiramente elegante, se não se ceia
e quando em quando no «club», se não se pertence
«club» algum...

Ha mesmo um tipo de homem, cuja distinção só
póde definir pela designação de «clubmen».

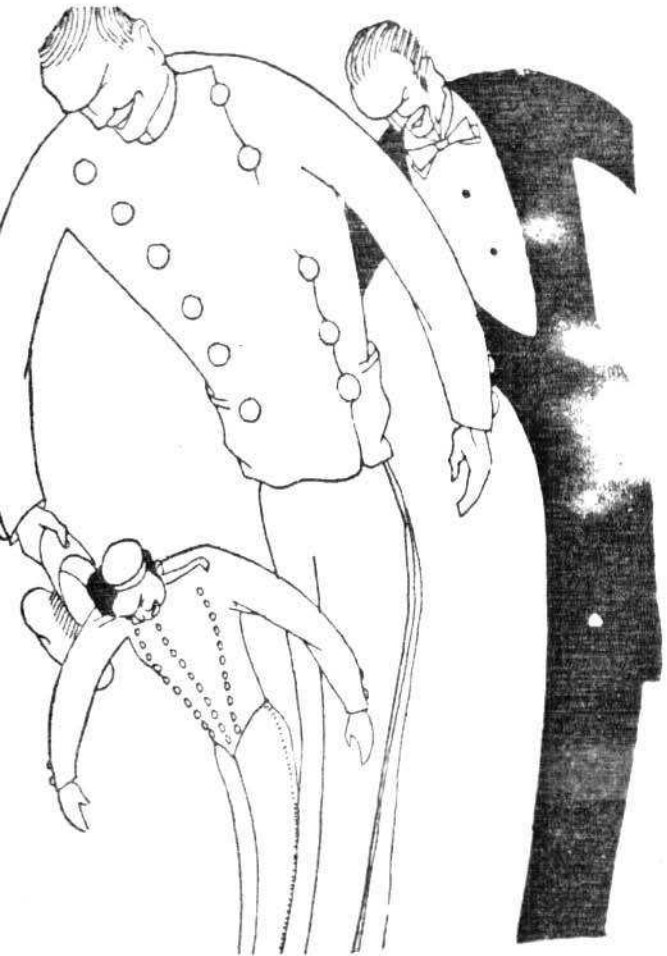
O «club» é o ponto onde se escrevem cartas a cre-
ores e a mulheres amadas e onde muitas vezes rapa-
s de alta posição social trocam essas palavras ou es-
s gestos que os codigos do duelo exigem para um
ncontro no campo da honra...

O «cabaret» já é mais voluvel, mais ruidoso, mais
ovimentado e a ele está ligado uma ideia de boemia
de scenas galantes.

O «cabaret» é sempre essa casa que fica à beira do
aminho que percorremos durante a noite — e na qual
ntramos, sem programa definido e só para matar
mas horas de tédio...

Não se póde fazer vida de «cabaret», como se faz
vida de «club».

O «cabaret» necessita sempre de ter, sobre a mu-
sica estripitosa e sobre as decorações multicores, um
corpo de mulher insinuando bem as suas linhas.



O «club» póde ter suntuoso, confortavel, monu-
mental.

O «cabaret» tem que ser, sobretudo, bizarro. Deve
surpreender, ferindo mesmo, a vista e a sensibilidade
do frequentador. E daí esses «cabarets» macabros do
seculo passado, «cabarets» onde haviam esqueletos,
dragões, luz funebre — coisas sinistras. E daí ainda a
arte moderna adaptar-se maravilhosamente aos «caba-
rets», pelo seu imprevisito, pelas suas tintas, pelos seus
exotismos. Podem tombar, nos «cabarets», a altas ho-
ras da noite, muitas cabeças vencidas pela tristeza;
mas o «cabaret» deve ser um templo de alegria.

Em Portugal é certo que muito poucos «clubs» te-
mos dignos deste nome e é certo tambem que a res-
peito de «cabarets» ainda somos mais pobres.

O que temos, porém, são figuras caracteristicas,
que trabalham ou que frequentam esses meios.

E são essas figuras que dão ao «club» a originali-
dade e ao «cabaret» o fenomeno...

Para onde vão? De onde veem? Não se sabe. De-
vem ter o seu drama, mas com ele ninguem se preo-
cupa, ali onde se quebram todas as noites os cristaes
da gargalhada.

A dôr, exteriorisada numa dessas horas, seria grô-
tesca... Mas façamos passar o cortejo das figuras...

Ha uma ruiva que anda de «club» em «club», com
uns olhos verdes, um corpo esguio, que ao dar pas-
sos parece desengonçar-se. Será uma ex-bailarina? Será
sul-americana? E' um enigma, mesmo para aqueles que

ABC 7.1.1926
("Figuras de clubs e cabarets")



ATLANTIDA

ROMANCE

de PIERRE BENOIT
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NÓBIS

(Romance votado no concurso do Magazine Bertrand e publicado em onze tomos, a partir de 1908, em 12 volumes)



E com efeito, no horizonte em chamas, a odiosa imagem, para alimentá-la a febre, figurava uma cidade fantástica com edifícios prodigiosos em arcos — Gão! — gritei eu — Gão!

E quasi a seguir, s'ltu' outro grito de dor, horrível. A mãozinha de Tanit-Zerga desfalcaria na minha; mal tive tempo de apertar a pobre criança nos braços e de a ouvir murmurar como um sôpro:

— E então será a hora da liberdade... da liberdade e de seres raiados...

Só algumas horas mais tarde, com a ajuda da faca com que se afilava os machados para abrir, junto do rochedo onde ela havia expirado, Tanit-Zerga, a cova em que elle se adormecera.

Quando acabei, quiz ver primeiro a querida face pequenina. Desfalcei, e depois, rapidamente, tornei a tapá-la com o chaik branco, e coloquei na cova o corpo da criança.

Não tinha contado com Galé. A mangusta não havia tirado os olhos de mim, durante todo aquele triste trabalho. Quando me viu deitar as primeiras mãos de areia na cova, deu um grito estridente. Via-a com os olhos vermelhos, pronta a a saltar-me em cima.

— Galé — supliquei.

E quiz fazer-lhe festas, mas ella mordeu-me depois saltou na cova e pôs-se a tirar a areia para fóra, com a maior fúria.

Três vezes tentei afastá-la: acabei por compreender que, mesmo que chegasse ao fim de tal tarefa, «Galé» ficaria ali e descorterraria o corpo.

A carabina estava à mão. Uma detonação ecoou pelo vazio do deserto immenso. E um instante depois, «Galé» dormia o ultimo sono no pescoço da dona, onde tantas vezes eu a vira deitá-la.

Quando se tinha ficado aquiescente, a areia batida, levantei-me cambaleando e puz-me a andar ao acaso, para o sul.

CAPITULO XX

FECHOU-SE O CIRCUITO

Ao fundo do vale do Ued-Mina no mesmo sítio em que um chacal tinha urvado na noite em que Santo-Avito me disse que P-

nha matado Morhange, outro chacal, talvez o mesmo, tornou a urvar.

Tive logo a sensação que naquela noite o destino irremediável, havia de cumprir-se.

Tal como na outra noite, estávamos sentados na varanda que se abria para o deserto. Santo-Avito ao acabar, levantou-se, encostou-se a ella, e mergulhou o olhar para além.

— E depois? — perguntei eu.

— Depois, o quê? Sabes, como toda a gente, que fui encontrado, quasi morto de fome e de sede, pelo capitão Aymara, que andava a dar uma volta pela terra dos auchmidien, e levadi para Tombuctu. Estive delirante um mês, e durante o delirio disse coisas que não se deram ao trabalho de repetir-me. Quando já nem fiz o relatório official, percebi que ninguém me acreditara. E havia nêlo coisas impossíveis de perceber.

Não temaram. Adivinharam um drama cheio de mistérios, mas não havia provas e em melior não levantar um escândalo inútil. Ficou assente que o capitão Morhange morreria vítima de uma insolação, e fóra por culpa de... na manhã de 14 de Novembro de três patentes de Timissão.

— E... ella? — perguntei timidamente.

Santo-Avito sorriu triunfantemente, por ter conseguido enlouquecer pela sua loucura, e levar-me a nao pensar nem em Morhange, nem no seu crime.

— Ella... Há seis anos que não sei nada dela. Mas vejo-a, falo-lhe, e sonho com a hora em que hei de tornar à sua presença. Ajoelharei e dir-lhe-hei sómente: «Perdoame. Levantei-me contra a tua lei. Não ti-

nha compreendido. Agora sei, e vê: vo como o tenente Ghiberto.»

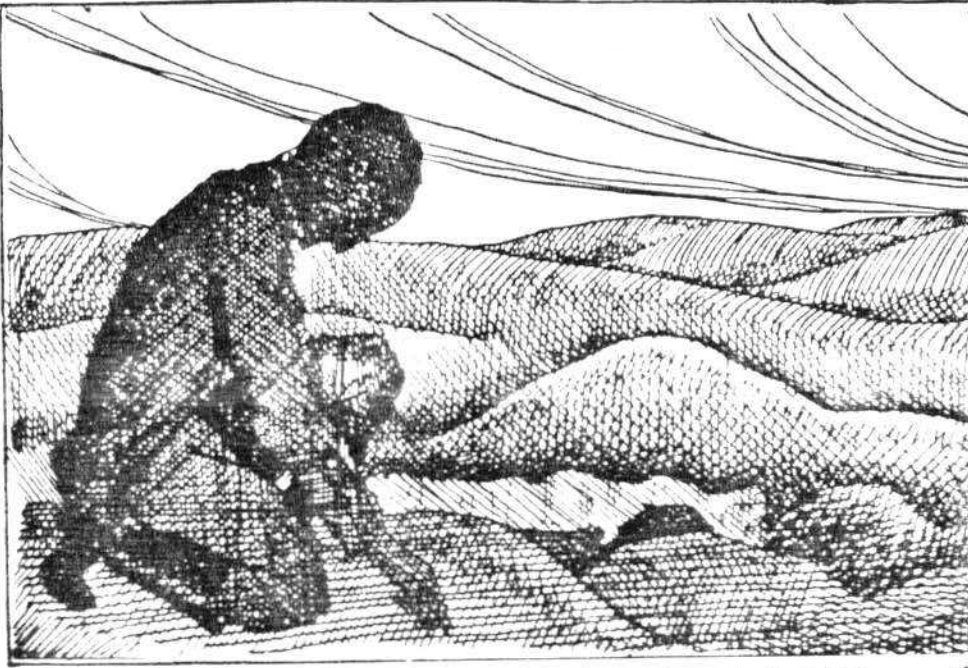
«Familia, honra, pátria, esqueceris tu por ella», dizia o velho Le Mesge. Bem sabêlo que tinham pensado diante de Arnea as vontades dos cinquenta homens sala de mármore vermelho.

Queres saber agora quem é essa mulher? Não sei, nem me importa. Tanto sei que seja a verdadeira neta do Deus dos Mores, como a bastarda de um alcoólico e de uma mulher do bairro Marbeuf.

Isso podia importar-me quando tive fraqueza de ter crimes de Morhange e ainda me prender com o ridiculo anti-patrio que estes civilizados nunca deixam meter nas coisas que deviam ser apenas ptoença da paixão. Mas desde que tive a braga o corpo de Antinea, não quero saber mais nada, nem se há flores nos campos nem o que será o destino do homem. Não quero saber em melior, talvez por ter a visão perfeita de que seja o futuro do homem, é que eu quero aniquilar-me no fim de tudo que me resta. Não quero mais insolvável e vir, em um dia, mistérios...



Uma natureza insondável e virgem. Deixa-me explicar-te. Uma vez, num dia de inverno em que tudo era cinzento e as paredes e as ruas escorriam fuligem das bricas e dos quintos-andares, misturada com o nevoeiro, fui a um enterro.





Era a mesma que se tocava na sua feira velha, alumiada acitilene, quando a gloria o segrava e as mãos batiam palmas a aplaudi-lo.

Não havia duvidas; escutava o singular ruído de mezes, o mesmo fadinho lento que marcava a sua entrada em cena como um hino à sua magestade bufona. Fez a caraninha repuxada de tanto efeito, sentiu-se noutra tempo, naquele que os actores evocam, no quadro das feiras antigas, da revista do teatro novo do parque Mayer, por cuja porta escancarada ele lheava. Tudo aquilo parecia zmoça-lo, e, então, aproximou-se, atraído, chamado, e viu-se, reconheceu-se, sentiu-se em scena. Era bem ele, com seu chapéu de pala enorme, seguro com o corcel, o sceptro dourado em sua mão forte e peluda, a nover-se, entre as gargalhadas. Estava-se no final do acto, o comico imitava-o na perfeição, e as palmas, os aplausos estrelavam, apesar do pano já ter subido trez vezes.

Toda a sua miserie lhe esqueceu. O artista carateava, movia a boca em esgaras, parodiava-o e Eusebio julgava ouvi-lo dizer:

—Cornelio! O povo está revoltado!

—Chegue-lhe, real senhor!

O sceptro revolteava, a turba clamava e o mendigo

e, como no passado, sentiu-se roubado em suas glorias, pelos louvores dados a outrem.

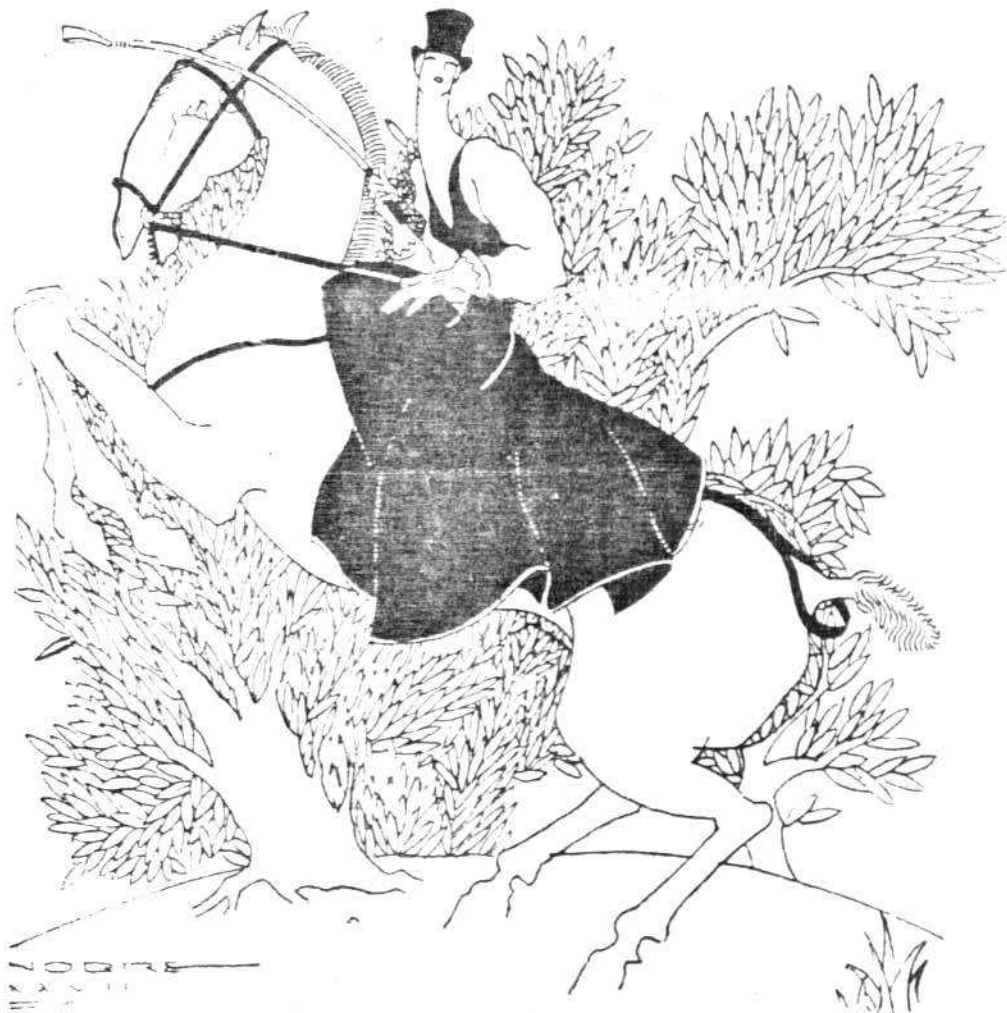
Depois blasfemou, perdeu-se na turba, soluçou, referveu em iras, acotovelado, sacudido, a zangar-se e a provocar risos, porque era cada vez mais feio, mais hilariante, mais patusco o seu rosto de revoltado.

Procurou um canto escuro para se esconder e devorar sua ira. A feira, lá em baixo, cheia de luz e de poeira, agitada pela gentilha, ressoante de musicas confusas, era o seu passado; sentiu-se a contempla-lo, a vive-lo, a querer escutar ainda, na balbúrdiante e alacre baralha, os compassos paternos do fado do El-rei Bambocha.

Ao ante-amanhecer, junto ao muro da divisoria do Parque, os homens da limpeza encontraram deitado o corpo do actor. Lá de cima esprestavam umas rosas na alvorada de maio. Tocaram-lhe com o pé, moveram-no, puxaram o chapéu esburacado que lhe cobria o rosto e recuaram. Era profundamente tragico o rosto do morto que jamais pudera deixar de resumar o comico. Os olhos abertos, esbugalhados, pareciam querer vêr ainda a gloria que julgara possuir, a bôca aberta tinha rancores nos labios leivados de sangue, como o ultimo carminim daquela fachada histriônica, em torno da qual



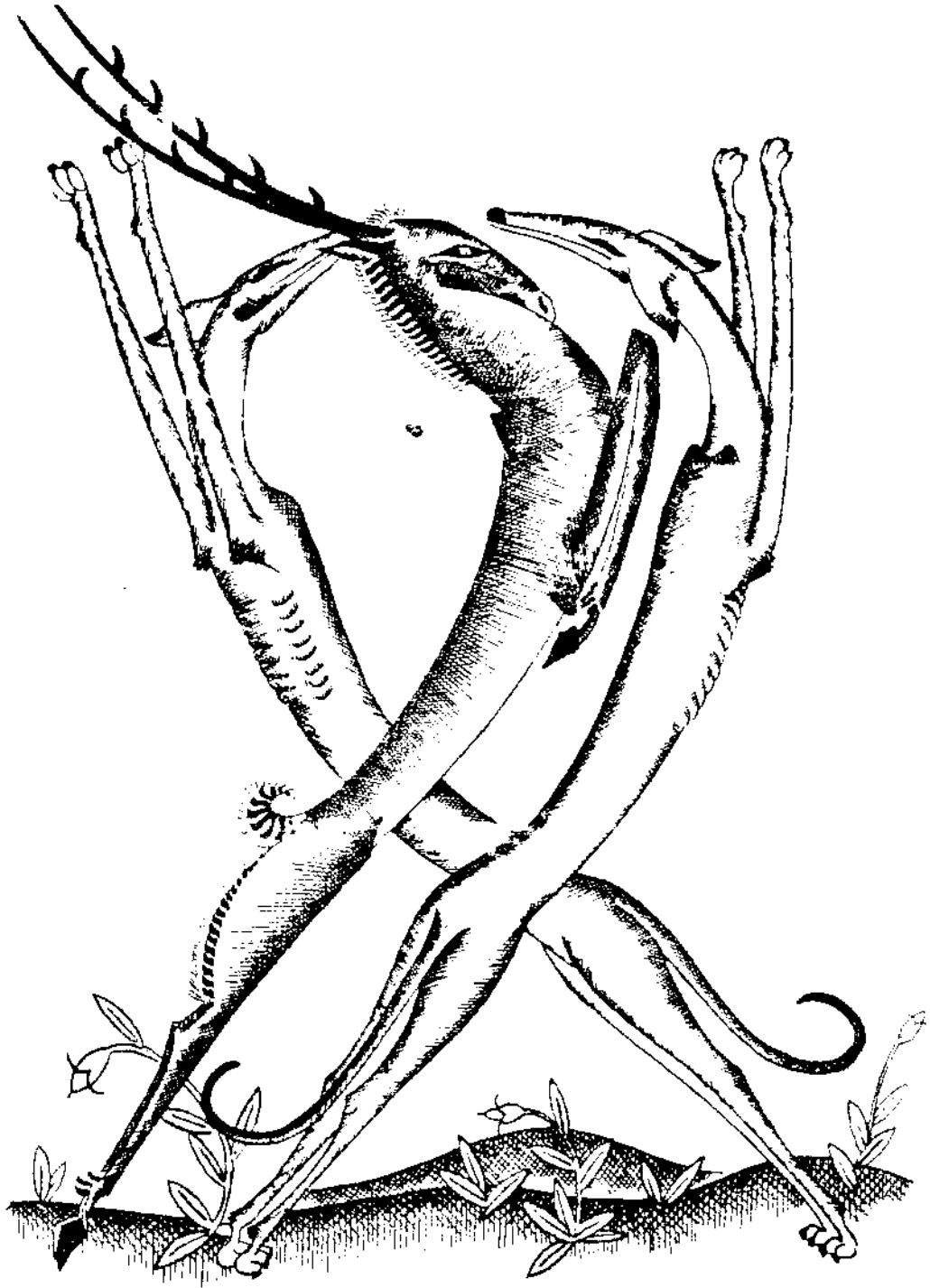
ABC 21.1.1926



(Desenho de Roberto Nobre)

A M A Z O N A S

MAGAZINE BERTRAND
OUT. / 1927



NOBRE — XXVII
A CAÇA — Desenho de ROBERTO NOBRE



José Dias Sancho, que a morte nos roubou prematuramente, era um autêntico valor da moderna geração. Num país em que tudo se esquece facilmente, é com profunda emoção que nos dá, mas hoje e a todo o momento, quando o artigo a seguir, que tão bem se adapta à quadra que vamos atravessar.

SINTO-ME triste... A noite desdobra lá fora o misterioso reposteiro negro sobre a cidade inquieta. É véspera de Santo António! Lisboa canta, Lisboa ri, Lisboa dança.

Cornetas de barro, estridentes, aos guinchos, businam uma alegria selvagem. Da cidade desprendem-se alaridos de feira, rumorejamentos de vendaval. As danças e os descantes estrugem bécos fora como se um vento forte sacudisse toda uma floresta ao redor de mim.

Sinto-me triste... Saúdades talvez! Mas saúdades de quê?

Não sei. Saúdades... A nostalgia suavíssima do sonho, a ansiedade toda melodia dum fatalismo que embriaga, a vaga lembrança dum grande bem que nos foge...

Estar só é estar triste... O pensamento vibra como uma harmonia subtil de encantamento, — filtro perturbante, hashish maravilhoso — transfigurando os instantes, dando-lhes um ar sobrenatural, que não é mais do que uma alucinação de febre, de febre dos sentidos.

Estar só, isolado do tumulto da vida, é desnudar a nossa alma, a nossa alma trilhada pelo mundo; o menor rumor nos vem perturbar.

A MAIOR DIFICULDADE
PARA QUEM PRETENDE SEGURO
A SUA VIDA OU OS SEUS HAVERES
ESTÁ NA ESCOLHA DUMA COMPANHIA

DESDE A SUA FUNDACÃO EM
1 8 5 3
HÁ PORTANTO 75 ANOS

SEM

A COMPANHIA DE SEGUROS

GARANTIA

A MAIS IMPORTANTE GARANTIA
PARA DE SEGUROS
DE VIDA EM
PORTUGAL

LIQUIDANDO
PONTUALMENTE
TODAS AS SUAS
RESPONSABILIDADES

SEM

A MENOR
CONTESTAÇÃO

SEDE: RUA
FERREIRA
BORGES-57
PORTO

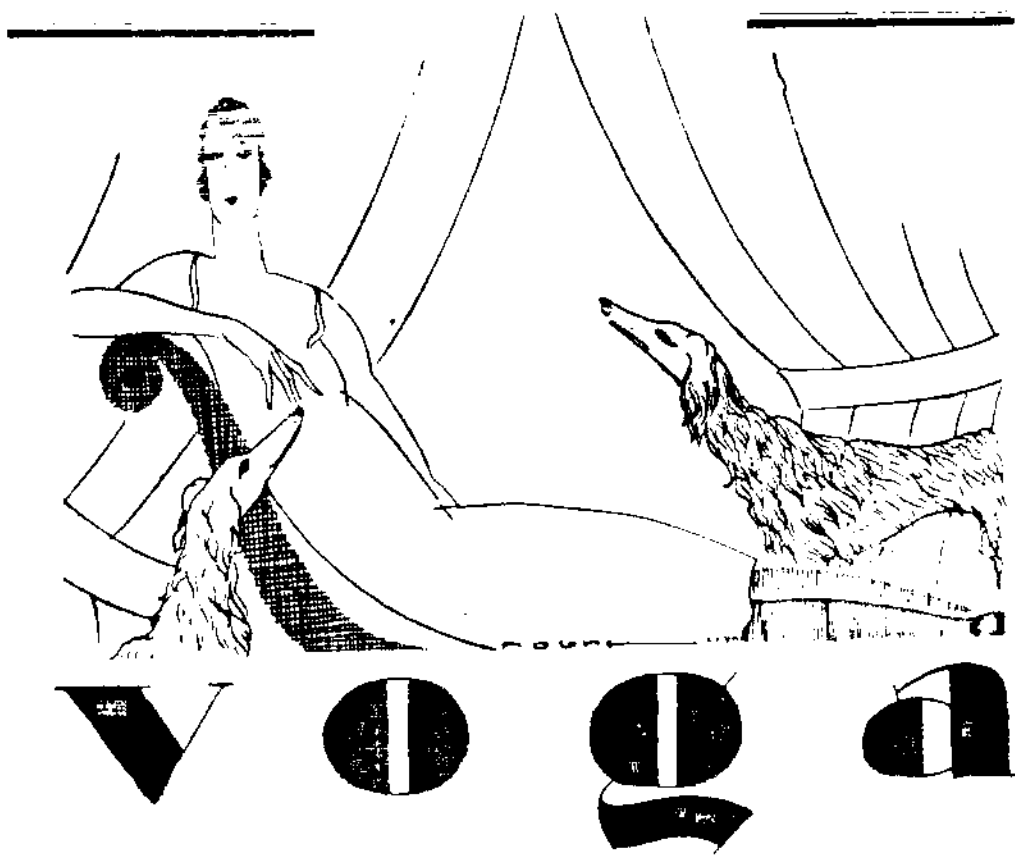
DELEGACAO
LISBOA
R. S. J. V. 1930



CIVILIZAÇÃO ABR./1930

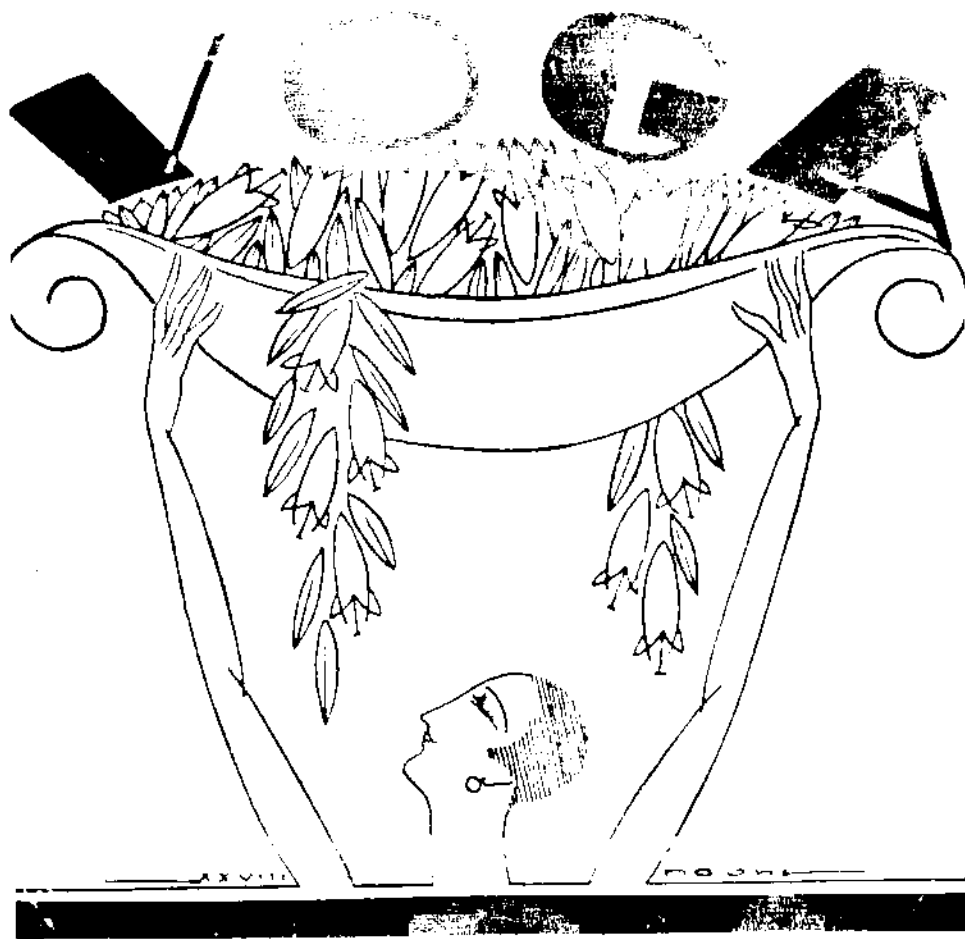
nobre
 29
 ACADEMIA
 SCIENTIFICA
 DE
 BELEZA
 MADAME
 CAMPOS
 PVE
 CIVILIZACAO

De V. Ex. não tem as
 pestanas assim...
 e porque desconhece
 o efeito do ondulador **Rodal**



SALÃO DA ELE-
GANCIA FEMÍ-
NINA & ARTES
DECORATIVAS

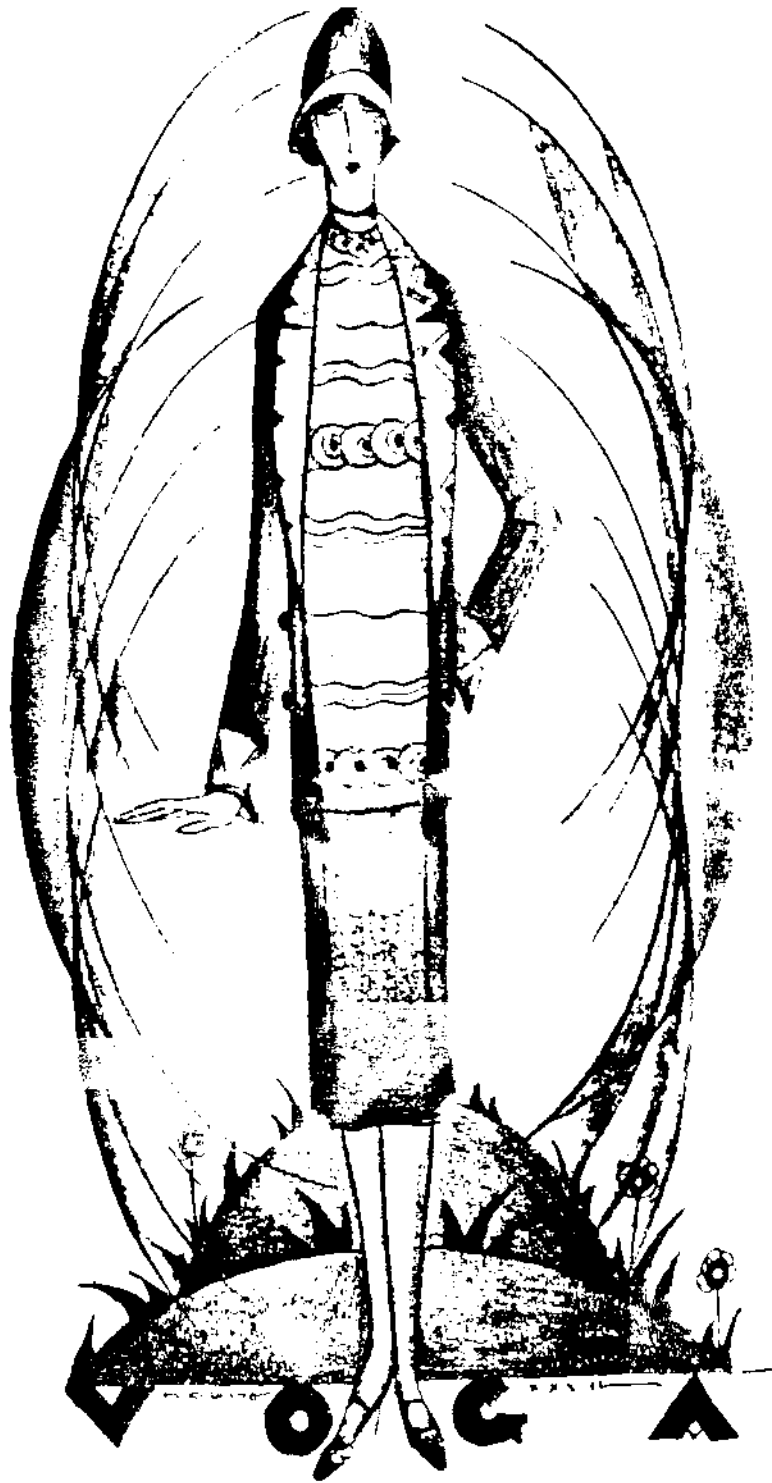
VOGA N: 24



VOGA

(SEMANÁRIO ILUSTRADO DA MULHER)

VOGA N.º 22



YOGA N: 14



VOGA N° 12

AS PEIXEIRAS O LEITEIRO AS "MIDINETTES"



1

AS peixeiras de Lisboa — a lide — dum mundo bulhento que fica entre a Esperança e a Ribeira Nova — trazem o mar á flôr dos olhos e a flôr do mercado sobre a cabeça airosa. Nas canastras vem o melhorsinho da Ribeira, o peixe coru-



11

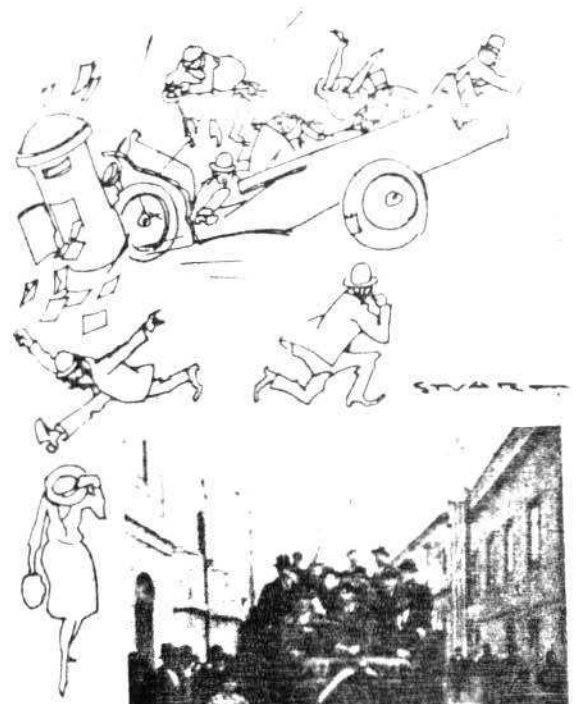
MARGARIDA vai á fonte e vae encher a cantarinha de azes quebrados e covas intrigas ás vestidas e não fora do marujo . . . E tudo se passa ao pé da fonte que, por sinal, é um chafariz. E sempre por ciúmes duma Margarida — flôr dos patios e das vilas frias — que os D. Juans do bairro vão pa-



Os primeiros ensaios do pessoal militar



rua martr. por ocasião de greve



Uma ecantonette que pode a todo o momento, ser a tragica...

GREVE dos ETRÍCOS.

(Clichés Salgado)



NO EXODO DA VIDA

A' memória de Manoel Laranjeira

...só me assusta
e não sabe o que a vida
(em um livro do Suicida)

Moria uma vida, o sonho que floriu
na tortura do cráneo que o gerou
foi um mundo perfeito que ruiu
e que a algidez da morte aniquilou.

Tanta beleza o coração sonhou,
tanta verdade o espirito anteciu...
e tudo, por sarcasmo, se findou
na amaríssima dor que se extinguiu.

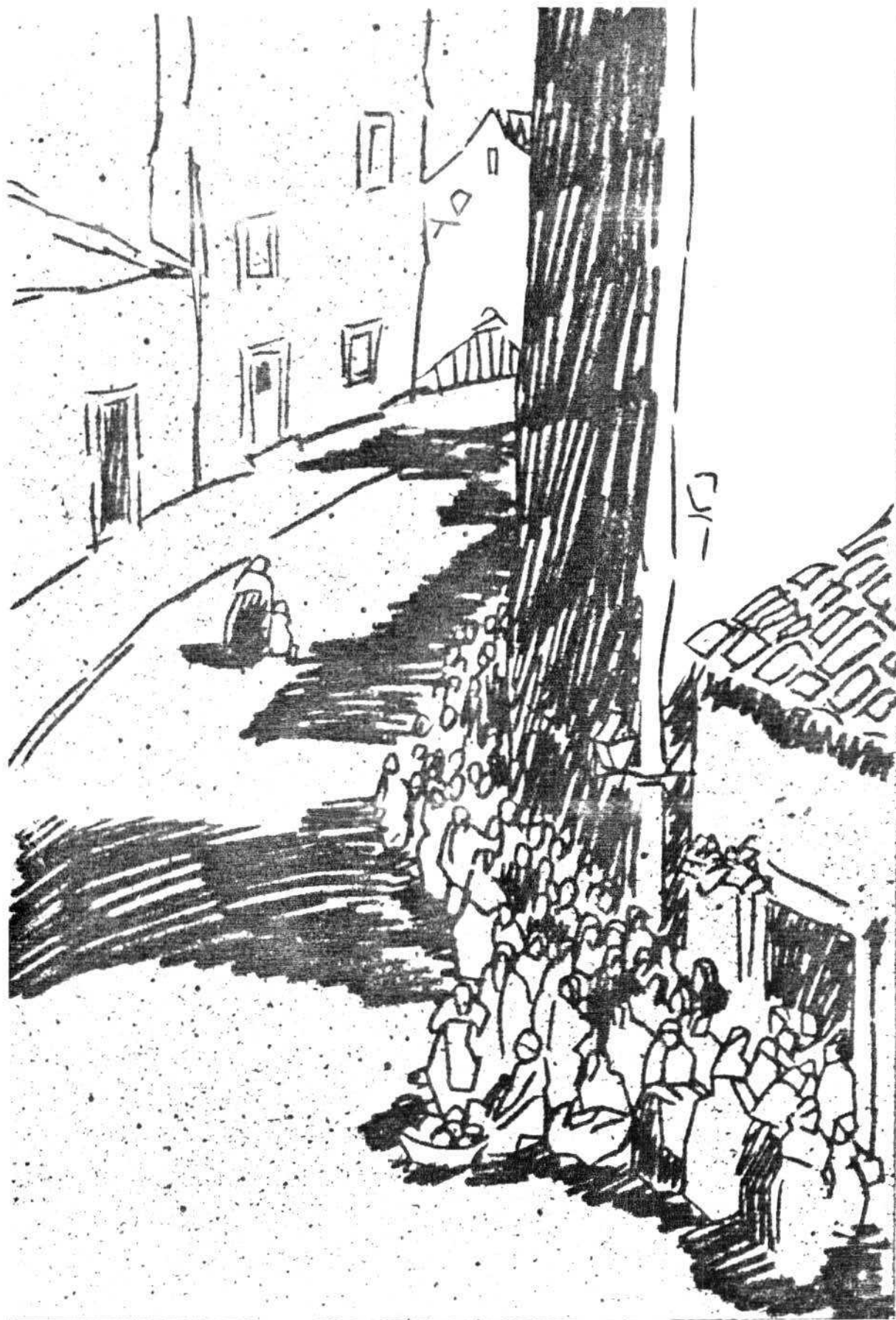
Que naquele momento alucinante
quando a sombra da morte enturva o olhar,
e a grande fé vacila agonisante;

a derradeira lagrima vertida,
é tardia verdade a demonstrar
o sofrimento inútil d'uma vida!

AGUSTO RICHARDO

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

12.4.1920



A BICHA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA
15.4.1922

UM PÁRIA

Nessa manhã chuvosa de Natal, Joaquim assomou à porta do casebre para verificar a intensidade da chuva. Calculou mentalmente a distância que vai de Santa Barbara às ruas da Baixa, hesitou um momento e por fim

esqueceu-se de sua filha mais velha, quatro anos apenas, obrigaram-no a meter resolutamente pernas a caminho. O seu andar era cambaliate; percorridos alguns metros, parou junto duma parede a tomar o fôlego, murmurou uma prece e retomou a marcha lenta.

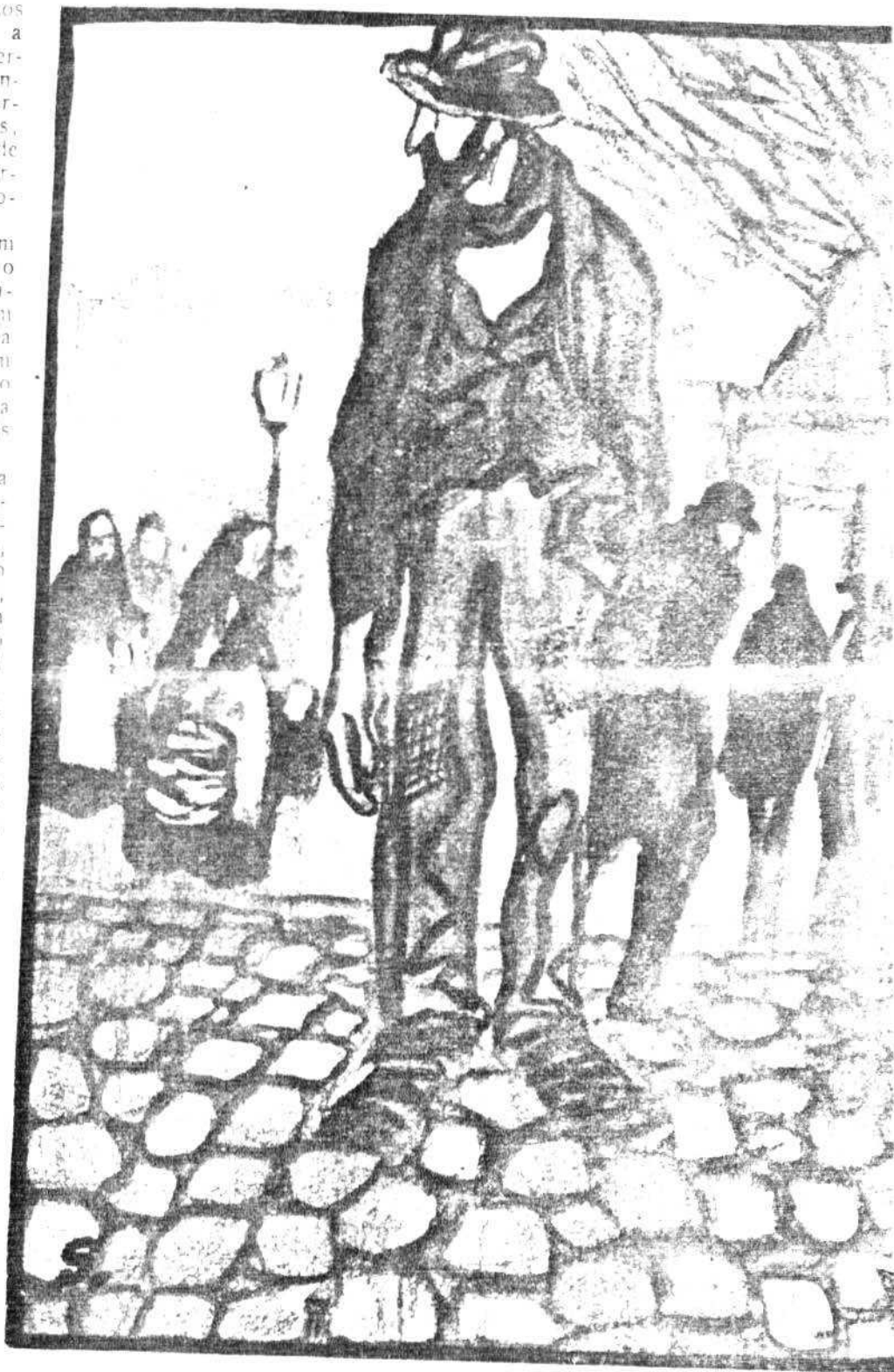
A chuva diminuíra um pouco; ouvia-se apenas o seu murmúrio sobre o empedrado do *trottoir*. Um céu de tempestade velava a luz do sol, como um imenso *abat-jour* cinzento e a casaria tristonha da rua das Barracas mais sombreava o dia.

A cabeça mal segura pelo pescoço magro, pendida sobre o peito, o corpo ossudo, esquelético, bailando, tremendo de frio dentro do fato remendado, seguia Joaquim imerso em seus pezares, direito ao Campo de Santana. Há

alguns dias que não se levantara-se nessa manhã da sua enxada podre, onde o levara a doença, a doença da miséria, porque suas filhas mirradas, muito palidas, lhe chegavam ao peito as cabecitas louras, reclamando pão. Era mais triste ver a fome das filhas do que sentir sua própria fome! Dar-lhes-lhe pão, sim. Era preciso adquiri-lo de qualquer maneira.

Nesse dia fúnebre, sem o belo sol a pintar manchas de luz pelas paredes sujas do cubículo, como nas saudosas tardes de estio, havia sorrisos em todos os lares, calavam-se as tristezas, toda a gente gozava a alegria de viver e as crianças, por essa cidade, saboreavam guloseimas e regálos que os pais lhes traziam. Só aqueles três inocentes, tam adoráveis como os pequenitos ricos, com tanto direito à felicidade como eles, nada por-

cantos e risos, boróas e brinquedos, petiscos e. Mas aquela queda do alto dum andaime inutil. Mais valera ter ficado inerte para sempre. Após saída do hospite!



ABC 28.10.1920

MALEFÍCIOS DA FADA BRANCA

COCAINA E AS SUAS MENTIRAS



Stomachos habentum singularment e sor tenent
Chamada a cocaína «a Fada branca» É a feiticeira enre-
da-os de tal fôrma que raramente se lhe pôde fugir.

Vem isto a propósito do que se está passando
em Lisboa. A «Fada branca» tem súbditos e cúmplices.

Ha os que morrem da cocaína, entre torturas e os
que da cocaína vivem, entre prazeres. Uns são os

a tomam, outros os que a vendem.

A policia, de quando em quando, descobre um fornecedor do terri-
estupefaciente, prende-o e esquece.

Os dramas da cocaína, que ja podem constituir volumes, mal se de-
em nos tribunais.

E no entanto bem merecia fazer-se uma propaganda contrária ao uso
da cocaína, mostrando os seus terríveis efeitos.

O alcool, em comparação com a cocaína, é como um falsificador,
relação a um parricida.

Quem mais usa a cocaína nos centros civilizados são as pessoas de
goria, as que não encontram no trabalho a distracção necessária.



MISÉRABLES

Noite alta e escura. Ela abriu de repelão o pequeno portal dismantelado da sua choça, e, sem um suspiro, uma palavra, um gesto, hirta e lenta como uma sonâmbula, deu uns passos. Depois parou. Soprava uma aragem fria e húmida, cortante e má. No tampo, o céu vasto não tinha a graça duma estrela, nem a purificação dum luar. As nuvens negras deviam rolar negramente, no céu negro. A terra, em baixo, à volta dela, revelava, no oculto da sua cerração, um recolhimento passivo e medroso. Havia um silêncio imperativo, que um mugido de vento alevantado, por vezes interrompia. Ela deu dois



passos mais no escuro, hesitante. No seu caminhar podia-se notar prudência, receio, subtilidade, insensatez. Mais longe, tornou a parar. Parecia consultar-se mudamente. No seu espírito qualquer coisa de grande, mais pavorosa do que a noite inclemente e mais fria do que o vento, se debatia.

E assim o seu caminhar continuou por longo tempo, cortado das mesmas pausas hesitantes e interrogativas. Se se picava nas silvas, nos cardos, ou o entrelaçamento dos arbustos a detinha, invadia-a de súbito um susto pueril, e, tomada de vibrações, de desconfianças, de cóleras, procurava o espaço livre, onde lenta e hirta não encontrasse estôrvos: se o alagadiço lhe amolecia os passos e os pés se lhe enterravam, maior a sua cólera, maior o seu susto, e soltando gritos contraditórios que o vento sumia, alegres gargalhadas, irónicas exclamações, corria até encontrar terrenos de novo endurecidos, onde a segurança nascesse. — Então era bem uma demente perseguida pela sua fúria.

Por fim, já cansada, os seus pés descalços tropeçaram num alevantamento duro, e



com o outro b... e desse lado... e compreendeu. Também não tentou cômpre forças, prostrada pela penosa caminhada, pavor pela dureza do céu e a inclemência miserável, cheia de fome e de frio, sentindo cair sobre a sua pele pouco mimosa áspera do relento, que a enchia de que

dôres — poz-se a olhar fitos, sem como uma doida e ribunda, o vácuo a envolvia...

◇ ◇ ◇

Esteve assim. Nessa hora entorpeceu mais o corpo, mais um pouco de agudeza rito. Pensou que a pobre, mais do que chega a ser um susto não há aligeiramento graça — a miséria é abismo, quem se a mais se perde: que é para os ricos, mas sempre para os pobres miseráveis, que a respiram, a palpam: que gira sem equilíbrio, dia virá em que os d soltando um só grito

A LEI DOS DOIS PRATOS (A boa interpretação)



- Traz-me uma omelette de camarão, linguado frito, rins grelhados e um bife com batatas.
- Peço desculpá, mas... segundo a lei só posso servir dois pratos.
- Ah! não faz mal, se quizeres até podes trazer tudo no mesmo prato.

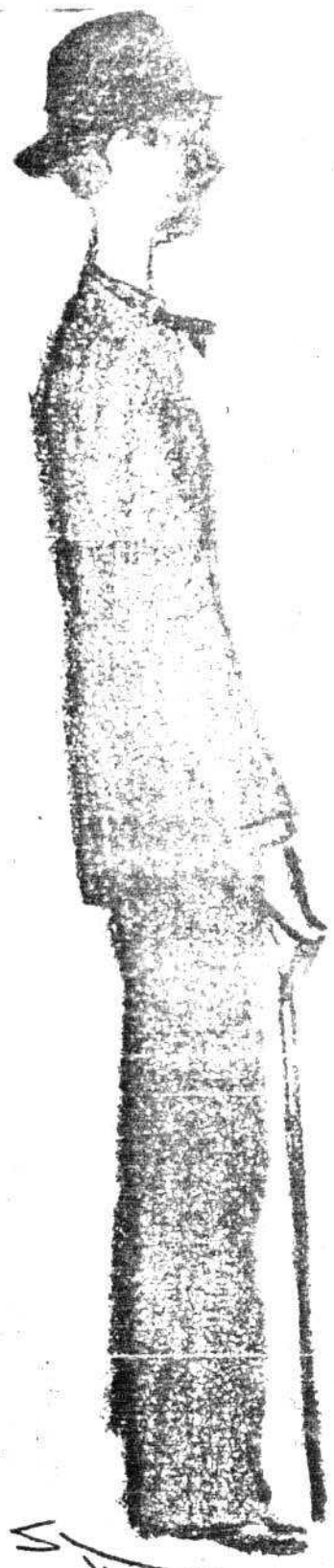
ABC 16.9.1920

A S HISTÓRIAS DO SANTA RITA PINTOR

POR REPORTER X

DESENHOS DE STUART

A REDACÇÃO DE «A CAPITAL EM 1915—O CONGRESSO
DO JANSEN—OS «FUTURISTAS»—O ÓDIO DE SAN-
TA-RITA—OS CACETEIROS—O ENGENHEIRO
PRODÍGIO—A ÚLTIMA FACÉCIA



Santa Rita - Pintor

unhas roídas, o cigarro «Francisco»; Júlio Dantas que então agitava o rodapé do jornal com o filme literário e histórico de «A Pátria Portuguesa», mordendo o lábio inferior, num tic muito seu e cavaqueando com Sousa Costa — agitado, nervoso, perovoso, os cabelos alisados para lá testa, trinta fitas, no estilo do Conde de Arnoso; Herculano Nunes, da cartomancia política, loizote, a cabeça irrequieta, ejaculando fumo pelas narinas dilatadas; o dr. Joaquim Manso, da «Poética da Arcada», lábios comprimidos como se estivesse chupando um rebuçado, os músculos faciais vibrando sempre, os olhos míopes contemplando o soalho; Adelino Mendes, espadando, pescoço baixo e forte, pulsos largos, braços abertos, como asas, sobre a secretária, a caneta num *à la charge* vertiginoso sobre os linguados; Mayer Garção, bamboleante, mãos cruzadas atrás das costas, eloquente nas palestras como nos «fundos», a eterna «Marselhesa» em prosa, casquinando longas risadas, com os dentes muito brancos, muito cerrados; o dr. José Pontes, optimista, esbracejante, falando sempre e picando a sua conversa com repetidos: «Eh! Rapazes!»...

Era a hora de fechar o diário... Pela janela aberta sobre a Praça Luis de Camões entrava o eco da canção chilreada pelos pardaes, que copavam alegremente as árvores. Da tipografia vinha o ruído matraqueado do martelo da paginação... E Manuel Guimarães, o director, alto, estranho, oficial de quarto na ponte da pilotagem, passeava, isolado, de um extremo ao outro da sala, num vai-vem de quilométricas passadas.

Súbito, Garibaldi Falcão, desdentado, mechido, de rosto pontegado por uma perita negra e satânica, topou, folheando a agenda, com um apontamento esquecido nos boletins de serviço:

— «Grande Congresso de artistas e esportistas da nova geração para protestar contra a modorra a que os velhos os obrigam» — leu o secretário de redacção, fanhosamente...

Houve logo foguetame de comentários desprezativos: «Ora os futuristas!» «Os meninos a brincar!» «Os pinta-moços alienados e os produtores de estilo caricatural!»

— E quem assina o convite? — indagou alguém.

— José Pacheco, Almada Negreiros, Rui Coelho e Santa Rita...

Nova fusilaria... Malucos! Intrujões! Bóbes malereados do «Orfeu»!

Manuel Guimarães estaca no meio da redacção, suspira fundo e alva os olhos, numa ex-



Mão de Sa Carreira

quele fim de tarde, morno e luminoso, de isto, na redacção de «A Capital» havia um grande parado de pessoal. Nenhuma outra coisa podia basotiar de igual elenco de jornalistas. Era um autêntico viveiro de «cazes»...

des vão desfilarem... O perfil chato e narigudo André Brun; Avelino de Almeida, de cabeça arameamente tombada, uma ponta do lenço enfiada nos dentes, coçando-os, com iris azuis fixas no papel; Hermínio Neves, precocemente velho, olhos boçalhudos, enrolando, com as

pressão de esmagadora fadiga, como era seu hábito, sempre que inaugurava um diálogo após um período de silêncio. E indiferente ao arame farpado que já se desbobinava em redondo da notícia, investigou:

— Quando é?

VOGA

A UNICA
 GRANDE
 REVISTA
 FEMINI-
 NA POR-
 TUGUESA

..

MODAS

..

BOR-
 DADOS

..

CON-
 FE-
 ÇÕES

..

LITERA-
 TURA
 FEMINI-
 NA

..

CONTOS
 PARA
 CRIAN-
 ÇAS

..

CONCUR-
 SOS

..

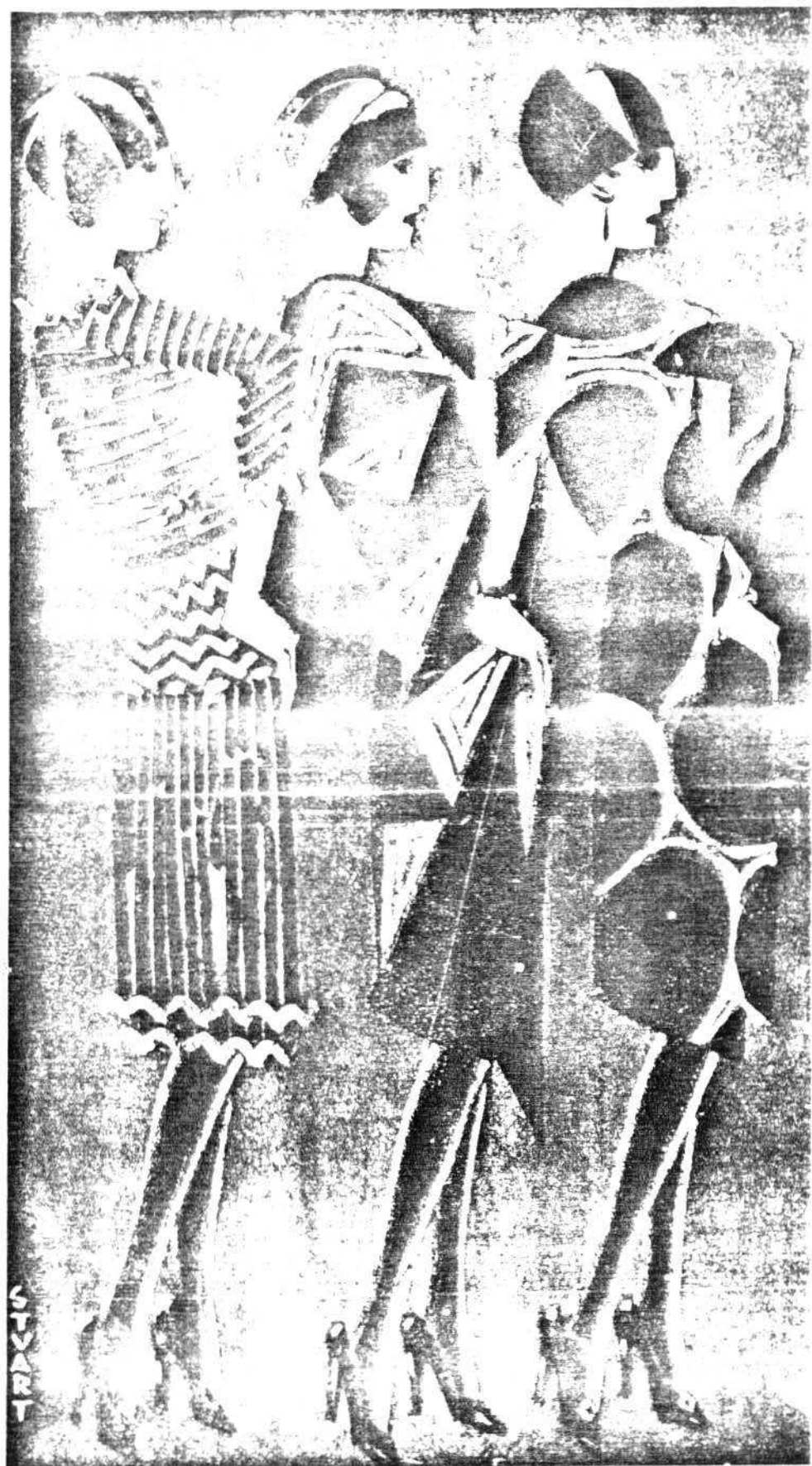
GRAFO-
 LOGIA

..

ROMAN-
 CES

..

ELEGAN-
 CIA



MODE-
 LOS EX-
 CLUSIVO
 DE PARIS
 RECEBI-
 DOS SE-
 MANAL-
 MENTE

..

A UNICA
 GRANDE
 REVISTA
 DE ARTE
 PARA AS
 SENHO-
 RAS
 PORTU-
 GUESAS

..

PAGINAS
 CENTRAIS
 MA-
 RAVI-
 LHOAS

..

FOLHAS
 DE BOR-
 DADOS E
 MOLDES
 EM TA-
 MANHO
 NATU-
 RAL

..

CINEMA

..

TEATROS

..

BELEZA

CUSTA 15 TOSTÕES

119

DISCOS PORTUGUESES



Brunswick

cada disco 2 sucessos

Estabelecimentos Valentim de Carvalho

97, Rua Nova do Almada — LISBOA

CIVILIZAÇÃO

FEV./1930



ILUSTRAÇÃO

1.9.1928

O CAIXEIRO MODERNO

ANTIGAMENTE — tal como no *Estudante Alsaciano* — a cara do caixeiro era risonha e franca...

A custo resistíamos ao seu bom acolhimento. Era tal o excesso de amabilidade que nos dispensava, que chegamos até a evitar de passar junto a algumas lojas, receando a tação do sorriso desses bons empregados tão obsequiadores no saudosos.

Olerciam agendas, *sachets*, frasquinhos de essencia e chegamos a fazer abatimentos que, na sua gentileza cativante, confessam ser impossiveis... mas apenas para nos serem agradaveis. Quando não nos convinha comprar qualquer artigo, insistiam com suas frases mais convincentes: «A Madame não encontra mais... A Madame deve aproveitar esta bela ocasião, por-

o artigo vai subir...» e nós, ou apravamos conicidas por tanta ababilidade, ou fomos penalizadas não compensarmos aqueles sorrisos escenderem gentileza, respeito e cortesia que na face esboada do caixeiro davam um ar de boa pessoa.

Tempos passaram... A fisionomia do caixeiro modificou-se, tal como as ações cambiais. A gentileza cairal eclipsou-se... ora somos nós, ensaiando o sorriso maisavel, nos aloitamos a perguntar:

— O sr. faz-me o equivo...? ainda daquela fazenda da estação passada? O caixeiro, alheado a tudo quanto o cerca, faz que não se — e nós insistimos:

deste género ao preço de 300\$00 o metro com 70 centímetros de largura.

E nós, de amostrinha na mão, numa corrida por todos os estabelecimentos, continuamos a aventurar as mesmas palavras aumentando-lhes a doçura, à medida que ia subindo a inácriação dos caixeiros.

Emfim — «quem porfia mata caça», como se costuma dizer — e, ao cabo dum verdadeiro *raid* pelas lojas de modas, conseguimos encontrar a fazenda apetecida, mas já naturalizada francesa, com um nome exquisito a 200\$00 o metro!

É claro que, como pessoas civilizadas, não deixamos de comprar, tendo até o cuidado de achar muito em conta o preço pedido. Nos tempos que vão correndo, o que seriam 200\$00 por um metro de

fazenda? Uma bagatela! Antigamente, era esse o preço de duas peças... mas era antigamente. Não, não era caro...

..

Tudo mudou. Brindes nunca mais. Até o *bolo-rei*, o tradicional *bolo-rei*, só de encomenda é que traz surpresa.

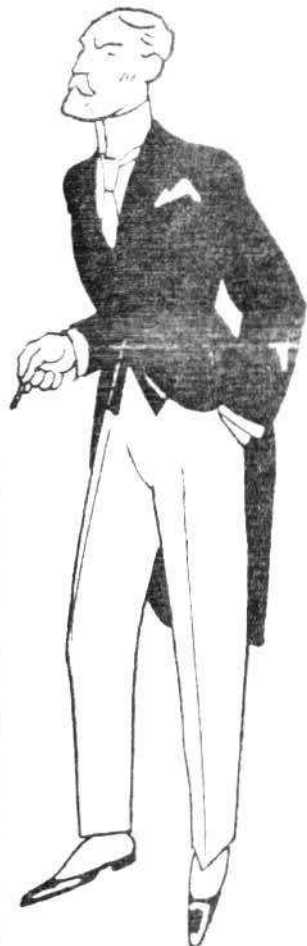
Ha, dias entrei numa papelaria. Comprei uma caixa de papel com 25 folhas e 25 envelopes por 20\$00. O papel era vulgar e, portanto, caro, mas comprei por ter já na minha frente uma montanha de caixas e ter pena do rapaz que me servia.

Emquanto embulhava a caixa, o rapaz reparou em mim, olhou-me fixamente, tornou a olhar e, por fim, foi buscar um espelhi-



Olerciam agendas, *sachets* frasquinhos de essencia...

A função social do frack



O frack que descende de velhas e já olvidadas vestes, que é, segundo a versão pouco certa dos dicionários, o sucessor da sobrecasaca *demodee*, tomou notavel incremento nos ultimos anos e a sua função social é hoje deveras apreciavel. O seu corte, que veio evoluçionando até á sua actual elegancia, a facilidade e propagação do seu uso, tornaram-no indispensavel a todos aqueles que teem de manter determinadas relações sociaes.

Usam-no diplomatas e cortezaõs, reis e presidentes da republica, comerciantes e industriaes, aventureiros e até os mendigos que se vestem á custa dos outros...

O frack é economico, pode-se lo e andar a pé; pode-se vesti-lo sem cartola, sem chapéu côco, sem camisa de peito engomado, relusente,— exaltante o contrario que sucede com a casaca, veste muito antiga portanto de muitas exigencias.

Um frack dá prestigio, envolve a pessoa que o usa numa austeridade, dá aqueles que o vestem uma apparencia prosperidade, de boa posição social— e por isso todos os aventureiros o envergam assiduamente.

Pode-se usar o frack de dia e á noite, no perambular cotidiano, nas visitas cerimoniaes, nas despedidas dos amigos, nos enterros, nas missas de sufragio, nos casamentos e nos batisados, em toda a parte menos nas recepções officiaes ou particulares, nas recitas de gala, nos *sarais* mundanos e nos banquetes—logares que pela sua delicadesa e elevação estão reservados á casaca, que ao cabo e ao fim é feminina e tem arraigadas tradições...

A proposito do mau emprego do frack conta-se uma anedota que queremos aqui registrar:

Um conhecido parlamentar, que hoje faz parte do Partido Nacionalista, convidou certa noitz um seu correligionario e cacique eleitoral da provincia, a jantar consigo no Monumental, no tempo em que este club a inda se chamava Magestic. O politico provinciano, suggestionado pela tradição de esplendor que os clubs teem na aldeia, consultou o creado da pensão onde se hospedara, sobre o vestuario com que devia comparecer ao jantar para que fora convidado. O servo indicou-lhe a casaca, mas como o cacique em questão não a tivesse, optou-se por um frack que alguem providencialmente emprestou.

E o homem lá foi até ao Magestic. Ao entrar, observou que as pessoas que o procediam na escadaria se dirigiam ao bengaleiro e ali despiam e entregavam o seu sobretudo.

Mas o politico provinciano, que não trouxera o seu gabão, na certeza

de que o frack o dispensava, e julgando que era necessario depositar no bengaleiro uma veste qualquer, não vacilou:—Aproximou-se do bengaleiro, despiu o frack e entregou-o, entre as gargalhadas de todos que assistiam a scena.

Como o protagonista desta anedota, muitas outras pessoas ha que desconhecem os prestimos do frack e sua função social. E todavia o frack é hoje um instrumento de triunfo.

Quando novo, quando bem talhado e usado com elegancia, impõe aqueles que o envergam. De resto, a utilidade do frack como meio de exito e de prestigio social é ha muito reconhecida. Já M.^{me} E. Girardin se releria assim ao valor social do frack:

Les grandes qualités ne sont rien à Paris, Sans un frack à la mode ou des chevaux de prix.

É curioso notar, contudo, que o frack marca três situações distintas. A dos individuos que o usam devidamente, porque teem a correspondente posição social. A dos que o usam para enganar os incautos, fazendo-se passar por pessoas bem collocadas na sociedade, dispondo de prestigio e dinheiro. E por fim aqueles que o vestem por não terem outra coisa que vestir— e entre estes se contam os mendigos, os funcionarios aposentados, todos os individuos que vivem sob a caricia do Fracasso, de que o verdadeiro simbolo parece ser um frack cossado, um frack no pelo,— um velho frack que toda a gente tem olvidado em qualquer recanto escuro, á espera do miseravel que o ha-de envergarm nas ruas como um trofeu da sua propria decadencia.

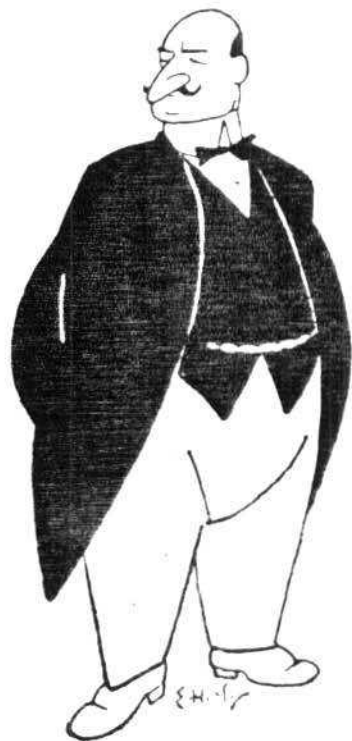
Como se sabe, Luís XIV estabeleceu para seus cortezaõs o uso da casaca azul. Para que estes podessem acompanhar Luís XIV que, enquanto principe, fazia numerosos e assiduos passeios, não era necessario nenhuma autorização previa,— bastava que envergassem uma casaca azul, debruada a ouro. Com esta instituição Luís XIV via-se livre dos pedidos e lisonjas que seus gentilhomens lhe faziam— e tudo corria pelo melhor. Mas o principe tornou-se rei e um dia appareceu-lhe a condessa de Boisi, solicitando determinadas benesses em favor de seu marido.

— Que mande fazer uma casaca azul e ficará entre os meus cortezaõs— disse o soberano.

A condessa calou-se, não dando sinais de satisfação pela oferta real. Luís XIV, intrigado com aquela frieza, perguntou:

— Acha pouco o que ofereço ao conde?

— Ao contrario; acho muito, conquanto a casaca seja paga por vossa magestade...



A DITADURA FEMENISTA

HIPOTESE D'UM

FUTURO REGIMEN



IV

MEDIDAS DE SALVAÇÃO PUBLICA — CURIOSIDADE INOFENSIVA — S. BENTO, FABRICA DE MEIAS E RENDAS — A PRIMEIRA SESSÃO DO PARLAMENTO FEMININO — UM DECRETO EXTINGUINDO O NAMO

— Oh, mamã!...

— Não devemos infringir por enquanto a lei. Esperaremos... E depois, repara bem, que fazes parte do governo! Helena correu ao seu quarto a esconder as lagrimas.

Se a revolução, pensava, tivesse transformado todas as mulheres, como transformára a sua mãe de tão nobres tradições, era uma revolução vitoriosa e inúteis seriam os esforços de Alberto para destruí-la.

E todavia Helena não podia abandonar o seu cargo de secretaria, porque se o fizesse seria de certo considerada traidora e como tal sua liberdade correria perigo.

Inesperadamente, porem, o telefone retiniu. O capitão agarrou o auscultador e em seguida chamava Helena.

Marcia Arado, já na posse de todas as suas energias, comunicava-lhe que comparecesse no dia seguinte, pelas 10 horas, no ministerio do interior, pois tinha de combinar a forma de se apresentarem no congresso das delegações provinciais, que de tarde se realisava no Parlamento e onde se iam tomar extraordinarias medidas.

O capitão Alberto, logo que se poz ao corrente desta decisão do governo

cter geral e embora a Miss Mary fosse mais agradável e ceder ditatorialmente, o governo provisorio resolveu que instituisse um congresso de mulheres delegadas de todas provincias, no antigo edificio onde se realisava o congresso dos homens.

As preclaras governantes da nação sentiam que ao procedendo regressavam aos velhos processos, — que o Conselho do Parlamento, infelizmente, não tinha a essência da doutrina femenista-revolucionaria, mas as circumstancias exigiam esse acto reaccionario e ante isso o governo achou por bem transigir.

Todavia as femenistas queriam de qualquer maneira fingir-se dos habitos masculinos e, com uma pontualidade acreditavel, compareceram affluindo a Bento muito ante hora marcada.

Sob o braço regavam a indiscreta pasta e com o decreto das calças do saio já em execução, sentaram-se vestidas de tal forma, que a vez de deputado dir-se-lham amaze prestes a cavalgar invisiveis corceis.

Agitava-as extraordinaria curiosidade, e dentro breve, abandonaram os Passos Perc



ABC 13.3.1924

É tão prático! E estamos sempre penteadas!...
 frase com que elas convencem os papás, as mães e os maridos maleáveis!



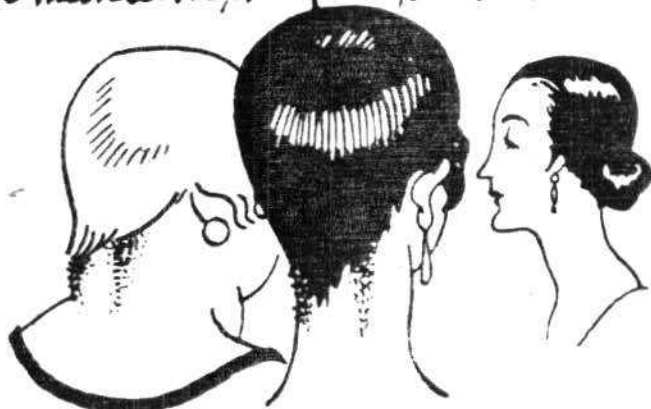
Fez mamã, fica-me tão bem o cabelo à "Garçonne"! É tão prático e depois estou sempre penteada!

Aspecto da quedêlha de manhã ao despertar...



Na praia, a gaforina sob a ação da brisa do mar...

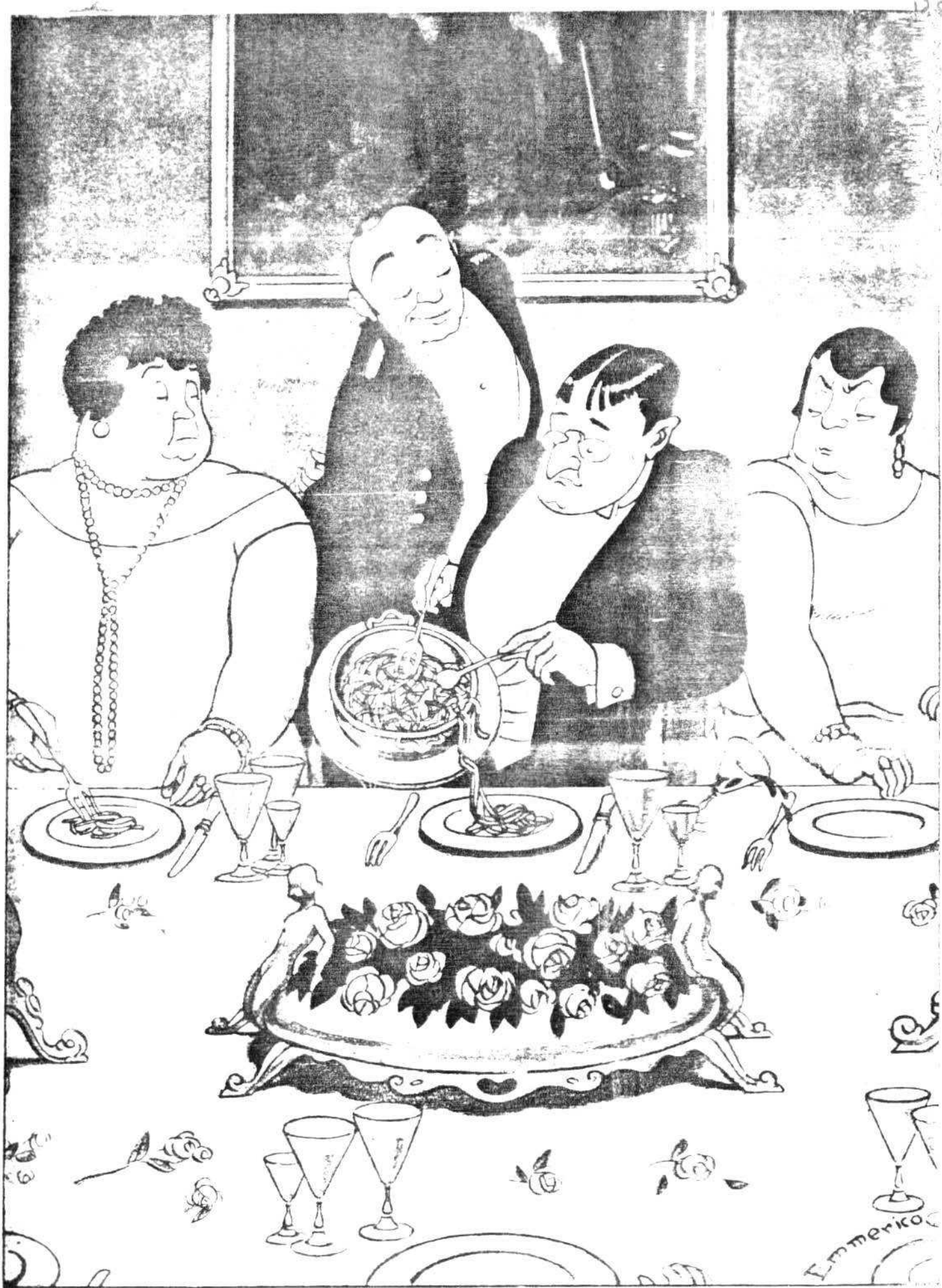
Quando se abaixa, as farripas sahem da compostura em que só se mantem, na posição vertical...



immerico

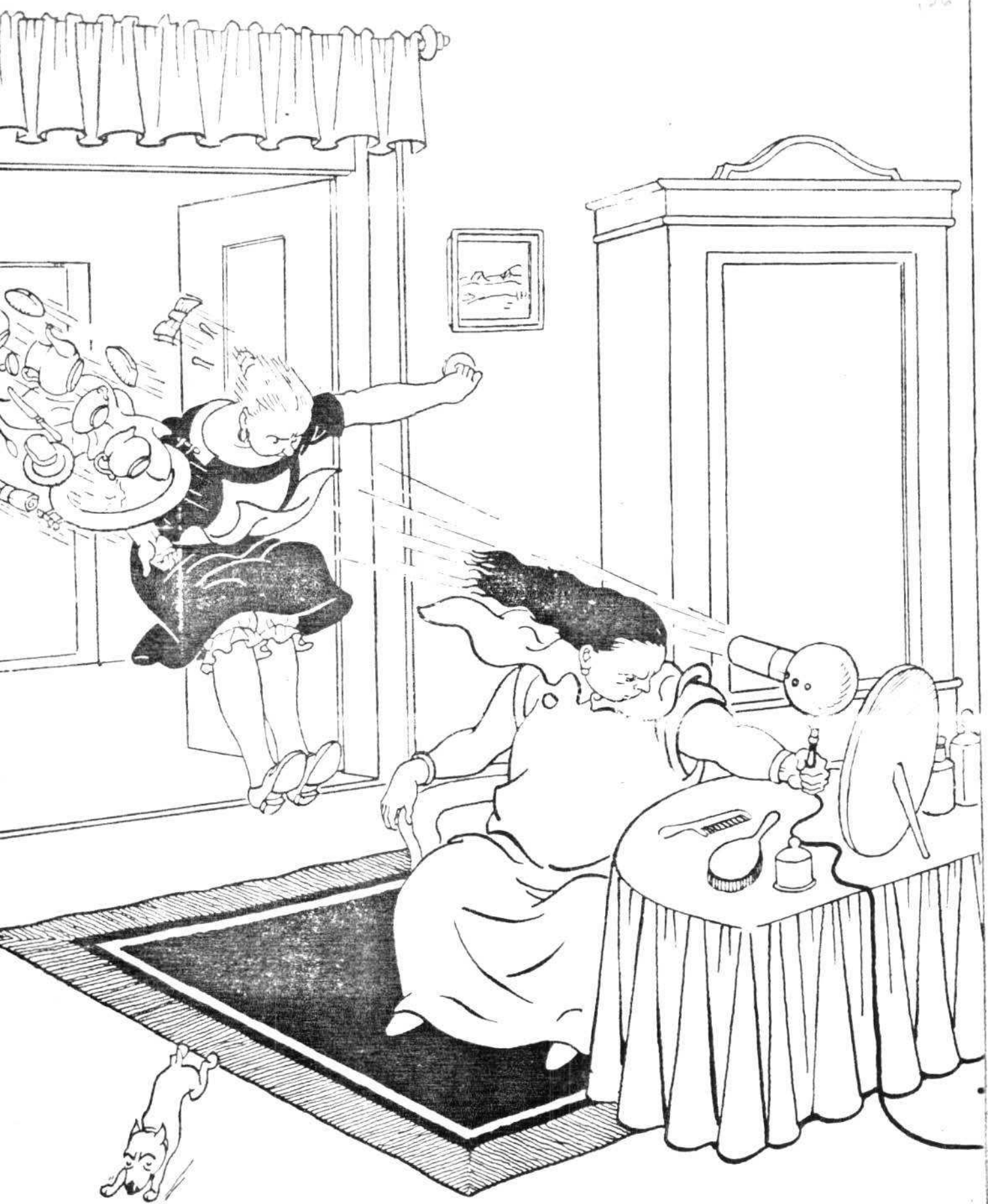
No cabeleireiro perde horas sem conta e a conta paga-a o papá ou o seu homem, que consentiu na "Garçonisse".

E muito convencidas do belo aspecto das suas nuças fazem pouco das que usam o cabelo "a mulher".!



O JANTAR DE CERIMÓNIA OU O PROBLEMA DO MACARRÃO À ITALIANA NO TEMPO E NO ESPAÇO. ACAA

ILUSTRAÇÃO 1.10.1927



Emmerico H. Nunes

TRAGO AQUI O ALMOÇO, MINHA SENHORA!
ESTOU JÁ COM GRANDE APETITE, MAS LIGUE AÍ A ELECTRICIDADE PARA PRIMEIRO ENXUGAR O CABELO

ILUSTRAÇÃO 1.7.1927



ABC 1.3.1923

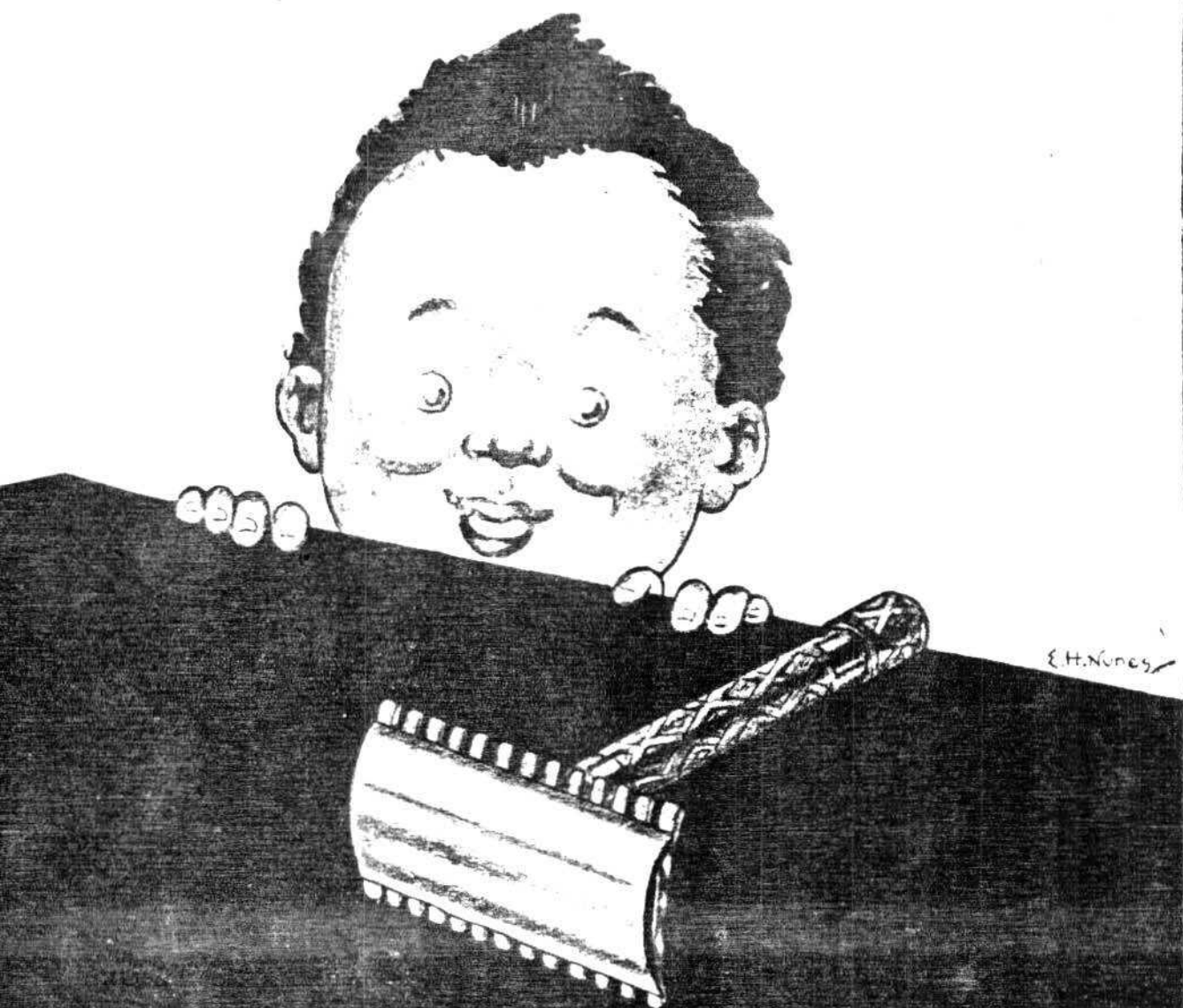


ABC 22.3.1923
(CARICATURA DE EDUARDO VIANA)



128

**"QUEM ME DERA
JÁ TER BARBA PARA
COMPRAR UMA
GILLETTE !.."**



AGÊNCIA RUA DA CONCEIÇÃO, 75, 1.º TELEF. 948 C.
JOÃO MACHADO DA CONCEIÇÃO & C.ª L.ª LISBOA



TODO O HOMEM DE NEGOCIO, ACTIVO E INTELIGENTE,
PARA QUEM O TEMPO É DINHEIRO, SE BARBEIA
COM A

Gillette

AGENCIA GERAL EM PORTUGAL E COLONIAS: JOÃO MACHADO DA CONCEIÇÃO & C^{LA}
RUA DA CONCEIÇÃO 75 1^o TEL. 948 C. LISBOA
SUB-AGENCIA NO PORTO: PACHECO BARROS & C^o
176 RUA FORMOSA TEL. 2712 PORTO

ABC 30.7.1925

O Espirro
é sempre ridículo
e perigoso!




Atenção para a iluminação adequada em suas casas e estabelecimentos comerciais. O novo Lâmpada de Petróleo Sunflower, com o seu mecanismo de segurança, oferece a máxima segurança e a melhor iluminação para a sua casa e estabelecimento.

Petroleo
SUNFLOWER
VACUUM OIL COMPANY

CIVILIZAÇÃO

JAN/1929

131

Para que
nas longas noites de inverno
as horas passem a correr
basta ler o



MAGAZINE
BERTRAND

ILUSTRAÇÃO
1/4/1928



-Está lá?-- É da Livraria Aillaud & Bertrand?-- Aqui fala S. Pedro! Desejo que me enviem com urgencia o

MAGAZINE
BERTRAND

o unico que tem entrada no Céu!

Toblerone



É a alegria e a felicidade das crianças

porque este incomparavel **chocolate de leite suíço com mel e amendoa** é de todos o mais saboroso e o que elas mais apreciam.

Mas, **TOBLERONE** não é só uma deliciosa gulodice.

Pelas qualidades altamente nutritivas dos productos que o compõem, e graças a um processo especial de fabricação que o torna extremamente rico em vitaminas, **TOBLERONE** é também um alimento dos mais completos para as crianças e muito digerivel.

À venda em todos os bons estabelecimentos



MAGAZINE BERTRAND JAN/1929



ILUSTRACÃO 1.12.1927

C I V I L I Z A Ç Ã O

A black and white advertisement for Nestlé's condensed milk. The central image shows a tall, cylindrical can of condensed milk standing next to a white coffee cup on a saucer. The can is partially filled with a dark liquid, likely coffee. The background is dark and textured.

Vertical text on the left side of the can reads: **MÁQUINA LACTINER NESTLÉ**

Vertical text on the right side of the can reads: **LEITE CONDENSADO ASSUCARADO**

At the top right of the can, the word **MOÇA** is written in a bold, sans-serif font.

At the bottom of the advertisement, the word **NESTLÉ** is written in a large, bold, sans-serif font.

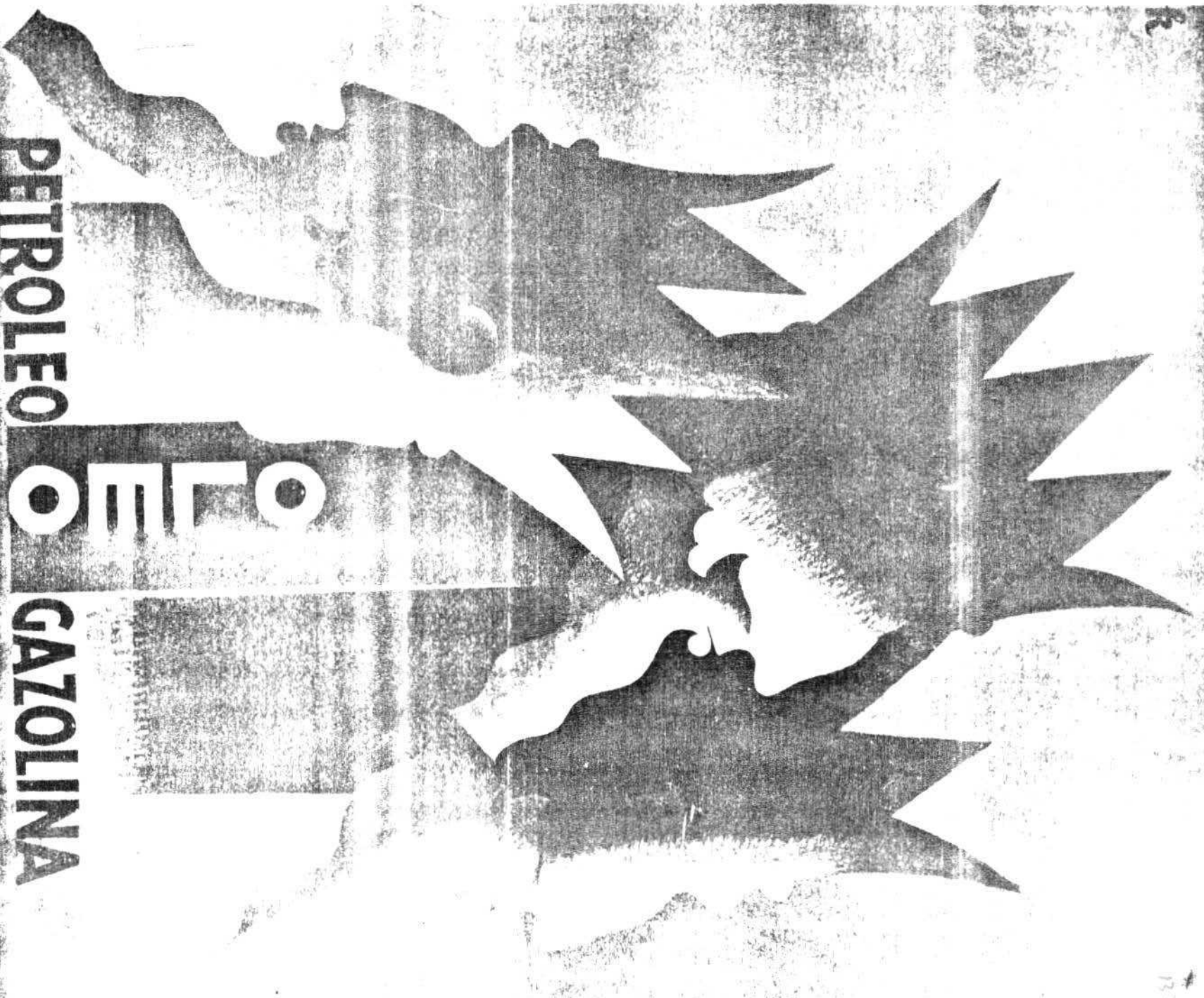
- 3

C I V I L I Z A Ç Ã



(CASSANDRE)

CIVILIZAÇÃO MAIO/1929



**PETROLEO
O LE
GASOLINA**

SHELL

OS TREZ REIS MAGOS

THE LISBON COAL & OIL FUEL C. LTD

LISBOA - PORTO - COIMBRA - FARO

ILUSTRAÇÃO 1.4.1929

30



BERTRAND IRMÃOS LPA

TEL. T.96

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA

VOGA N: 9

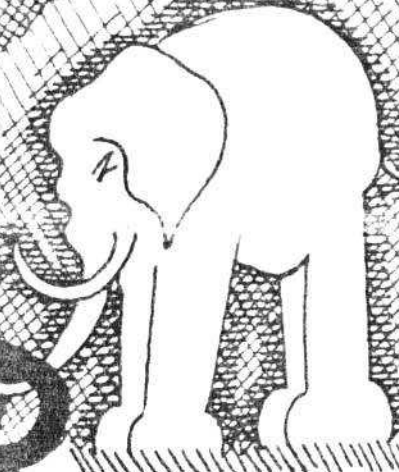
C I V I L I Z A Ç Ã O



BERTRAND (IRMÃOS), L.^{da}
IMPRESSORES - GRAVADORES - Tel. T. 96
 TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

CIVILIZAÇÃO MAIO/1930

BERRÃO IRMAO LA



FOTOGRAVADURES

T. DA CONDESSA DO RIO 27

TEL. T. 96
LISBOA

O VELHO, O RAPAZ E O BURRO



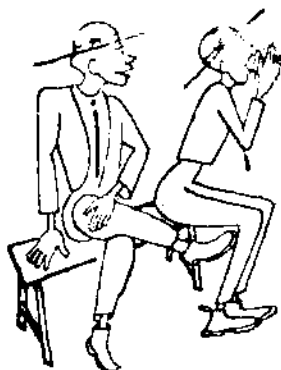
I

Partia um velho camponio
do seu monte ao povoado:
— levava um neto que tinha,
no seu burrinho montado.



II

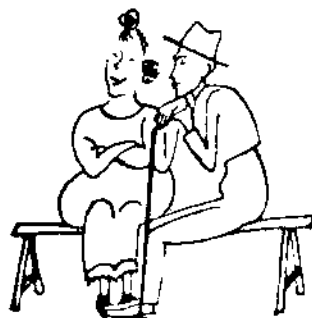
Encontra uns homens que dizem:
— Olha aquele, que tal é!...
Montado o rapaz que é forte,
e o velho, tropego, a pé! —



III

— Tapemos a boca ao mundo —
o velho disse. — Rapaz,
desce do burro, que eu monto,
e vem caminhando atrás. —

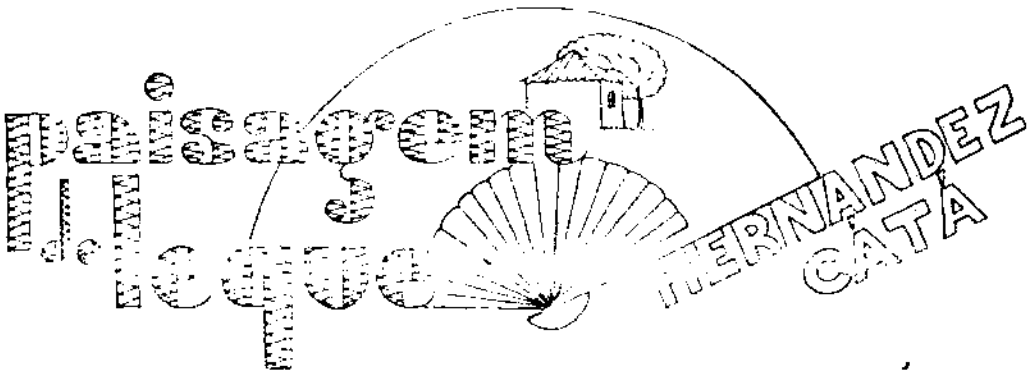
Monta-se, mas dizer ouve:
— que patetice tão rata!
O tamanhão, de burrinho,
e o pobre pequeno, á pata!



IV

— Eu me apeio. — diz, prudente,
o velho de boa fé:
— vá o burro sem carrêgo,
e vamos ambos a pé. —

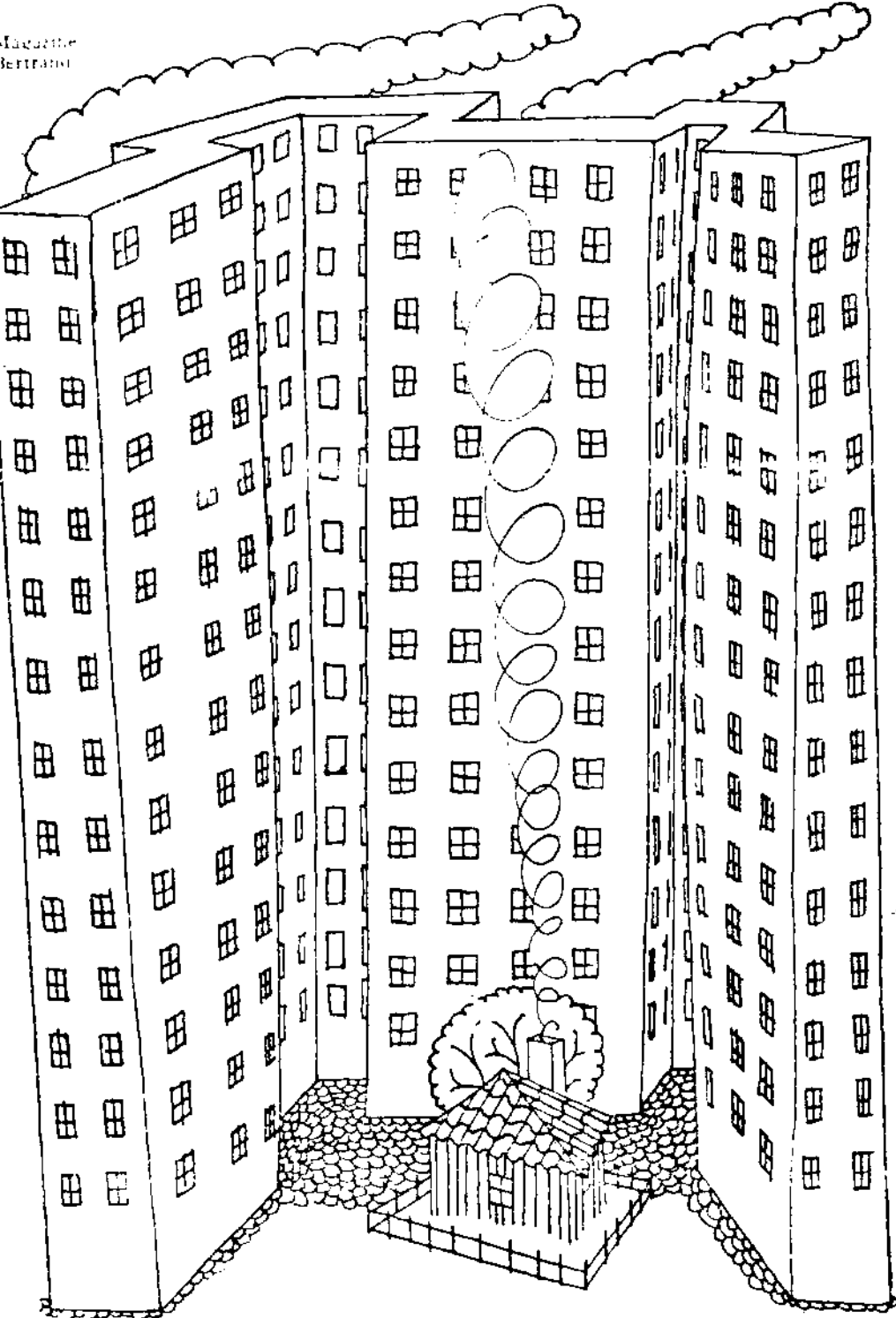




ILUSTRAÇÕES DE ALMADA NEGREIROS

MAGAZINE BERTRAND

FEV. 1929



...dade não se zindo a ponto de brilo, as duas
mulheres voltaram nos seus comentários:

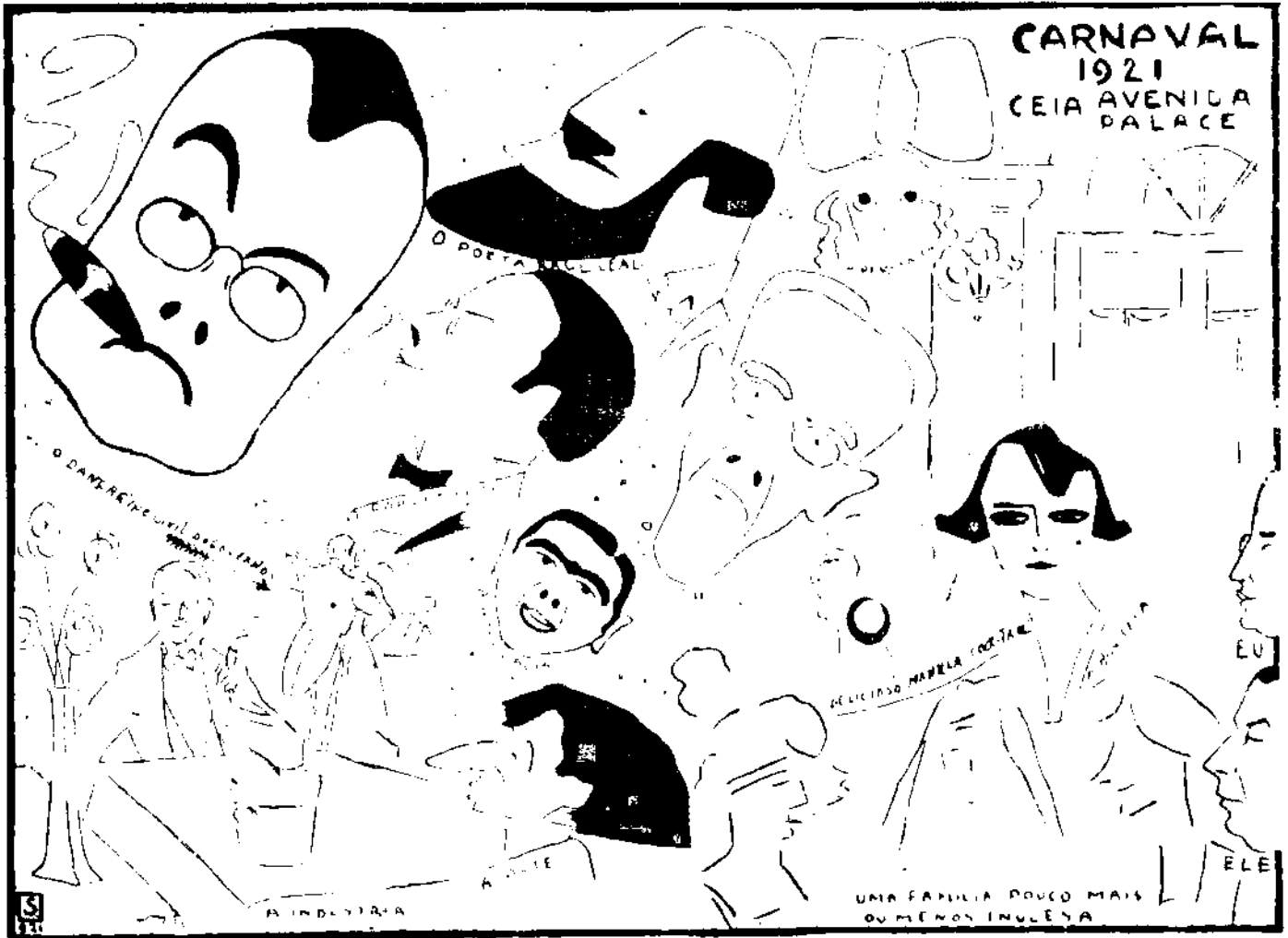
— Dantes tu' era mel' Agora, quando éle
surte, tu' que és m' f'is.

...a...

Está sequinho de todo. Assentam-lhe os
años como se tivesse os filhos que eu tenho.

— Em compensação, a outra está cá la vez
mais arrebitada! E com uma maneira de
andar e um jeito valer o que Deus lhe deu.

A. Sanches de Castro



ABC 24.2.1921

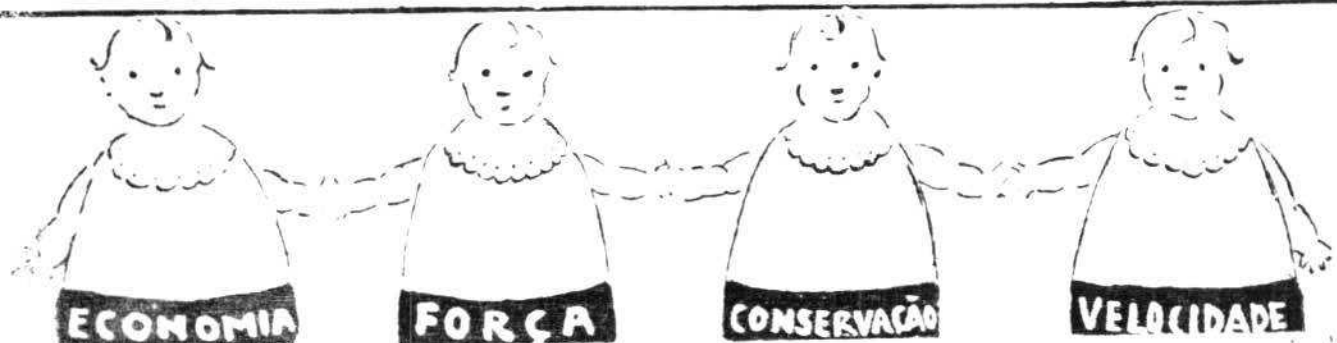
UM CASAMENTO FELIZ...



M^{lle} Gasolina Shell
COM O
S^{nr.} Oleo Shell



E COM BONS RESULTADOS FUTUROS



José Dias Sancho



Antonio Ferro
director da Ilustração Portuguesa

1

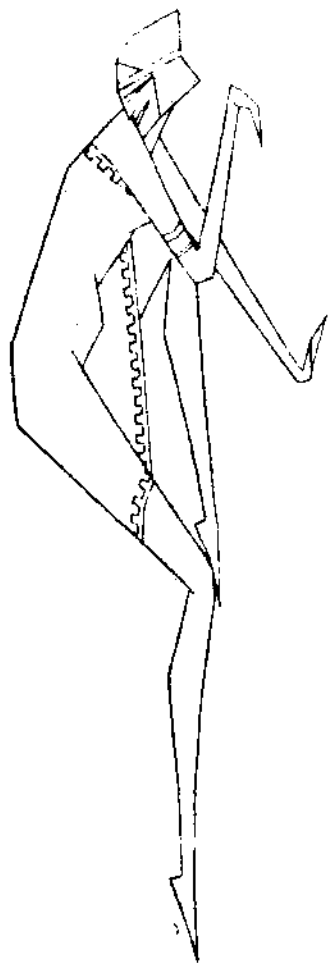
ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA
24.12.1921



JANCO

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA
24.6.1922

BAILADO INCOMPLETO

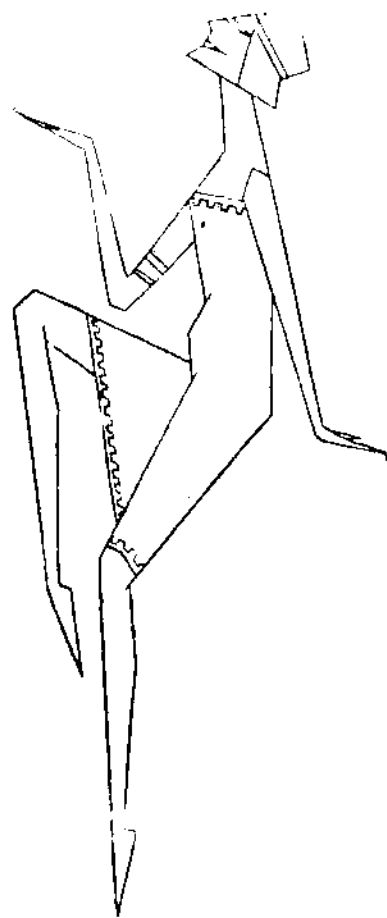


«écran» do seu corpo fugidio...

A bailarina não está só. Ela baila consigo, ela beija-se nos seus gestos, abraça-se nas suas atitudes... Nos seus bailados ha muitas bailarinas, nos seus bailados os seus braços, os seus dedos, os seus olhos, a sua boca, os seus cabelos — dançam como num palco...

A bailarina é a grande malabarista das linhas. Se falha alguma dessas linhas a bailarina ou desaparece ou embaraça-se como um novelo...

A bailarina foge sempre-se perseguida por ela propria, oculta-se, medrosa, no seu ritmo, procura dar ao seu corpo a forma dum bailado... As suas mãos são Pawlovas. Cada um dos seus pés é um Nijinsky doído... Ela não se resigna a ser humana. Ela quiere sair, a todo o custo, da fórmula que Deus lhe deu, como um rio impaciente quiere sair do seu leito... Pretende cinematografar-se. Ela triunfará quando nos seus braços houver a ondulação de mil braços, quando ela fôr o proprio



Deus, no corpo das bailarinas, escreve direito por linhas tortas...

A bailarina não é um corpo, é uma ideia de Deus... As bailarinas são as «maquettes» do Creador para uma nova Humanidade...

A bailarina está prestes a naufragar no seu bailado. Ha bailados que são tempestades — tempestades de Ritmo...

Tres posições da mesma bailarina equivalem a tres bailarinas...

ANTONIO FERREI

Desenhos de APELES ESPANCA



OS TEATROS

TIC-TAC-TIC-TAC

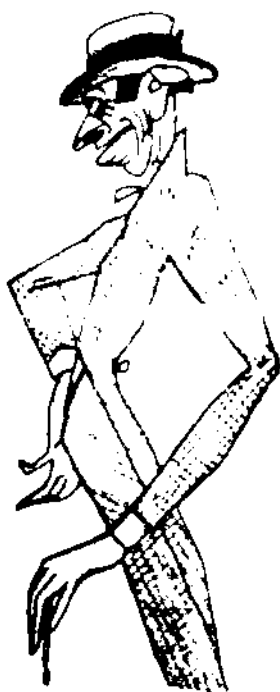
As revistas portuguesas são todas mais ou menos, taques-taques. Este *Tic-Tac* do Eden, se não é um *Tic-Tac* de pulso, é pelo menos, um *Tic-Tac* despertador...

As bailarinas fazem quando a noite com as pernas ao ar, fazem-no com o evidente despreendimento de quem não se importa de ter de as ir apanhar depois...

REVISTA deve ser sinonimo de baiburdia! Os fadinhos langorosos que de quando em quando surgem nas revistas aborrecem-me como quando encontro um cabelo na sopa, ou tenho de concentrar a vista para uma visita de pezames. Mas para que há-de as revistas ter um fumo no braço?

TENHO tanta eslima por um *compere* de revista como por uma tia velha que me tivesse contado historias em pequeno.

As nossas graciosas coreistas bailam... E dizem ás outras, bailando:— Lá te enganaste!... Olha que agora era a perna esquerda!...



O nosso publico já não pode dispensar as bailarinas belgas. Qualquer dia são promovidas a nota regionalista.



No *Tic-Tac* ha um quadro feizo, o quadro passado nos bastidores dum teatro. Dizem que nao é original. Que admira que um quadro de revista seja um quadro revisto?

ZULMIRA Miranda na *Triste Fria* consegue ser bonita. Tem tanto o receio de que o publico tome o seu papel a serio, que faz todos os esforços por não ser triste nem feia...



O Ghira quando viaja, viaja encaixotado e por partes, como as maquinas que vem de fora... As revistas em que ele entra são as mais dificeis de montar...

J. MA de Oliveira... ra e uma estrela caída...

TIRA-LINHAS

(Desenhos de Cottinelli Telmo)

SINFONIA DO INVERNO

A MENINA SUZANA — A MISÉRIA DA SR.^a MIOQUE-
LINA — «TORRÃO DE ALICANTE» — «MENINÁS
DESTA RUA...» — «DEZ RÉIS, TRINTA!...»
— MEXILHÃO E MARMELOS ASSADOS
— A PAIXÃO INEXTINGÍVEL DO
SR. AGOSTINHO — O GRANDE...
PEQUENO MUNDO DE UMA
ARTÉRIA SOLITÁRIA
E TRISTE

a boca, mostrando língua vermelha e arfando as asas, me arremessava, em cadenciadas mesuras, hora sobre hora — cou-cou, cou-cou, cou-cou... À quantas locubrações me obrigou aquele pássaro quasi milagroso, que cantava, batia as asas, assomava à porta e abria a boca como se fosse de carne e osso! A dificuldade daquela mecânica encantava-me, maravilhava-me.

E por entre as sombras destas recordações outra sombra me aparece hoje: — a silhueta esbatida de minha avó, embiocada em um lenço negro para lhe abafar os ouvidos molestos, o rosto macilento, os olhos escuros, suaves, inteligentes, brilhando por detrás dos óculos, o corpo franzino e friorento, já alquebrado, vestido de preto severo, e um quê de austeridade a emanar de toda ela que ainda perdura no meu espírito ao evocá-la com saudade e respeito.



folhas amarelecidas que tombavam melancolicamente na relva, me causavam arrepios de frio. Passava então longas horas, trepado a um banco, o rosto contra a vidraça espreitando a rua onde os transeuntes e os veículos eram mais raros do que em um deserto asiático.

Todos os pormenores da vida calma, provinciana, daquela artéria lisboeta, onde a erva crescia sem cuidados e os gatos pisando, cautelosos, o macadame húmido, vinham banquetear-se com despojos de peixe que as velhas da visinhança lhes arrojavam por esmola, todos os pormenores — desde o bater estrepitoso das portas aos pregões cantados dos vendedores ambulantes — se me fixaram na memória. E hoje, convocados pela saudade, nesta quadra do ano em que as famílias disseminadas se reúnem à mesa da alegria e da abundância, eles veem naturalmente até mim e estão presentes, sor-

A EVOLUÇÃO DO NAMORO

Bonecaria de TOM

Comentada por BLUFF

PERAISO — TODOS OS
NVESTIGADOKES HISTÓ-
RICOS DE CERTA FAMA
COINCIDEM EM AFIRMAR
QUE O PAI ADÃO FOI O
PRIMEIRO DOS HOMENS
E COMO TAL, LOGO QUE
SURTIU, DUMA DAS SUAS
DELICIOSAS COSTELETAS,
A FIGURA GRACIL DA
MAE EVA, A PATRONA
DO «NU ARTISTICO». SE
TORNOU O NOSSO COMUM
ANTEPASSADO
NO PRIMEIRO
DOS NAMORA-
DOS. ARGU-
MENTOS NÃO
OS TINHA,
NEM PALA-
VRAS DÓCES,



NEM SEQUEER DENCICES SEDUTORAS. INTERNAL, ARKANJOJENOS ESTE VALE
EMPUNHAVA A MAÇA FATAL E INSPI- DE LÁGRIMAS. O PRIMEIRO NAMORO
RADO PELO SILVO PERVERSO DA SERPE DO COSMOS DEU ASNEIRA!

O Fantástico, era uma gruta, de stala-
de cartão palhetado a bronzinas de di-
tes côres. Era acanhado, quente e es-
Degenerou nisso a que hoje chamam
tas e assim morreu.

Central era um fundo de mar, com
s, conchinhas, grinaldas de limos e
o écran colocado na parede oposta à
tem hoje. O Foz era incharacterístico.
Salão da Trindade, êsse desempenhou
importante papel na sociedade al-
ha.

Qual?

Acabou com os bailes de máscaras,
rados em geral, a carrascão e ben-
las. Creio que foi êste salão, quem
ou o «Oportuno».

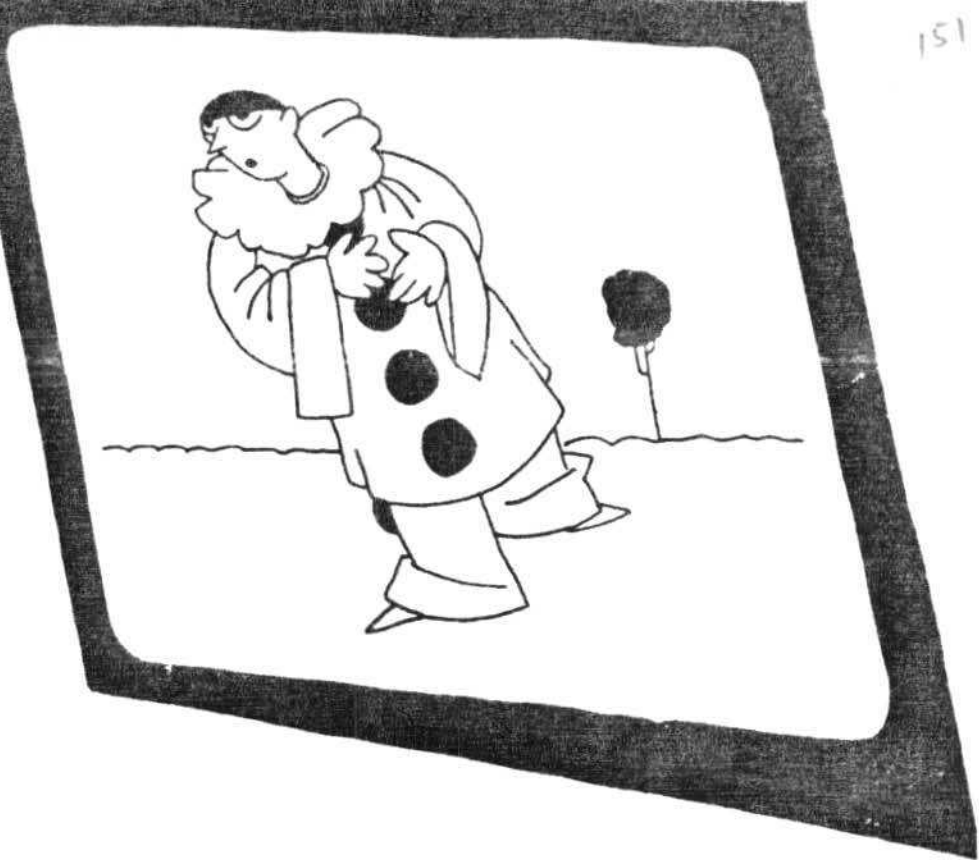
Mas quem era o «Oportuno»?

Era o mais precioso auxiliar da
ria do tempo. Era o homem que,
Lisboa, conseguia arrancar, com
quer objecto, a maior soma de
eiro, nas casas de penhores.

Como o cinema aparece li-
o à vida íntima da sociedade
tempo...

E até à política. O Chiado
asse, depois da proclama-
da República, viu as suas
itas abaladas. Não sabe
quê? Porque o Chiado Ter-
e era o cinema preferido
s canastras, que era assim
se chamavam as lindas
oetas do tempo e que
n talassas...

Ora os talassas, não que-
n sujeitar-se à mistura
o público que, arvo-
do em patriota e defen-
do novo regime, mal-
tava as pobres senho-
Exageros de neóli-
de uma era nova, a
e ainda não se estava



hábito.
tuado. Per-
doe êste desa-
bafo... Mas eu sou
pelo Passado...
«Voltando ao cinema... O anima-
tógrafo tornava-se pouco a pouco um
vício. Proporcionava muitos prazeres e era
muito barato.

Lisboa acompanhava, dia a dia, o pro-
gresso do cinema, obrigando a exhibir nos seus
écrans, filmes da «Pathé», da «Gaumont» e
«Itala Film», antes de serem exibidos em
Paris ou Roma.

—Uma das impressões mais fundas do ci-
nema dêsse tempo...

—Foi em 1915, no Condes, com um filme
que se chamava «A noite de terça-feira de
Carnaval». Nesse tempo ainda os nomes dos
realizadores não vinham escritos nos cartaz-
es nem nos réclamos da imprensa. Essa fita
fêz com que Almada Negreiros se apaixo-
nasse pelo vulto trágico do pierrot, e que os
literatos e plumitivos do *avant-garde* a fi-
zessem conservar no écran, por *reclame ex-
pontâneo*, mais de 15 dias.

«A propósito do reportório, da escolha de
filmes, não deixe de fazer uma referência ao
Leopoldo O'Donnell. Não pode ser esquecido.
Foi êle, quem com o maior carinho escolhia
e apresentava boas festas, para o público
selecto que desertou do Terrasse, pelos mo-
tivos que já frisei, fundando o Olímpia, que
era então um salão chique, um centro de
elegância e de mundanismo.

—E o cinema falado!

—Isso era muito engraçado. O mesmo

actor fa-
zia person-
gens com diferente
vozes. Havia especiali-
tas em fazer a voz do cão
«Contramestre incendiário» fêz a
delícias do público precursor das pla-
téas que vão hoje assistir ao filme sonoro
o seu illustre colega, na Capetense, em
G., que nesse tempo, mostrava versos
muito bons, porque era um grande poeta:
tinha imensa graça, quando por detri-
do écran, exclamava, numa scena lan-
nante:

—Olha esconde-te ali atrás do al-
redo...».

«Era de escangalhar a rir, a súbita inte-
rupção dos diálogos, a inesperada mudan-
de scenas, obrigando a uma variedade, mui-
pitoresca de vozes e de ruídos. Tão depres-
tocava um piano, como ladrava um cão
como se ouvia uma grande vassoura in-
tando o espraíar das ondas.

«Foram os bons tempos do salão do Loret
e do «Chantecler».

«Essa primeira fase do cinema em Port-
gal, que marca uma etape curiosa na cir-
matografia, fecha com dois aconteciment-
trágicos.

«A morte desastrosa de André Deed,
célebre Crettinetti, que morreu entalado em
dois combóios, na ocasião em que filmav-
e o suicídio de Max Linder, que atacado
funda neurastenia, reconheceu que já n-
tinha forças para acompanhar o gigantes-
passo, que a cinematografia tinha dado,
cujas conseqüências foram os formidáv-
progressos que atingiu, nos nossos dias,
arte do silêncio.

—...Não obstante o filme sonoro?

—Não falemos disso. Eu sou um homem
de outros tempos...

EDUARDO FRIAS



SANTO ANTÓNIO LISBOA

ILUSTR. DE EN. F. L. D. FAIRRO. A. C. VISTA ICE TOM

ASPECTOS E TIPOS DE LISBOA



AS PARAGENS DOS CARROS E A SUA PSICOLOGIA PRÓPRIA...

POR ALVES MARTINS

AQUELES, que todos os dias, tem a despesa certa, matemática, do carro electrico — são exemplos de maior cuidado ainda pela psicologia diferente de cada uma das paragens. Pois olhem que vale a pena. Tudo, na vida, tem a sua psicologia propria; e a das paragens dos electricos não é das menos curiosas — das menos merecedoras de observação. Na psicologia duma paragem, melhor, na psicologia duma estação-terminus, esta toda a psicologia do respectivo bairro.

Mas, entre todas as paragens, ha, pelo menos, cinco absolutamente caracteristicas — divergindo umas das ou-

tras pela qualidade de pessoas que nelas estacionam, pela maneira de deslizar dos carros e pela maneira dos conductores. É a paragem escura, tumultuosa, da Rua de Betesga; a paragem cosmopolita da Praça dos Restauradores; a paragem aristocrática de *Alexandre Her-*

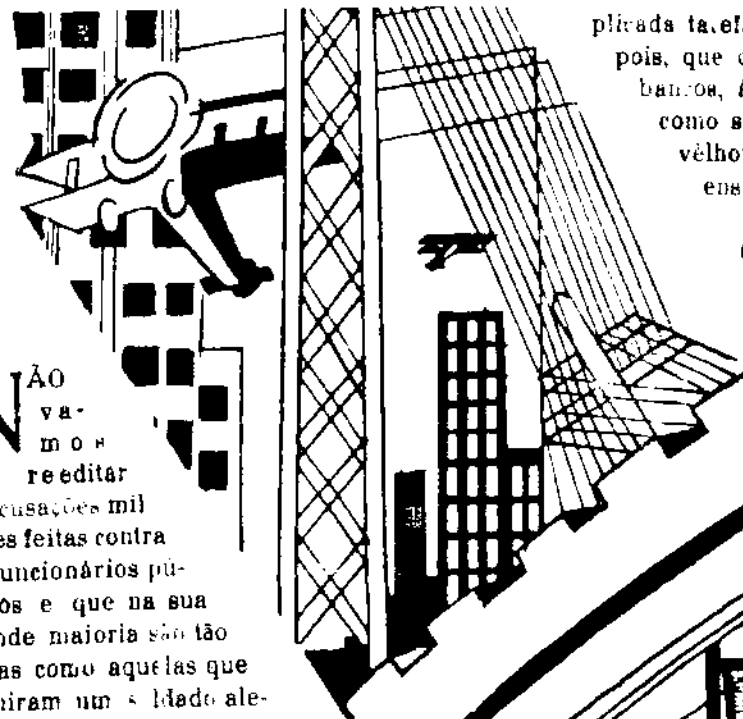


HAGÉLIVE BERTRAND

ABR/1927

COISAS QUE NÃO ESTÃO CERTAS

A REPARTIÇÃO PÚBLICA



AO
va-
mon
reeditar
cusações mil
es feitas contra
funcionários pú-
os e que na sua
de maioria são tão
as como aquelas que
viram um lado ale-
o de auto da Grande
erra, pelo facto de ter
batido na trincheira du-
te um ano.

A Repartição Pública Portu-
ga é uma coisa que nasceu no
po do sr. Conde de Oeiras, mais
ecido por Marquês de Pombal, e
até hoje tem conservado o melhor da
feição primitiva.

Ora, em boa verdade, no tempo do sr.
José, ou melhor, do seu ministro, visto que
a Camara Municipal não quere nada com o
neiro, a Repartição do Estado não era mais que
a chancelaria privada onde o público, por mais
beitavel que fosse, pouco ou nada tinha que fa-
Porém, os tempos correram, as novidades surgi-
trazidas da França ou da Inglaterra, surgiram os
rviços dos Correios com a sr.^a D. Maria I, surgiram os
stos de patente, os da propriedade literária, os cami-
s de ferro, o telégrafo, o demónio a quatro em suma, e
isso representado por uma enorme massa de público
correu para as Repartições que passaram por isso a desi-
r-se de públicas.

O demónio, porém, é que dentro das Repartições nada mudára en-
tanto, e que os mesmos chefes velhotes e casmurros continuaram
tmnar com o dedo trémulo e pombalino a cadência dos negócios do
do. Depois, a complicar a situação, umas dezenas de revoluções lan-
am para o quadro do funcionalismo uns centos de empregados sem pre-
ação cultural e que não pôdem por isso defender-se com brilho da com-

plificada tarefa que cabe ao funcionário moderno. E' preciso
pois, que os Serviços Públicos venham cá fóra, aos grandes
bancos, ás grandes instalações industriais e comerciais vêr
como se atende o público e aposentando umas centenas de
velhotes, excelentes pessoas, mas rotineiros e teimosos,
ensinar os funcionários novos a bem cumprir a sua missão.

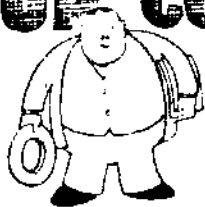
Como se admite, por exemplo, que na Central dos
Correios, no Terreiro do Paço, a venda de sellos,
única, quasi, na cidade, se faça em meia dúzia
de *quichets* apenas, num corredor imundo, onde
o vento sópra em tempestade permanente e a
bicha úiva todo o dia, ante meia dúzia de se-
nhoras, admiraveis pessoas sem dúvida, mas
que sofrem todas do figado. Eu não peço
mármore e quadros de mestre no re-
cinto da venda de sellos, mas entendo
que o Ripolin—o reclame é gratuito
—e um recinto vasto onde o público
não tenha de sofrer as promie-
cuidades subjectas da *bicha* não
são incompatíveis com os re-
quisitos do Estado.

E' óbvio que o serviço
dos Correios foi tomado
como exemplo entre
todos os serviços pú-
blicos e que o mes-
mo critério se
deve aplicar
aos outros.

ADOLFO
COELHO



O "SALVADOR" CONSELHEIRO OU UM CONSELHO SALVADOR



.. Era uma vez um senhor gordo..



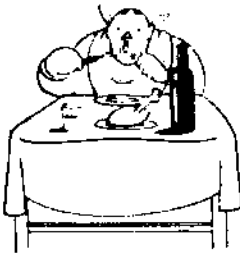
Saiu de casa muito cedo..



A correr para os electricos



.. Sempre de telegrama na mão..



.. Almoçava em 10 minutos



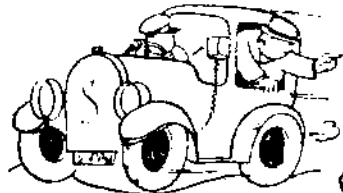
.. Estava horas na bicha do Telegrama



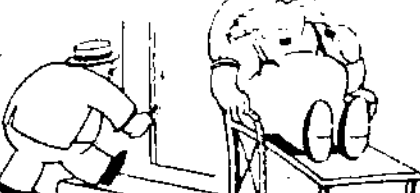
Mandava os moços a recordos



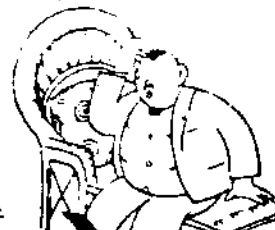
.. ia às lojas fazer compras



Gastava a larga nos taxis



Voltava a casa atarefado



E quando julgava estar livre

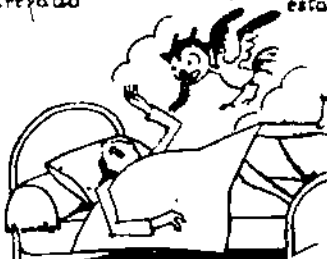
Comecia a diminuir aos pés porque es- quecera um remédio



.. Lá voltava à farmacia!



.. Esta vida ia-o tornando um senhor magro..



.. Pois dormia sempre com pesadelos



Ora um dia encontrou o Salvador



.. "Pois a mim, sobeja-me o tempo!"



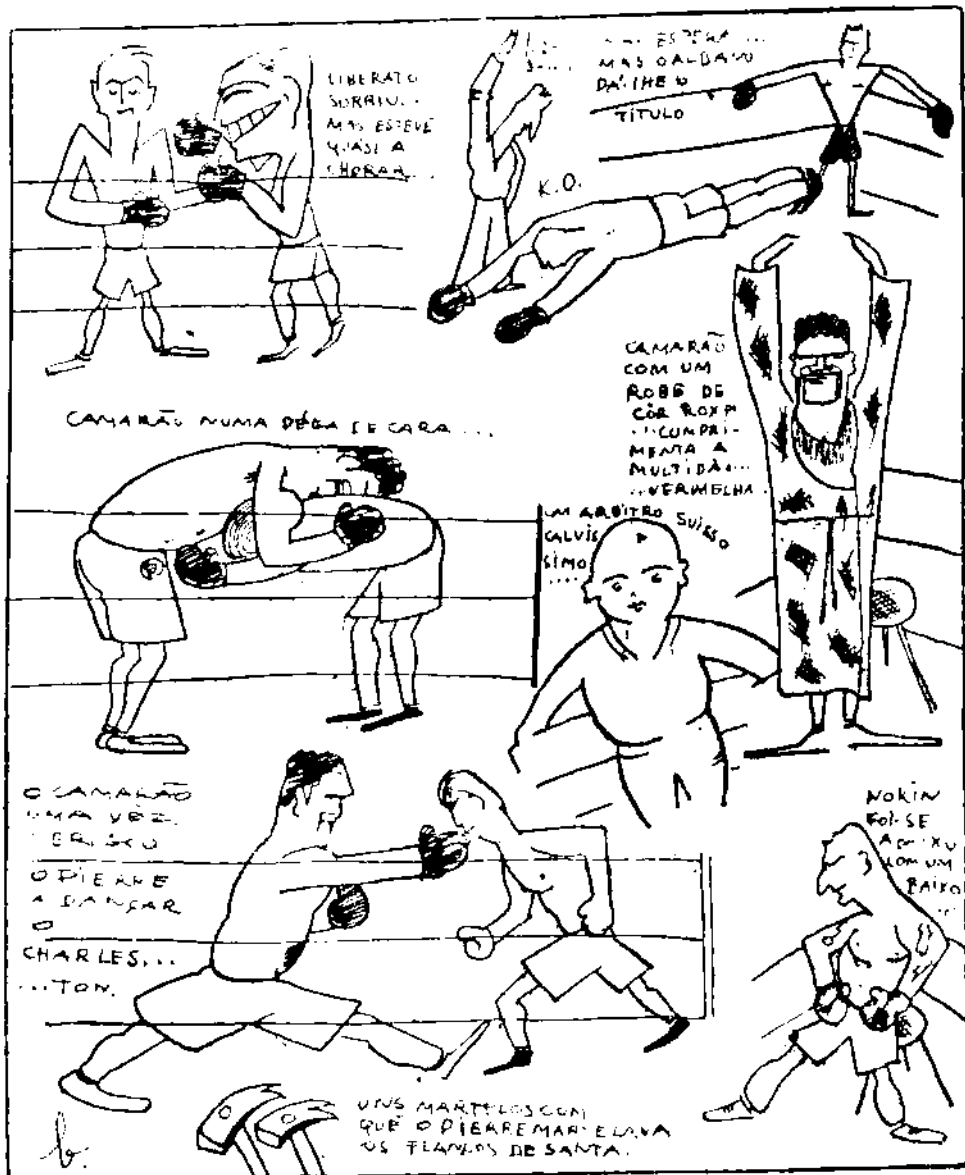
Voltou para casa a pensar no conselho de Salvador..



.. E passado pouco tempo era outra vez um senhor gordo!



.. Grupos de telefone que instalou e por onde ficou agarrado a seu vício. Mas sabia encontrar uma saída de seus telegramas e etc. tudo com economia rapidas e comodidade!

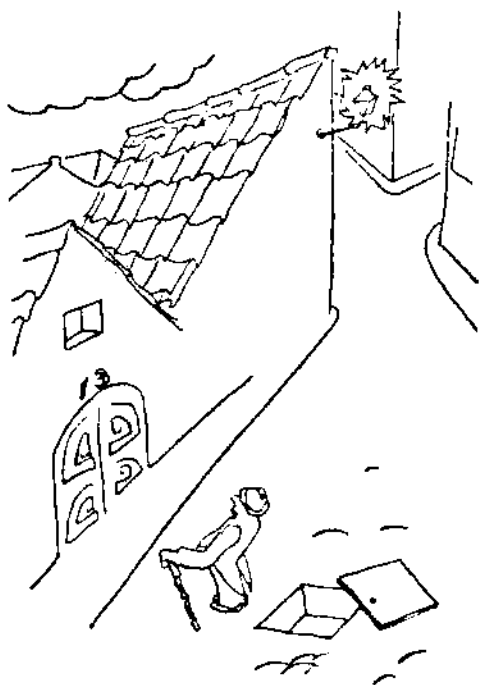




DUAS ANEDOTAS

TEXTO E DESENHO

DE OLAVO EÇA LEAL

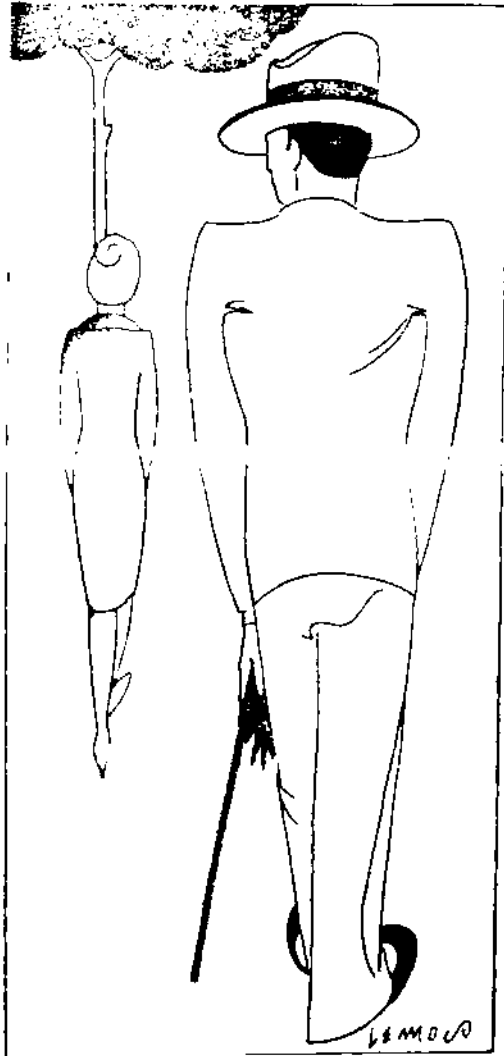


— Número 13! Sinto-me à beira dum enigma... Devo recuar?!...

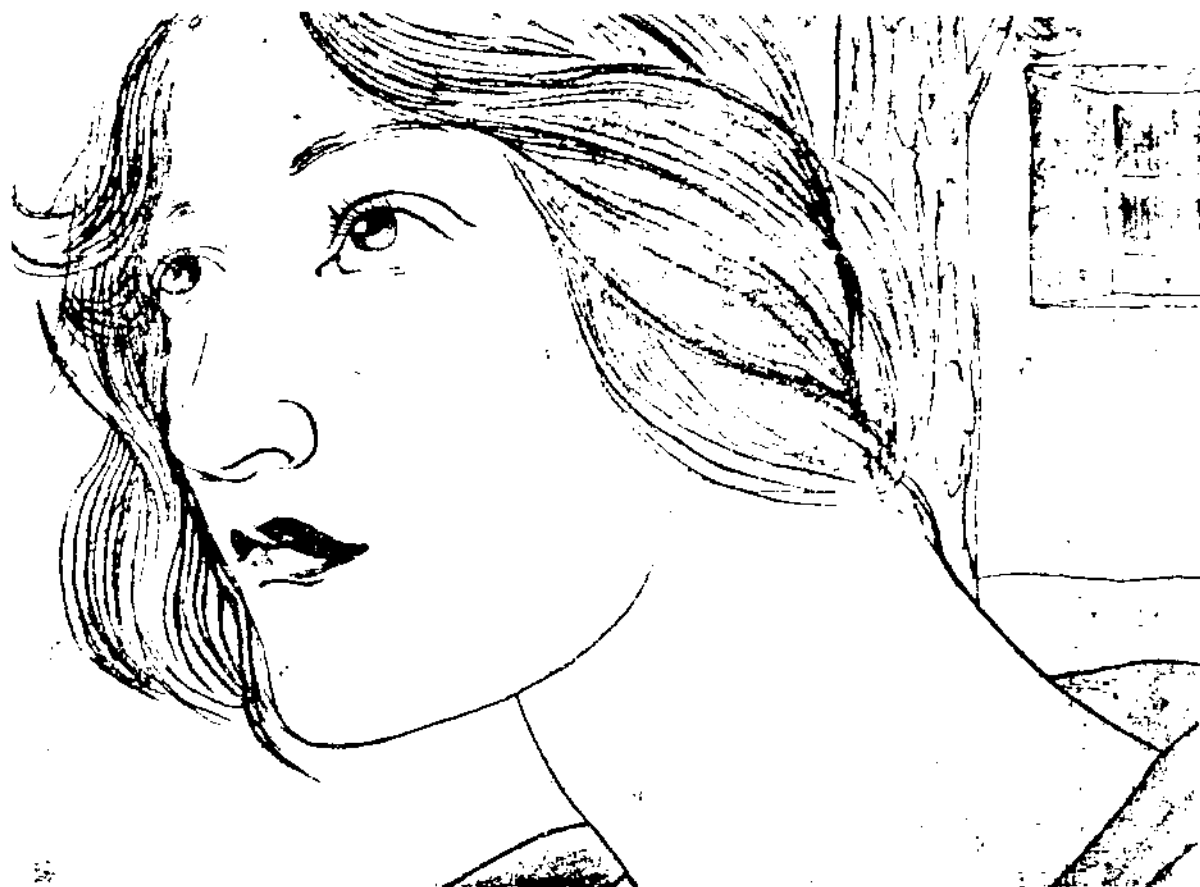


— Meu senhor! Ajude um pobre trabalhador desempregado de nascença!!

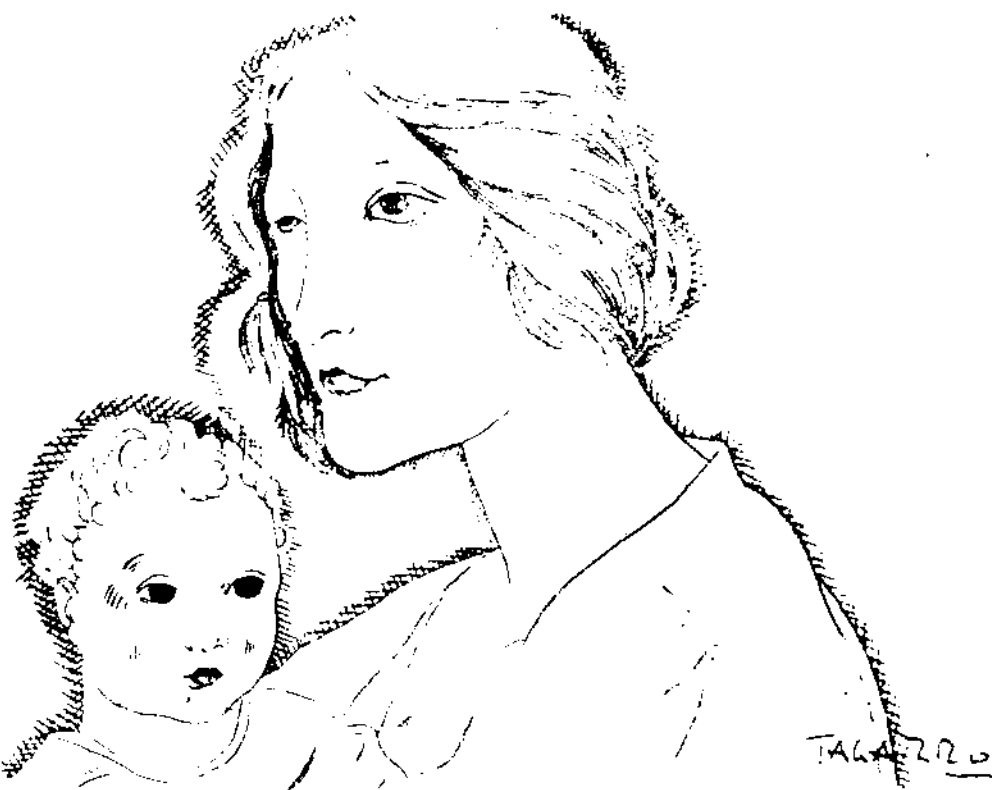
MAGAZINE BERTRAND
MAIO/1928



MAGAZINE BERTRAND
MARÇO/1930



MAGAZINE BERTRAND JUN. / 1930



TAGARRO

MARI BELCHIA

CONTO POR PIO BAROJA

DESENHOS DE JOSÉ TAGARRO

MAGAZINE BERTRAND DEZ. / 1930

Júlio de Sousa

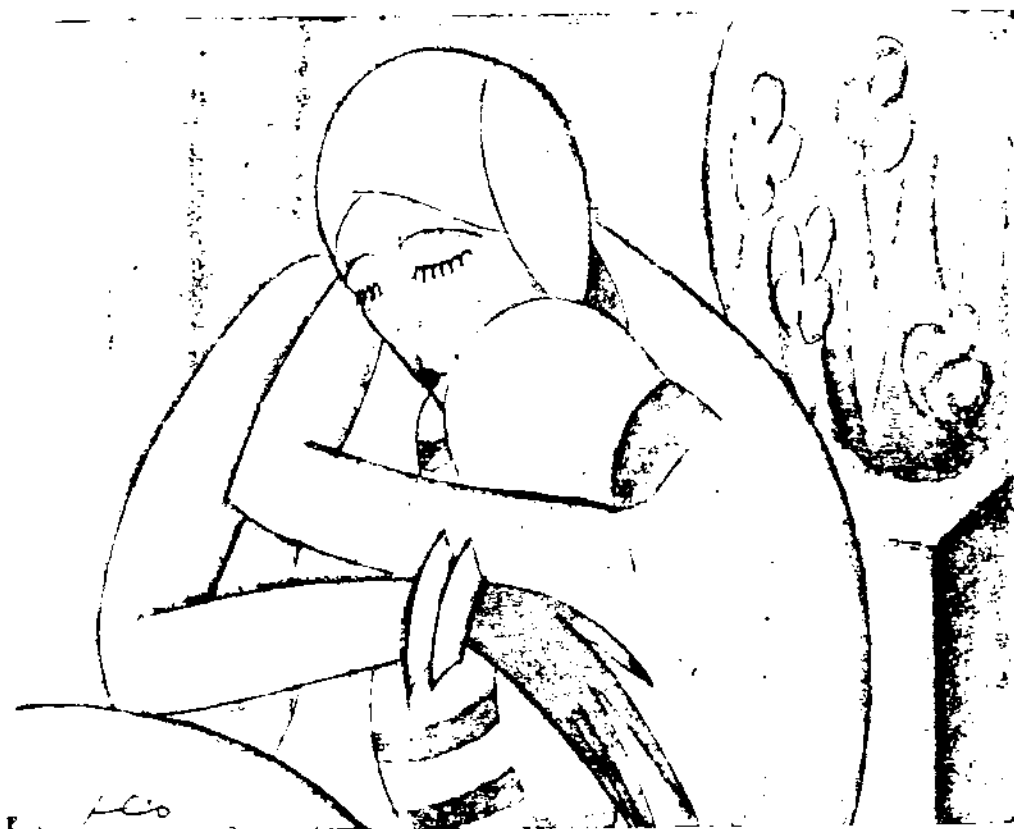
A ENCRUZILHADA DO AMOR E DA MORTE

COSTO INÉDITO DE AURORA JARDIM ARANHA

ILUSTRAÇÕES DE JÚLIO DE SOUSA

MAGAZINE BERTRAND

FEV/1929



MAGAZINE BERTRAND

1.7.1929

COMO OS HOMENS SE ESTILISAM



ABC 13-11-1930



Os Vinhedos

por **FERNANDO DE PAMPLONA**
— DESENHO DE RODOLFO —

ABC 2.6.1927

MILAGRE DE VENTRILOQUIO

POR

FERNANDO DE PAMPLONA

ILUSTRAÇÕES DE

RODOLFO



gostas
dêle, real-
mente?

— Muito... —
murmurou u m a
voz fria.

— Mas que «muito» tão
pequeno, Leonor! Saíu-te
da boca receoso, hesitante, às escondidas,
sem que quâsi desses fé... Parecia um ladrão
nocturno a escapar-se da policia... — da poli-
cia da verdade!

— Sempre criança! Sempre a confundires
a vida com um grande bazar, repleto de

Luís. Estimo-o, admiro-
-lhe as qualidades, a inteli-
gência. Conhecemo-nos já há

muitos anos. Conhecemo-nos tão
bem como o pintor conhece as tin-
tas — e, noite e dia, como êle, compo-

mos sempre novas côres... Nascemos no mes-
mo meio, tivemos a mesma educação e nos-
sos espiritos semelham as duas gêmeas de um
só fruto. Quando o oiço falar, pergunto às
vezes a mim mesma se as suas frases são
minhas, se são dêle, ou se não são de ne-
nhum de nós, para serem apenas de nós am-
bos...



A
Arreira
do

Farça mundana em 3 instantes

por José de Faria Machado

CIVILIZAÇÃO MAIO 1930



ESCRAVA

*O meu Deus, o meu dono, ó meu senhor!
Eu te saúdo, olhar do meu olhar,
Fala da minha boca a palpar,
Gesto das minhas mãos tontas de amor!*

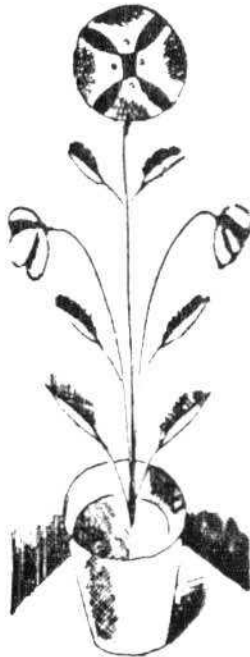
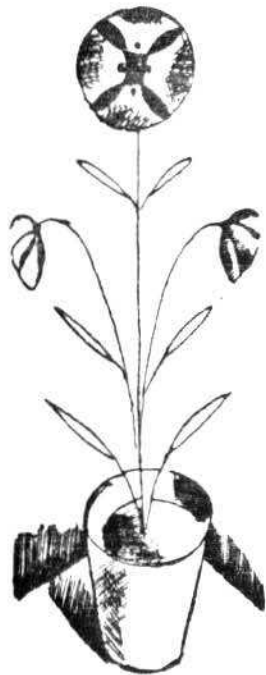
*Que te seja propício o astro e a flor,
E que a teus pés se incline a terra e o mar
P'los séculos dos séculos sem par,
O meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor!*

*Eu, doce e humilde escrava, te saúdo
E de mãos postas em sentida prece
Canto teus olhos de oiro e de veludo.*

*Ah, êsse verso imenso de ansiedade,
Êsse verso de amor que te fizesse
Ser eterno por toda a Eternidade!...*

FLORBELA ESPANCA

— 70 —



Bertrand



VIRGINIA LOPES
DE
MENDONÇA

DESENHOS DE AMARO

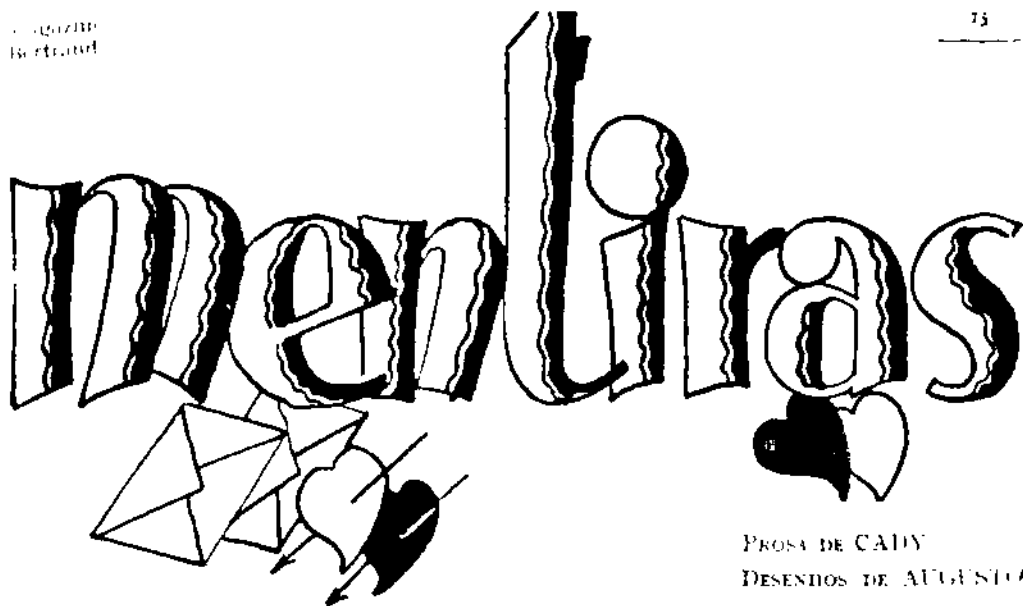
MAGAZINE BERTRAND
JUL./1929

ILUSTRAÇÃO



ILUSTRAÇÃO 1-6 1929

mentiras



PROSA DE CADY
DESENHOS DE AUGUSTO

Lisboa, 13 Maio 1929

Meu amigo,

Levante-se da minha última carta? Querava-me nela da frieza do Carlos. Queixava-me de tudo o que você conhece desta horrorosa vida que arrasto há três anos. Já passaram perto de vinte dias desde essa carta queixosa e dolorida e tenho resistido ao desejo de lhe escrever para não o aborrecê-lo. Mas falta-me coragem e pressa que me impede.

O Carlos não vem a casa desde sábado. Hoje é quarta-feira. Que ia ao Porto, disse, em nome de um assunto urgente. Levou uma mala pesada. Mas eu sei que ele não partiu, que está em Lisboa, eu sei que ele me quer alguma, tudo me diz, dizem-me todos. Dê-me um conselho, socorra-me com a sua estima, meu único amigo, e tenho dó da

Paulina

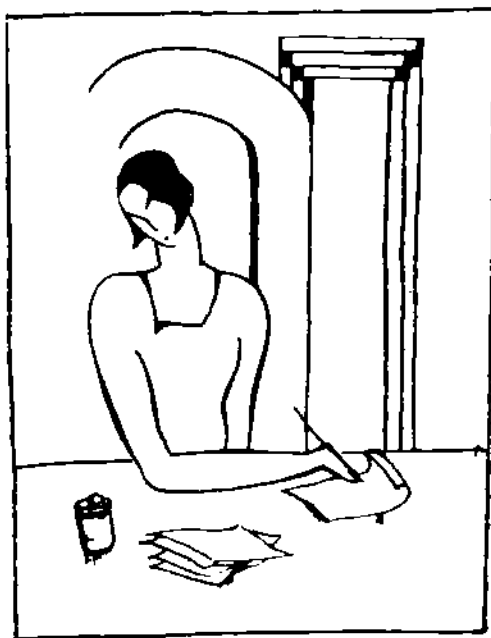
Sua, Maio 17-1929

Paulina, minha amiga,

Que quer que responda à sua carta tão delicada e enternecedora? Não tenho aqui à mão as frases feitas que são de uso e o custo temerário, e, de resto, creio que, se as tivesse, não faria uso delas. Sou demasiado honesto como tal — ai de mim — demasiado fraco para não aproveitar a ocasião que a sua infidelidade me oferece de lhe falar de mim,

de nós. Não me queira mal por esta manifestação de egoísmo e permita-me que lhe fale um pouco do passado. Deixe-me que lhe lembre aquele tempo que já deve ter esquecido, em que me debilitava entre uma ventura que me não queria, que me não podia dar. Já lá vão cinco anos. Tinha então os mesmos cabelos brancos que tenho hoje e eu já nesse tempo: o velho amigo de Paulina. Um amigo a quem se faziam confidências, um parceiro do «brilgo», um passa-culpa.

E no entanto eu queria-lhe Paulina, que-



Paulo Ferreira



ABC 22.5.1930



MAGAZINE BERTRAND
SET. / 1930

Orquestra moderna

CRÓNICA
POR GVEDES DE AMORIM



AFSC 21-11-1929



ILUSTRAÇÃO NATAL/1928

Magazine
Bertrand

19



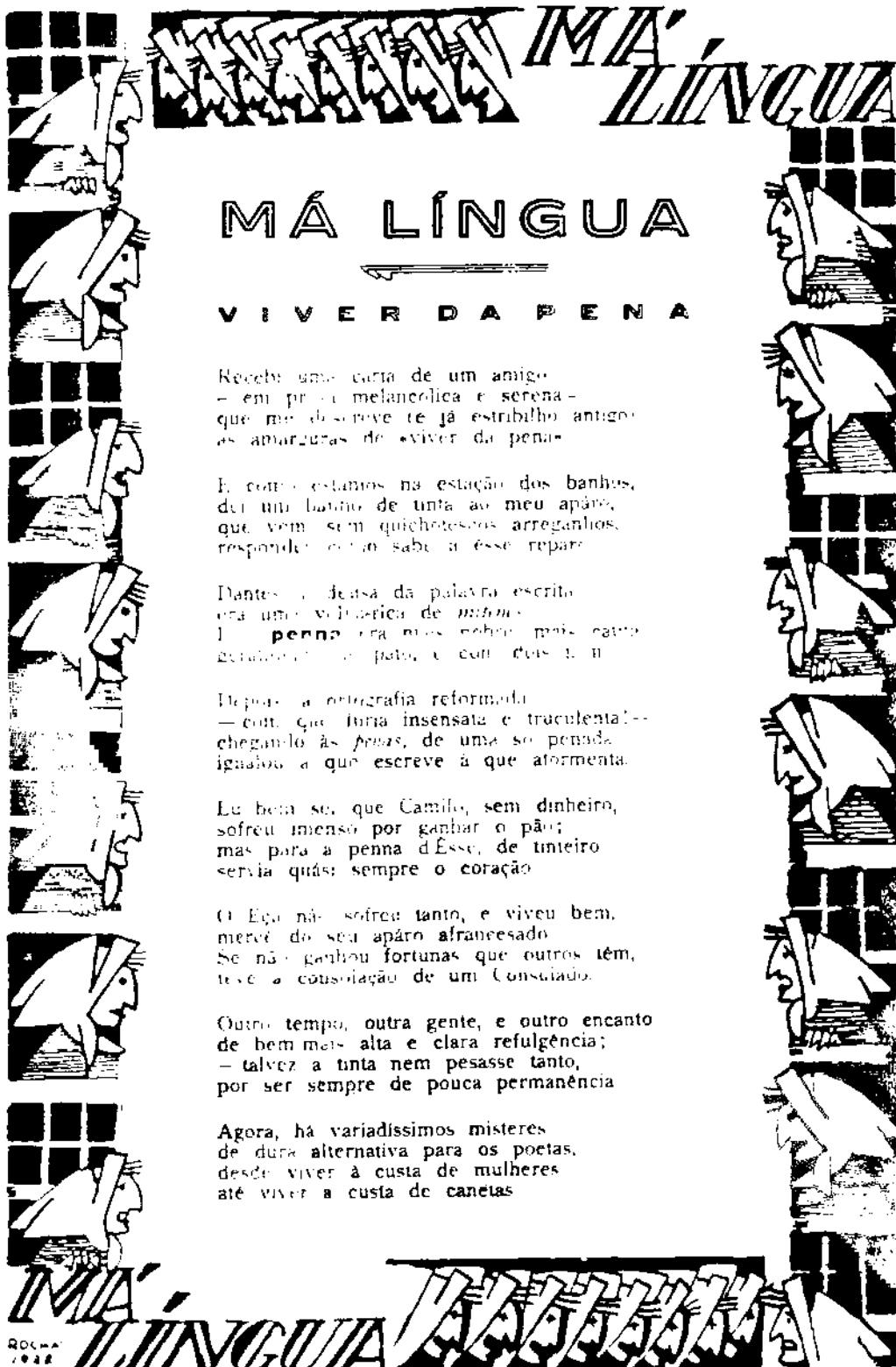
MAGAZINE BERTRAND
DEZ/1930

Príncipe

judar-te a conseguir o
que vires, não tenhas
dizer-te quem sou:
e ninguém
to como eu.
nada, lá se
o do velho.
o céu estava
de maneira
riam brilhar.
parou; abriu

bicho enor-
me e uma
: salam laba-
o ar e pare-
r as nuvens
ssas labare-
fragões ma
m horríveis,
as aos
grande
l ficou
lavam,
sa vez
Daniel,
as ver-
a mão
r parte





MÁ LÍNGUA

MÁ LÍNGUA

V I V E R D A P E N A

Recebe uma carta de um amigo
— em prosa melancólica e serena —
que me descreve te já estribilho antigo
as amarguras de «viver da pena»

E, como estamos na estação dos banhos,
dei um banho de tinta ao meu aparo,
que vem sem quichotesos arreganhos,
responde: como sabe a esse reparo.

Dantes a deusa da palavra escrito
era uma vitorica de *mihim*;
L' **penna** era mais nobre, mais casto
acabando o pato, e com dois . n

Depois a ortografia reformada
— com que Julia insensata e truculenta! —
chegando às *penas*, de uma só penada
igualou a que escreve a que atormenta.

Lu bem sei, que Camilo, sem dinheiro,
sofreu imenso por ganhar o pão;
mas para a penna d'Ésse, de tinteiro
servia quâsi sempre o coração.

O Ego não sofreu tanto, e viveu bem,
mercé do seu aparo afrancesado.
Se não ganhou fortunas que outros têm,
teve a consolação de um Consciado.

Outro tempo, outra gente, e outro encanto
de bem mais alta e clara refulgência;
— talvez a tinta nem pesasse tanto,
por ser sempre de pouca permanência.

Agora, há variadíssimos misteres
de dura alternativa para os poetas,
desde viver à custa de mulheres
até viver à custa de canéas.

MÁ LÍNGUA

ROCHA
1928



Sociedade
Comercial

Portuguesa de
publicações e
telegrafia — Lda

LARCO DE S. DOMINGOS - 11 - LISBOA -

DISTRIBUIÇÃO, VENDAS, ASSINATURAS, PUBLICAÇÕES
E LIVROS DE TODO O MUNDO

BIBLIOTECAS NAS ESTAÇÕES
DE CAMINHO DE FERRO

FILIAL: R. DUQUE LOULÉ, 27 - PORTO -

DISTRIBUIDORA EM

LISBOA
DO MAGAZIN
CIVILIZAÇÃO
E DAS EDIÇÕES
DA CASA
LIVRO DO POVO

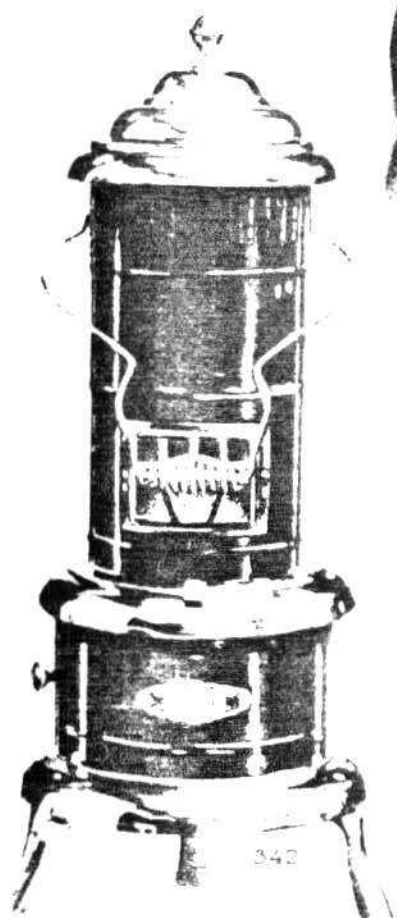
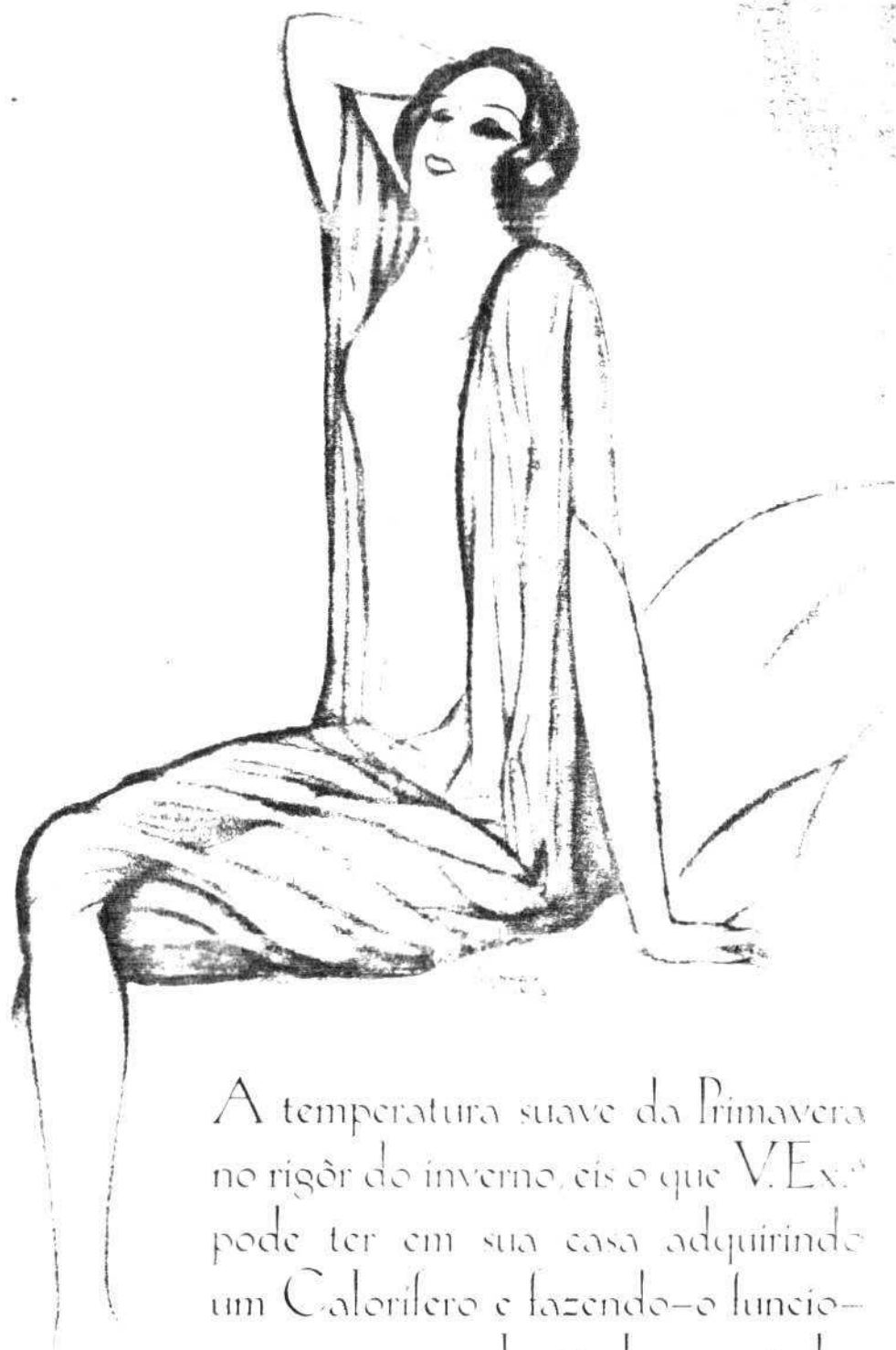
PROG - A
19

CIVILIZAÇÃO FEV. / 1929



VACUUM OIL COMPANY

ILUSTRAÇÃO 1.4.1928



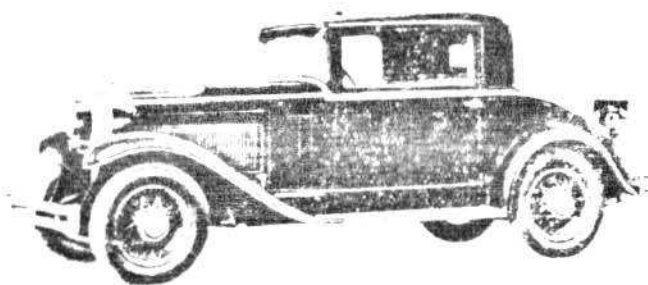
A temperatura suave da Primavera
no rigôr do inverno, eis o que V. Ex.^a
pode ter em sua casa adquirindo
um Calorifero e fazendo-o funcio-
nar com o combustivel apropriado:

PETROLEO SUNFLOWER



VACUUM OIL COMPANY

ILUSTRAÇÃO MARÇO 1928



**APESAR DA SUA
ELEVADA
CATEGORIA
ESTÁ AO
ALCANCE
DE
TODOS**



FIAT 521

ILBERINO
DOS SANTOS





Rocha Vieira
na
EXPOSIÇÃO dos
HUMORISTAS



ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA
26.7.1920



Um dos pitorescos cartões que o Juri da exposição do Brasil regeitou, deixando embarcar obras que unanimente são consideradas inferiores



ABC 3.8.1922